

# A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS



# A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina  
 sProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 aProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## A comunicação e os contextos comunicativos

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Edwaldo Costa  
 Carlos Augusto Tavares Junior

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
C741	<p>A comunicação e os contextos comunicativos /                      Organizadores Edwaldo Costa, Carlos Augusto Tavares Junior. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF                      Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader                      Modo de acesso: World Wide Web                      Inclui bibliografia                      ISBN 978-65-258-1203-8                      DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.038232203">https://doi.org/10.22533/at.ed.038232203</a></p> <p>1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Tavares Junior, Carlos Augusto (Organizador). III. Título.                      CDD 302.2</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
 Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Com uma linha editorial interdisciplinar e abrangente, o e-book “A comunicação e os contextos comunicativos” apresenta artigos, dos mais variados autores, instituições, linhas de pesquisa, gerações e regiões do Brasil e do exterior. O tema destacado nesta obra não poderia ser mais adequado, principalmente se considerarmos o campo da comunicação no momento em que estamos vivendo.

Organizado por Edwaldo Costa e Gabrielli Dala Vechia, os artigos reunidos trazem diferentes debates, conceitos e objetos, visando resgatar e ressignificar criticamente o debate contemporâneo sobre a liberdade de expressão e os contextos comunicativos, especialmente em defesa de uma comunicação democrática.

No conjunto desta obra, temos nove artigos que complementam e ampliam a temática do e-book, abordando: a influência dos blogueiros na mídia impressa e digital; o jornalismo digital e periférico; a segmentação editorial estadunidense, o grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo da Intercom; a Comunicação Organizacional na perspectiva dos funcionários do Instituto Superior de Administração Pública; a tecnologia como instrumento de inclusão e ressocialização do detento pelo ensino superior a distância; o ativismo; as práticas de letramento em tempos de mídias digitais; reflexão em torno dos limites do conhecimento, entre outros.

Como toda obra coletiva, esta precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa  
Carlos Augusto Tavares Junior

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
A INFLUÊNCIA DOS BLOGUEIROS NA MÍDIA IMPRESSA E DIGITAL	
Walace Lara	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322031">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322031</a>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>22</b>
JORNALISMO POPULAR E JORNALISMO PERIFÉRICO - ANÁLISE DO CONTEÚDO DOS JORNAIS “AGORA SÃO PAULO” E “PERIFERIA EM MOVIMENTO”	
Natália Bosco Assad de Souza	
Luísa Guimarães Lima	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322032">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322032</a>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>36</b>
A <i>TRIANGLE PUBLICATIONS</i> E A REVISTA <i>TV GUIDE</i> : A SEGMENTAÇÃO EDITORIAL ESTADUNIDENSE NOS ANOS 1960	
Talita Souza Magnolo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322033">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322033</a>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>51</b>
FUNDAMENTOS E PERCURSO HISTÓRICO DO GRUPO DE PESQUISA TEORIAS DO JORNALISMO DA INTERCOM	
Leonel Azevedo de Aguiar	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322034">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322034</a>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>64</b>
A COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL NA PERSPECTIVA DOS FUNCIONÁRIOS DO INSTITUTO SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, 2013 – 2016	
Náona Denise Paulo Jone Kambala	
Emmanuel Pereso Aliceu Jovo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322035">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322035</a>	
<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>76</b>
A TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E RESSOCIALIZAÇÃO DO DETENTO PELO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Elisa Alencar Silva de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322036">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322036</a>	
<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>86</b>
O ARTIVISMO DO GRUPO QUEBRADA QUEER EM PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA	
Renato Sousa Linhares	
Maria da Guia Taveiro Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322037">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322037</a>	

<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>100</b>
REFLEXÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM TEMPOS DE MÍDIAS DIGITAIS	
Adelcio Machado dos Santos	
Inês Staub Araldi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322038">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322038</a>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>112</b>
UMA REFLEXÃO EM TORNO DOS LIMITES DO CONHECIMENTO	
Dyana Batista de Lima	
Edwaldo Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322039">https://doi.org/10.22533/at.ed.0382322039</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>122</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>123</b>

## A INFLUÊNCIA DOS BLOGUEIROS NA MÍDIA IMPRESSA E DIGITAL

*Data de aceite: 01/03/2023*

**Wallace Lara**

Fundação Cásper Líbero

### 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a influência dos blogueiros em alguns dos principais jornais das cinco regiões brasileiras. O objetivo foi identificar, por meio de entrevistas realizadas com profissionais de veículos jornalísticos de referência, quem seriam os blogueiros que influenciam a pauta jornalística. Antes, porém, de procurar as redações em busca dessas informações é preciso traçar um breve cenário de como o uso da internet tem influenciado o mercado de consumidores de notícias, conhecimentos e produtos.

De acordo com a pesquisa publicada na revista *Mídia Dados*, o Brasil ocupa a quarta posição entre 20 países do mundo que mais usam internet (perde para China, Índia, Estados Unidos). O Brasil tem uma população estimada em mais de 210

milhões de habitantes, com 149 milhões usando a internet, com uma penetração de 70% da população. Os dados foram reunidos em uma pesquisa da Internet World Stats, publicada pelo *Mídia Dados*<sup>1</sup> (2019, p. 210):

As estatísticas são de 30 de junho de 2018 e usou dados demográficos baseados em dados dos EUA Census Bureau, Eurostats e agências locais de recenseamento, enquanto as informações do uso de internet vêm de dados divulgados pela Nielsen Online, pela União Internacional de Telecomunicações, por GfK reguladores de TIC locais e outras fontes confiáveis.

A Internet World Stats também publicou o resultado de uma pesquisa on-line feita pela *G.Net – O TG.Net* com cerca de 3 mil internautas de 15 a 75 anos no Brasil. Em um levantamento realizado entre outubro e novembro de 2016, nos mercados de São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Porto Alegre,

<sup>1</sup> MÍDIA DADOS BRASIL 2019. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo, anual. pp.219-221, 238 e 243. Disponível em [www.gm.org.br](http://www.gm.org.br). Acesso em: 10 nov.2019.

Goiânia, Curitiba e Distrito Federal, Nordeste, São Paulo (interior) e regiões Nordeste, Sul (interior) e Sudeste foi indagado qual a principal função da internet. Para 48,5% das pessoas consultadas, a principal função é “estudar qualquer assunto, de qualquer lugar”. A busca por informação ficou na frente de “comprar qualquer produto sem sair de casa” (35,2%) e “pagar as contas sem ir ao banco” (30,5%) (MÍDIA DADOS, 2019, p.219). O Gráfico 1 mostra por que as pessoas acessam a internet.

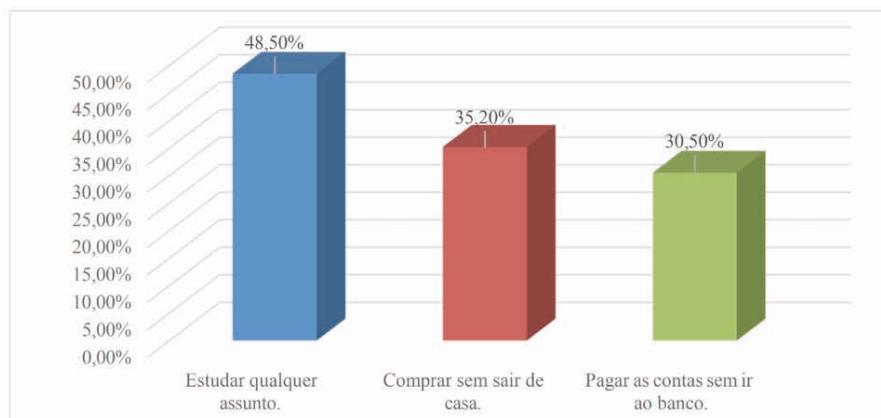


Gráfico 1. Qual a principal função da internet?.

Fonte: Internet World Stats (30.06.2018)

Nota: Publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.219), adaptado pelo autor no formato de gráfico (respostas múltiplas).

A mesma pesquisa avaliou também o que as pessoas andam assistindo. No item “Conteúdo de vídeo”, visto nos últimos 30 dias em relação a data da pesquisa, “Notícias”, ficou em terceiro lugar com 31,2%, atrás de “Comédia” (34,7%) e “Séries Internacionais”(38,5%). O item ficou na frente de “Animações” (26,2%) e “Documentários” (24,2%) (MÍDIA DADOS, 2019, p.220). No gráfico 2, pode-se observar as preferências:

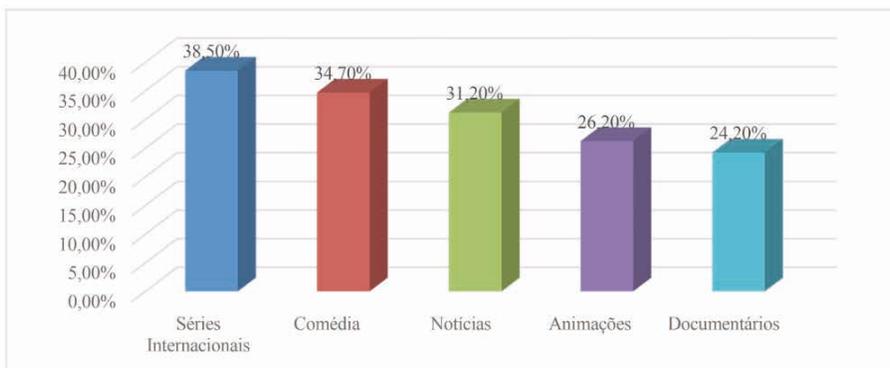


Gráfico 2. O que as pessoas andam assistindo?

Fonte: Internet World Stats. (30 jun. 2018).

Nota: Publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.220), adaptado pelo autor no formato de gráfico (respostas múltiplas).

A pesquisa também observou quais eram as opiniões e atitudes dos internautas. “Considero importante os sites que visito me inspirem confiança” (76,6%); “Quando preciso de informação, o primeiro lugar onde procuro é na internet” (76,1%) e “Eu consigo integrar toda a informação e tecnologia disponíveis em minha vida”, (55%), conforme gráfico 3. (MÍDIA DADOS, 2019, p.221)

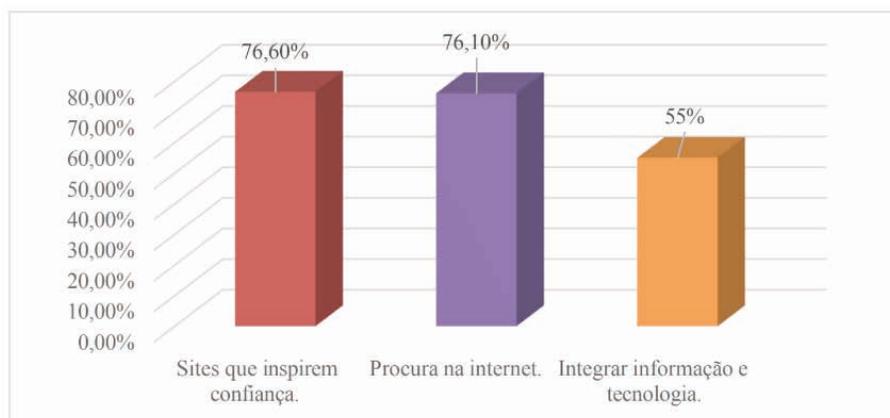


Gráfico 3. Opiniões e atitudes dos internautas na busca por informação

Fonte: Internet World Stats (30 jun.2018). Nota: publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.221) (respostas múltiplas).

A publicação - direcionada ao mercado publicitário – também traz dados sobre o uso de celulares. De acordo com a Anatel, “o Brasil terminou dezembro de 2018 com 229,2 milhões de celulares e densidade de 109,24 cel./100 hab.” (MÍDIA DADOS, 2019, p.238).

Dentro desse universo, ela traz um ranking com os principais sites de notícias acessados, conforme o quadro 1, a seguir:

<i>Globo Notícias</i> 70.510
<i>UOL Notícias</i> - 42.291
<i>R7 Notícias</i> - 25.144
<i>Folha de S.Paulo</i> - 24.137
<i>IG Notícias</i> - 23.495
<i>Abril Notícias-Veja</i> - 19.202
<i>Grupo Estado</i> -18.250
<i>Flipboard</i> -15.066
<i>Terra Notícias</i> -14.800
<i>Catracalivre.com.br</i> - 13.979
<i>Globo Tecnologia</i> - 13.286
Total População Mobile Brasil - 98.571.345
Total População Notícias Brasil - 98.518.414

Quadro 1. Principais sites de notícias acessados por pessoas com 18 anos ou mais.

Fonte: Source Comscore Mobile Metrix, Brasil (jan. 2019).

Nota: Publicado na revista *Mídia Dados* (2019, p.243).

Olhando especificamente esses dados é possível afirmar que a busca por informações continua sendo um dos principais usos da tecnologia. É evidente que todo esse mercado vem passando por uma gigantesca transformação – trocando o papel pela rede virtual –, mas sem deixar o conteúdo de lado.

Indo mais a fundo, no quadro 1, é possível observar o uso do celular para os sites dos grandes veículos de comunicação. Globo, UOL e R7 lideram, seguidos por sites de notícias como *IG Notícias*, *Flipboard*, *Terra Notícias* e *Catraca Livre*. Interessante analisar que no meio desse cenário, grupos gigantes como Abril Notícias e Grupo Estado às vezes são superados por sites que não possuem um vínculo com publicações físicas maiores. E nesse aspecto traz um pouco de esperança para aqueles jornalistas que deixaram as redações convencionais.

Outra pesquisa feita pelo Reuters Institute trouxe dados sobre esse universo para os jornalistas. O *Digital News Report 2019* analisa o contexto da mídia em 2018, ano da eleição de Jair Bolsonaro (sem partido) para a presidência da República. Na página dedicada ao “Brasil Urbano”, a pesquisa faz um relato sobre como a questão das *fake news* influenciou a eleição e até a criação de setores nas redações de checagem de notícias. Foram entrevistadas 75 mil pessoas em 38 países. Entre os tópicos analisados estão: “Novos modelos de negócios pagos”, a “Mudança para *apps* de mensagens privadas” e “O aumento dos *podcasts*”. A pesquisa traz resultados interessantes para o digital em

contraponto ao impresso. Em texto assinado por Rodrigo Carro, jornalista financeiro e ex-bolsista do Instituto Reuters, destaca-se o crescimento do digital:

Após três anos de quedas sucessivas na circulação, os esforços da indústria de jornais para atrair assinantes digitais pareciam estar dando frutos. As assinaturas diárias de impressão e digital dos dez principais papéis pagos subiram 2,9% ano a ano – um aumento de 33% nas assinaturas digitais para aqueles que têm edições eletrônicas. O aumento foi impulsionado por fortes campanhas de desconto e pela ampla adoção de *paywal* (CARRO, 2019, p.122).

E mostra que o país de “211 milhões de habitantes com 71 por cento de penetração na internet” tem muita atração pelo uso das mídias sociais.

Os brasileiros continuam sendo alguns dos usuários mais pesados de mídia social do mundo e o uso de todas as principais marcas de mensagens sociais e de mensagens aumentou significativamente novamente no último ano. O crescimento foi particularmente forte entre os usuários do Instagram (+10), WhatsApp (+5) e YouTube (+8) (CARRO, 2019, p.122).

O quadro 2 mostra o ranking, com Facebook em primeiro lugar:

Ranking	Marca	Por notícias	Qualquer finalidade
1	Facebook	54% (+2)	76%
2	WhatsApp	53% (+5)	84%
3	YouTube	42% (+8)	80%
4	Instagram	26% (+10)	54%
5	Facebook Messenger	15% (+5)	44%
6	Twitter	15% (+1)	28%

Quadro 2. Mídia Social e Mensagem.

Fonte: *Reuters Institute Digital News Report 2019*.

Olhando os dados do Reuters Institute, fica evidente que um blog de forma isolada não deverá ter um impacto tão grande, se ele não associar a sua divulgação às outras plataformas como Facebook e WhatsApp. Além disso, manter um canal no YouTube e selecionar fotos para o Instagram, além de criar grupos para Facebook Messenger e usar o Twitter para a publicação de pequenos textos relativos as notícias do dia é essencial para melhorar a amplitude do trabalho do blogueiro.

Mas dentro desse universo, quem se destaca? Quais são os jornalistas que de forma isolada, em um pequeno barco, estão conseguindo navegar e ao mesmo tempo se sustentar? Seria possível alguém diante desses gigantes do impresso e da internet influenciar a pauta e ao mesmo tempo conquistar uma fatia do mercado? Mas antes, como medir isso?

## 2 | TABULANDO DADOS, ESCOLHENDO A “MONTANHA” E COMEÇANDO A “ESCALADA”

Encontrar um caminho a percorrer talvez seja uma das tarefas mais difíceis de um pesquisador. O objetivo final está lá, mas não há certeza se aquilo que é imaginado vai se confirmar. Mas de certa forma, o pesquisador tem uma ideia do que pode vir pela frente. Este autor faz aqui uma breve reflexão sobre como a jornada de quem pesquisa se assemelha a de desbravadores do passado, que em busca de cidades perdidas enfrentaram inúmeros desafios – nem sempre tendo êxito no fim da jornada, por muitas vezes adotar trilhas erradas, abatidos por pestes ou inimigos (quando iniciada a pesquisa este investigador sequer tinha ideia que um ano depois, praticamente no meio do Mestrado, haveria uma pandemia mundial provocada por um vírus originário da China, o coronavírus que causa a Covid-19).

Antes da crise mundial, os autores decidiram adotar alguns procedimentos metodológicos para a seleção de perfis diferenciados dos jornalistas blogueiros entrevistados neste estudo.

Em vez de buscar indicadores dos blogs mais acessados ou de jornalistas mais renomados, o caminho adotado foi o de ouvir a opinião dos jornalistas da grande imprensa sobre os blogueiros mais influentes.

Para isso, a decisão foi considerar os jornais impressos de capitais das cinco regiões brasileiras como referência para essa etapa, pois ainda são os mais acessíveis para a população de uma forma geral e também influentes pela tradição local. Dessa forma, como parte do processo da pesquisa, foram utilizados os indicadores do Instituto de Verificação de Dados (IVC) para identificar os jornais impressos com maior circulação nas capitais de estados brasileiros nas cinco regiões. O IVC audita os jornais das capitais de 18 estados brasileiros.

A partir do ranking de cada capital nas cinco regiões, entramos em contato com os jornalistas que ocupam cargos de pauteiros, repórteres, editores e diretores nas redações dos veículos auditados e foi aplicado um questionário. Independentemente de qualquer contratempo buscou-se seguir em frente, sem contato físico, conversando por e-mails, WhatsApp e videoconferência. No caso do autor, repórter de TV, trabalhando e tendo cuidado para não pegar a doença e ainda transmitir para outras pessoas. A seguir, são apresentadas as etapas de forma detalhada, incluindo as análises correspondentes das respostas obtidas por região.

## 3 | OS DADOS DO IVC

Para ser auditado, o jornal precisa antes se filiar ao IVC, com pagamento de taxas específicas. De acordo com informações do site do próprio instituto, o associado auditado com mais de uma publicação pagará uma contribuição mensal, calculada sobre a soma das

médias de circulação das publicações. “Em localidades nas quais não existam escritórios do IVC (fora do Grande RJ e Grande SP), ocorrerão por conta do associado auditado as despesas de passagem e estadia da equipe designada para o trabalho de verificação da circulação de sua publicação” (IVC, 2020, on-line). Apesar do fator financeiro, limitante para muitas publicações do Brasil, o IVC garante ter auditado a maior base de dados de jornais impressos do país.

No dia 16 de novembro de 2019, foram analisados os dados das publicações referentes a 2018. Na primeira parte da análise, foram separados os jornais das capitais daqueles que são produzidos no interior. Existem vários veículos do interior que o IVC analisa, mas que infelizmente, ficaram de fora por opção do pesquisador e de sua orientadora, pela impossibilidade de averiguar todos os dados.

Na sequência, foram tabulados os dados por regiões e montado um ranking dos jornais com os respectivos números fornecidos (na sequência abaixo). Inicialmente é apresentado um quadro da região Sudeste, com dados da maior cidade do país, São Paulo, que traz os maiores números. Distribuídos em primeiro e segundo semestres, o Quadro 3 apresenta os dados:

<b>Jornais</b>	<b>Primeiro semestre</b>	<b>Segundo semestre</b>	<b>Total</b>
<i>Folha de S.Paulo</i> (SP)	304.128	307.520	611.653
<i>O Globo</i> (RJ)	294.184	301.438	595.622
<i>O Estado de S.Paulo</i> (SP)	240.556	233.473	474.029
<i>Super Notícia</i> (MG)	185.772	178.946	364.718
<i>Extra</i> (RJ)	97.872	88.710	186.582
<i>O Tempo</i> (MG)	94.532	91.386	185.918
<i>Valor Econômico</i> (SP)	87.116	83.933	171.049
<i>Agora</i> (SP)	67.858	63.956	131.814
<i>Meia Hora</i> (RJ)	60.218	52.828	113.046
<i>O Estado de Minas</i> (MG)	50.834	44.280	95.114
<i>A Gazeta</i> (ES)	15.098	15.075	30.173

Quadro 3. Jornais das capitais da região Sudeste com maior número de circulação (impresso + digital).

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Na região Nordeste, a pesquisa começa pela maior capital, Salvador. O Quadro 4 traz os dados:

<b>Jornais</b>	<b>Primeiro semestre</b>	<b>Segundo semestre</b>	<b>Total</b>
<i>Correio</i> (BA)	39.602	32.515	72.117
<i>Jornal do Commercio</i> (PE)	35.764	31.707	67.471
<i>A Tarde</i> (BA)	29.073	27.425	56.498
<i>Diário do Nordeste</i> (CE)	26.858	21.990	48.848
<i>Massa</i> (BA)	13.923	12.774	26.697
<i>O Povo</i> (CE)	12.957	12.342	25.299
<i>Correio da Paraíba</i> (PB)	6.504	6.031	12.535
<i>O Estado do Maranhão</i> (MA)	4.396	5.955	10.351
<i>Jornal da Paraíba</i> (PB)	5.086	4.689	9.775
<i>Tribuna do Norte</i> (RN)	4.437	4.417	8.854
<i>Meio Norte</i> (PI)	2.867	2.866	5.733

Quadro 4. Jornais das capitais da região Nordeste com maior número de circulação (impresso + digital).

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Na região Norte do país, o instituto auditou publicações em Manaus e em Belém, descritos no Quadro 5:

<b>Jornais</b>	<b>Primeiro semestre</b>	<b>Segundo semestre</b>	<b>Total</b>
<i>Dez Minutos</i> (AM)	16.339	15.595	31.934
<i>Diário do Pará</i> (PA)	16.013	13.878	29.891
<i>Diário do Amazonas</i> (AM)	1.562	1.507	3.069

Quadro 5. Jornais das capitais da região Norte com maior número de circulação (impresso + digital).

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Na região Centro-Oeste, o IVC apurou os seguintes resultados no Distrito Federal: Campo Grande e Goiânia. Dados no Quadro 6:

<b>Jornais</b>	<b>Primeiro semestre</b>	<b>Segundo semestre</b>	<b>Total</b>
<i>Daqui</i> (DF)	102.861	108.092	210.953
<i>Correio Braziliense</i> (DF)	56.221	53.507	109.728
<i>O Popular</i> (GO)	16.582	16.436	33.018
<i>Jornal de Brasília (Na Hora H)</i> (DF)	13.285	12.502	25.787
<i>Correio do Estado</i> (MS)	8.281	7.790	16.071
<i>Aqui</i> (DF)	9.004	6.318	15.322

Quadro 6. Jornais das capitais da região Centro-Oeste com maior número de circulação (impresso + digital).

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Por último, a região Sul. O IVC auditou em Florianópolis e Porto Alegre. Dados descritos no Quadro 7:

Jornais	Primeiro semestre	Segundo semestre	Total
<i>Zero Hora</i> (RS)	182.442	177.685	360.127
<i>Correio do Povo</i> (RS)	105.802	109.366	215.168
<i>Diário Gaúcho</i> (RS)	97.622	101.270	198.892
<i>Diário Catarinense</i> (SC)	34.762	35.633	70.395
<i>Hora de Santa Catarina</i> (SC)	15.315	10.827	26.142
<i>Notícias do Dia</i> (SC)	7.246	6.541	13.787

Quadro 7. Jornais das capitais da região Sul com maior número de circulação. (impresso + digital).

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do IVC.

Importante ressaltar que o IVC Brasil, segundo informações do próprio site, “é uma entidade nacional sem fins lucrativos responsável pela auditoria multiplataforma de mídia”. O objetivo é “fornecer ao mercado dados isentos e detalhados sobre comunicação, incluindo tráfego web, tanto de desktops, quanto de smartphones, tablets e aplicativos, bem como circulação, eventos e inventário e campanhas de mídia *out of home*” (2020, on-line). Para ser auditado, o jornal precisa antes se filiar ao IVC, com pagamento de taxas específicas. De acordo com informações do site do instituto, o associado auditado com mais de uma publicação pagará uma contribuição mensal, calculada sobre a soma das médias de circulação das publicações. “Em localidades nas quais não existam escritórios do IVC (fora do Grande RJ e Grande SP), ocorrerão por conta do associado auditado as despesas de passagem e estadia da equipe designada para o trabalho de verificação da circulação de sua publicação” (2020, on-line). Apesar do fator financeiro, limitante para muitas publicações do Brasil, o IVC garante ter auditado a maior base de dados de jornais impressos do país.

#### **4 | ENTREVISTANDO QUEM ESTÁ ACOSTUMADO A PERGUNTAR: ANÁLISE DOS RESULTADOS POR REGIÃO**

Após essa análise, os autores passaram então a buscar indicações de blogs com jornalistas das principais redações das capitais do país. Para isso, ligou para as redações e explicou as questões que precisavam ser respondidas. Junto com a orientadora, este pesquisador elaborou três questões:

1. Quais <i>blogs</i> da sua região você considera importante?
2. Qual impacto dele na pauta do jornal?
3. Quais são os conteúdos que mais influenciam no seu noticiário?

Quadro 8. Questões para jornalistas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

De novembro de 2019 a fevereiro de 2020, foram pesquisadas informações sempre com a condição de manter em segredo a identidade dos jornalistas que participaram da enquete. As respostas variaram pouco. A maioria dos jornalistas consultados disse não saber ao certo qual o impacto dos blogs nas pautas (Questão 2), mas ressaltou a questão do “furo de reportagem” como o principal fator de consulta diária dos blogs (como será descrito a seguir nas respostas dadas por regiões). Além disso, em relação ao conteúdo, eles destacaram a questão da regionalidade, dos bastidores da política e as notícias policiais (Questão 3).

## Região Sudeste

Nos contatos realizados, a primeira resposta veio de uma jornalista do jornal *A Gazeta*, do Espírito Santo. O blogueiro citado foi Elimar Côrtes. “É uma referência. Sai com algumas coisas na frente. Tem muito trânsito no governo. Disse ainda que o foco é na segurança pública.”

No Rio de Janeiro, foram pesquisados dois jornais. Foi obtido apenas o retorno de um deles: do jornal *O Globo*, onde o autor conseguiu falar com um dos repórteres mais experientes que trabalha na editoria “Rio”, que cobre assuntos de “Cidades”. Aliás, em muitas redações pesquisadas notou-se que a figura do pauteiro hoje está pulverizada pelas editorias. Não existe mais uma pessoa responsável pelas pautas. Na maioria dos casos, editores e repórteres são os que decidem as pautas.

Por conta disso, procurou-se direcionar o questionário para as editorias de “Cidades” ou para os setores de web dos jornais – que em alguns casos possuem a missão de acompanhar os blogs. Na lista de blogueiros citados estão *Blog do Berta*, *Sidney Resende* e o blog *Colabora*, do jornalista Agostinho Vieira (que trabalhou em *O Globo*). “São blogs que acompanhamos, a gente está sempre ‘de olho’. Têm impacto, sobretudo, quando dão furo. Opinião muito dificilmente muda o rumo de uma cobertura, embora isso possa ocorrer”, foi um dos comentários.

Em São Paulo, este autor conseguiu retorno dos dois jornais mais lidos. Na *Folha de S.Paulo*, dois jornalistas responderam às perguntas, um deles, por ocupar uma posição mais ligada ao mundo virtual – “Homepage e Mídias Sociais” – encaminhou respostas mais claras e objetivas. “Os blogs que mais acompanho são os de colunistas de grandes sites e portais (*Ancelmo Gois*, *Blog do Valdo Cruz*, no *G1*; *Andréia Sadi*, no *G1*; *Diogo Schelp*,

no UOL).”

O editor disse ainda que “alguns blogs ainda crescem e se tornam quase sites noticiosos efetivamente falando, como o *Poder 360* ou *O Antagonista*”. Explicou também que tem o hábito de acompanhar blogs que trabalham com determinadas linhas políticas. “Não que eles sejam dignos de serem repercutidos, pelo contrário. Mas servem para ter uma melhor noção do que tais grupos andam pensando”, analisou. Destacou o *Brasil 247*, o *Conversa Afiada*, o *Terça-Livre* e o *Brasil Sem Medo*. Disse ainda que “os conteúdos vindos de blogs que mais influenciam são os de bastidores políticos, econômicos, culturais... [...] é afinal onde eles podem consolidar um leitorado, já que seriam incapazes de competir com jornais e portais fazendo *hard news*.” Outro jornalista da *Folha de S.Paulo*, em posição de grande destaque, citou Josias, Sakamoto, Valdo, Gerson Camarotti e Lauro Jardim. “Excluo aqui os da *Folha* para evitar conflito de interesses”, afirmou.

Um ponto importante ele ressaltou quando perguntado sobre o impacto dele na pauta do jornal. “Têm impacto, sobretudo, quando dão furo. Opinião muito dificilmente muda o rumo de uma cobertura, embora isso possa ocorrer.” E acrescentou que o conteúdo que mais observa no noticiário é o de “política”.

No jornal *O Estado de S.Paulo*, um editor respondeu via WhatsApp que tem por hábito acompanhar os blogs de notícias que estão hospedados em jornais de grande circulação, como o *Blog do Fausto*, no *Estadão*; blogs dos jornalistas Bela Megale e Lauro Jardim, no jornal *O Globo* e o *Blog da Andréia Sadi*, no *G1*.

Explicou que esses blogs costumam ter informações exclusivas e algumas notas que “ajudam a pensar em pautas mais completas para o jornal. Uma nota do blog pode dar uma dica de um assunto que pode ser transformado em uma apuração maior”. O entrevistado ainda ressaltou que “por serem assinados por jornalistas que, na minha opinião, são muito bem informados, esses blogs dão um termômetro da política, do que está sendo discutido nas esferas de poder, de quem está incomodado com que etc.”

Além do conteúdo de política, operações policiais, programas de governo são os que mais influenciam no noticiário. “Eu, particularmente, acesso pouco blogs ligados mais aos extremos do espectro político, como o *Antagonista*, o *Conversa Afiada*, *Diário do Centro do Mundo*, *Tijolaço*.” O editor disse que quando era repórter de “Cidades” acessava muito blogs menores, como o *São Paulo Antiga*, para propor pautas sobre urbanismo e história de São Paulo: “Agora vejo muito repórteres que cobrem temas específicos que buscam informações em blogs segmentados. Quem faz coberturas sobre ‘Exército’, por exemplo, tem uma infinidade de páginas sobre o assunto. Disse ainda que conheceu repórteres que frequentavam blogs de segurança de informação para tentar levantar matérias sobre *hackers*, vazamentos etc.”

Também foram obtidas respostas de uma editora de Belo Horizonte (MG). Lá os dois jornais mais lidos *O Tempo* e *Super Notícia* pertencem ao mesmo grupo. “Não costumo consumir notícias de blogs”, revelou a editora, que depois acrescentou, porém, que “toda

vez que um blog dá um furo importante ou trata um assunto que é relevante para nossas pautas, esse blog passa a impactar a pauta do jornal.” Ela disse ainda que se destacam: “todos os conteúdos de interesse social, sobretudo os locais, que envolvem BH e Minas de uma maneira geral.”

<b>Jornalistas dos jornais</b>	<b>Blogs</b>
<i>A Gazeta</i> (ES)	<i>Elimar Côrtes</i>
<i>O Globo</i> (RJ)	<i>Blog do Berta, Sidney Rezende, Colabora.</i>
<i>Folha de S.Paulo</i> (SP)	<i>Josias, Sakamoto, Valdo Cruz, Camarotti, Lauro Jardim, Ancelmo Gois, Andréia Sadi, Diogo Schelp, Brasil 247, Conversa Afiada, Brasil Sem Medo.</i>
<i>O Estado de S.Paulo</i> (SP)	<i>Fausto, Bela Megale, Lauro Jardim, São Paulo Antiga.</i>
<i>O Tempo e Super Notícia</i> (MG)	Blogs locais (não especificados).

Quadro 9. Blogs citados pelos jornalistas na região Sudeste.

Fonte: Elaborado pelo autor.

## Região Nordeste

Um jornalista de *O Estado do Maranhão* respondeu o questionário pelo aplicativo do WhatsApp. Para conseguir as respostas desse contato foi necessário antes buscar ajuda de jornalistas da TV Mirante do Maranhão. “Considero importante os blogs de notícia, desde que assinados por jornalistas profissionais (diplomados). O site de *O Estado do Maranhão* reserva espaço a blogs de jornalistas do seu quadro e de outros veículos do Grupo Mirante”, explicou.

O jornalista disse que considera os sites mencionados relevantes regionalmente. Cita os blogs de Daniel Matos e de Zeca Soares. Além desses, considera importantes os blogs dos jornalistas Marco Aurélio D’Eça<sup>2</sup>, Gilberto Léda<sup>3</sup>, Ronaldo Rocha e Jorge Aragão<sup>4</sup>. Como ele mencionou vários, o autor perguntou ainda qual deles era o mais relevante. “Marco e Gilberto são de igual peso. Mas te confesso que não sou um leitor assíduo de blogs. Leio por obrigação.” Disse ainda que “o impacto dos blogs na pauta do jornal existe, mas é pequeno. O fato de a maioria (senão todos) ter uma clara linha editorial atrelada a acertos comerciais restringe a consulta dos blogs como fonte de pauta diária para o jornal”.

No jornal *Correio da Paraíba* um editor de “Economia e Turismo” disse que sempre lê os blogueiros Heron Cid, Luis Tôrres, Helder Moura e Suetoni Souto Maior, que na visão dele, é o melhor de todos. “Aqui na Paraíba se respira política 24 horas. Suetoni – que é do

<sup>2</sup> *Blog do Marco Aurélio D’Eça* - Disponível em: <https://www.marcoareliodeca.com.br/>. Acesso em: 25 jan.2021.

<sup>3</sup> *Gilberto Léda*. Disponível em: <https://gilbertoleda.com.br>. Acesso em: 25 jan.2021.

<sup>4</sup> *Blog do Jorge Aragão*. Disponível em: <https://www.blogdojorgearagao.com.br/>. Acesso em: 25 jan.2021.

grupo concorrente – é muito imparcial. Ele é muito bom, tem muita informação, criterioso na análise que ele divulga. Os textos dele geram pautas, tem muita fonte...”

Já no *Jornal da Paraíba*, um editor e produtor de pautas do jornal, respondeu às questões. Ele citou os blogueiros do próprio grupo (Suetoni, João Paulo Medeiros e Sílvio Osias). O editor disse que o blogueiro independente Anderson Soares teve uma atuação brilhante na cobertura de uma crise institucional em uma das cidades da Grande João Pessoa (Bayeux): “Ele dava muitos furos.”

No jornal *Meio Norte*, do Piauí - os jornalistas responderam que os principais blogs que influenciavam a pauta dos jornais em Teresina estão localizados na região da cidade de Parnaíba. “É a segunda maior cidade do Estado e acho que lá não tem mais jornal diário”, disse um deles. Segundo os dois jornalistas, os blogs mais representativos e que influenciavam na pauta estão voltados para a área policial – “mas acho que nos últimos tempos, por pressão dos anunciantes, deram uma suavizada”, disse um deles. Entre os blogs estão: *Blog do Coveiro* e o *Blog do Pessoa*. “Eles têm muitas fontes, lá tem muito acidente, tem muita morte, muita tragédia e eles sempre publicavam muitas fotos de mortes. Agora não publicam mais”, disse um dos jornalistas.

Outros contatos foram feitos com outros jornais que aparecem na pesquisa do IVC. Infelizmente não quiseram responder ou sequer atenderam às ligações e aos envios de e-mails.

<b>Jornalistas dos jornais</b>	<b>Blogs</b>
<i>O Estado do Maranhão</i> (MA)	<i>Daniel Matos, Zeca Soares, Marco Aurélio D'Eça, Gilberto Léda, Ronaldo Rocha e Jorge Aragão.</i>
<i>Correio da Paraíba</i> (PB)	Heron Cid, Luís Tórres, Helder Moura e Suetoni Souto Maior.
<i>Jornal da Paraíba</i> (PB)	<i>Suetoni, João Paulo Medeiros e Sílvio Osias (mesmo grupo) e Anderson Soares.</i>
<i>Meio Norte</i> (PI)	<i>Blog do Coveiro e Blog do Pessoa.</i>

Quadro 10. Blogs citados pelos jornalistas na região Nordeste.

Fonte: Elaborado pelo autor.

## Região Centro-Oeste

Depois de diversas tentativas, os autores conversaram com o responsável pela pauta do jornal *Correio Brasiliense*. O entrevistado disse que na editoria “Cidades” eles não tinham o hábito de acompanhar nenhum blogueiro. Já no *Jornal de Brasília* (DF), um dos jornalistas disse que “há um problema grave com boa parte dos blogs de política no Distrito Federal. Boa parte deles tem associações mal explicadas com políticos locais e recebe dinheiro deles.” Além disso, eles dizem que na cobertura da Câmara Legislativa, por exemplo, há um considerável número de blogueiros de política que têm cargos nos

gabinetes dos políticos locais. “Nesse sentido, não são muitos os blogs locais de política que merecem confiabilidade”, ressaltou.

O jornalista revelou que acompanha o *Poder no quadrado*, da jornalista Milena Lopes. E que embora tenha formato de site e não de blog, o *Olhar Brasília*, de Samanta Sallum e Marcia Zarur, também merece atenção: “embora mais voltado para questões da cidade”. Além disso, ele disse que o que mais influencia no noticiário é ainda o conteúdo publicado pelos jornais e sites da imprensa tradicional. O material publicado nos espaços institucionais também acaba sendo considerado. “Desde o governo Cristovam Buarque, o Governo do Distrito Federal montou uma boa estrutura, a Agência Brasília.” E que embora, seja um espaço institucional que procura vender o governo positivamente, tem uma preocupação jornalística: “tomando-se os devidos cuidados, é material que pode ser utilizado. A Secretaria de Saúde também tem boa página institucional, a Agência Saúde.” No jornal *Correio do Estado* de Campo Grande, um editor citou o blog de *O Jacaré* como o mais importante. “É muito independente”, ressaltou. Disse ainda que outro blog importante é o de Esther Figueiredo, que também faz parte do jornal. Em relação a conteúdos, disse que “de um ano para cá, mais assuntos relacionados à política e em alguns casos a denúncias.”

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>Jornal de Brasília</i> (DF)	<i>Poder no quadrado</i> (Milena Lopes) e <i>Olhar Brasília</i> (Samanta Sallum e Marcia Zarur).
<i>Correio do Estado</i> (MS)	<i>O Jacaré</i> e <i>Esther Figueiredo</i> (do mesmo grupo).

Quadro 11. Blogs citados pelos jornalistas na região Centro-Oeste.

Fonte: Elaborado pelo autor.

## Região Sul

No jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, um dos editores - que foi entrevistado - disse que os blogs da região são monitorados e que acabam rendendo pautas, mas que não produzem muitos furos de reportagem. Citou como principal um blog chamado *Matinal*, como uma boa referência de jornalismo profissional. Lembrou ainda de *Sul 21* e *Coletiva Net*. Já um editor do jornal *Correio do Povo*, contou por telefone que os blogueiros que eles mais acompanham são os dos próprios jornais. Entre eles, os blogs: *Hiltor Mombach* (“Esportes”), *Juremir Machado da Silva* (“Política”) e o *Cena Rock*. Disse que não conhece nenhum blog no estado que influencia diretamente a pauta.

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>Zero Hora</i> (RS)	<i>Matinal, Sul21 e ColetivaNet, Blog Carlos Wagner e Blog Claudemir Pereira.</i>
<i>Correio do Povo</i> (RS)	<i>Hiltor Mombach, Juremir Machado da Silva e Cena Rock.</i>

Quadro 12. Blogs citados pelos jornalistas na região Sul.

Fonte: Elaborado pelo autor.

## Região Norte

Na região Norte, foram pesquisadas informações em dois jornais que participam da pesquisa do IVC: *Diário do Amazonas* e *Diário do Pará*. Foi difícil obter alguma informação.

As primeiras respostas foram evasivas. A jornalista do *Diário do Amazonas* disse: “hoje há em Manaus um grande número de pequenos blogs, que têm surgido principalmente a partir do interesse de determinados políticos, com assuntos direcionados.” Ela prosseguiu dizendo que muitos blogs se especializaram na cobertura de casos policiais, “por conta do grande retorno de audiência que estes assuntos têm causado entre a população local”. Após citar que poderia destacar o portal *D24AM*, que integra o Grupo Diário de Comunicação, ela contou que os conteúdos mais relevantes e mais “vendáveis” hoje estão ligados às editorias de “Polícia” e de “Política”, sendo os dois temas que “mais geram interesse entre os nossos leitores e internautas.”

Sem dar um único nome, a jornalista, após insistência, respondeu: “por conta da credibilidade, não acompanhamos as postagens feitas em blogs pequenos, principalmente por eles terem, muitas das vezes, em primeiro lugar, objetivos financeiros e não com a informação. Focamos assim no conteúdo produzido por nossa equipe e por vezes acompanhamos outros portais de grandes grupos de comunicação, para saber por onde estão caminhando, mas blogs não”.

Quando o autor se impôs o desafio de pesquisar dentro do universo das redações, não imaginava que seria tão difícil conseguir obter respostas, apesar do aviso de sua orientadora. Desesperado, este investigador pediu ajuda para colegas de TV de Manaus – que tentaram auxiliar, mas não conseguiram – e buscou pessoas que moram em São Paulo que pudessem ter algum contato com jornalistas de Belém e de Manaus.

Depois de mandar dezenas de e-mails, mensagens de WhatsApp, falar por telefone, o autor teve a ideia de procurar na rede de LinkedIn contatos que pudessem ajudar. Apesar de ter muitos contatos, este pesquisador não tinha de jornalistas do Norte do país. Uma falha terrível, que mostra como muitas vezes, acaba-se limitando os contatos a determinadas regiões.

Quase três meses depois, foi localizado no LinkedIn um jornalista de Belém, que trabalha no *Diário do Pará*. Blogueiro, editor, premiado, ele aceitou participar e disse que

acompanha os blogs *Uruá-Tapera*, *Ver-o-Fato* e *Zé Dudu*. “São basicamente fontes de informação. Como dão a notícia sempre na frente, algumas vezes pautam o noticiário dos jornais impressos no dia seguinte”. Revelou ainda que, no caso dele, impactavam mais no campo da política e da economia.

Jornalistas dos jornais	Blogs
<i>Diário do Amazonas</i> (AM)	Blogs do mesmo grupo (sem especificar).
<i>Diário do Pará</i> (PA)	<i>Uruá-Tapera</i> , <i>Ver-o-Fato</i> e <i>Zé Dudu</i> .

Quadro 13. Blogs citados pelos jornalistas na região Norte.

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 5 | O FAZER JORNALÍSTICO E A SOBREVIVÊNCIA

Olhando os dados citados pelos jornalistas das redações, alguns demonstram como o movimento dos blogueiros constitui um importante elo de resistência dentro da cadeia trabalhador – empresa – comunicação. Um exemplo claro disso é o caso do Rio de Janeiro.

Com o fim do *Jornal do Brasil*, jornalistas cariocas passaram a se organizar na web e conseguem despertar o interesse de quem está em um grande jornal, como *O Globo*, por exemplo. Foram citados o *Blog do Berta* e os blogs *Sidney Rezende*, *Colabora* e *Agostinho Vieira*. Os blogs citados têm perfis independentes. Desses, o único que não vincula nenhum tipo de propaganda é o *Blog do Berta*. Ele se define na própria página do blog, como “jornalista independente” e que depois de atuar “por 17 anos em *O Globo*”, se dedica a acompanhar o poder público do Rio de Janeiro.

Berta tem feito fama entre os jornalistas do Rio de Janeiro com diversos “furos” jornalísticos. No dia 8 de fevereiro de 2020, o colunista Alvaro Costa e Silva, colunista do jornal *Folha de S.Paulo*, ao escrever sobre o escândalo da Cedae na coluna “Água de beber, camará”, finalizou o artigo com uma citação ao blogueiro:

Em seu blog, o jornalista Ruben Berta tinha cantado a pedra: Bernardo Sarreta e uma jogada de Lucas Tristão, ex-sócio e amigo do governador. No aparelhamento do estado, Tristão – atual secretário de Desenvolvimento Econômico – luta pela divisão de cargos com o pastor Everaldo, o dono do PSC, partido de Witzel. O atual presidente da Cedae é cria do pastor (SILVA, 2020, p.2).

O que parece fazer sentido de produzir? Quais conteúdos que são mais interessantes em se divulgar? Como os blogueiros escolhem o que é notícia? Nas entrevistas realizadas com os jornalistas das redações dos principais jornais impressos do país, ficou evidente que assuntos relacionados à política local e à polícia são os que chamam mais atenção das redações. E uma frase muito comum foi que “ele dá muitos furos”. Nesse caso, ter uma boa e velha agenda de fontes ainda é elemento crucial. É o que diz Mauro Wolf:

As fontes são um fator determinante para a qualidade da informação produzida pelos *mass media*. No entanto, permanecem ainda esbatidas na mitologia profissional, que tende, pelo contrário, a realçar o papel ativo do jornalista, marginalizando o contributo, em muitos aspectos essenciais das fontes (WOLF, 1987, p.199).

#### **Ainda na discussão sobre o que é fonte, Wolf avança um pouco nas classificações:**

As classificações possíveis das fontes são muito diversas, de acordo com o parâmetro a que se faz referência: por exemplo, podem distinguir-se as fontes institucionais das fontes oficiosas ou as estáveis por oposição as provisórias. Uma caracterização diferente separa as fontes ativas das passivas, segundo o grau de utilização e o tipo de relações que se instituem entre fonte e órgão de informação. Fontes centrais, territoriais e fontes de base são categorias individualizadas não só pela localização espacial, mas também pelo tipo de utilização que delas se faz relativamente ao relevo e à noticiabilidade dos acontecimentos (para estas classificações, ver CESAREO, 1981) (WOLF, 1987, p.200).

#### **Manuel Pinto enumera os valores que fontes e jornalistas buscam na troca de informações:**

Recorrendo quer ao discurso corrente quer aos resultados de pesquisas empíricas, sublinha-se, assim, que as fontes procuram todos ou, pelo menos, alguns dos seguintes objetivos: 1. a visibilidade e atenção dos *media*; 2. a marcação da agenda pública e a imposição de certos temas como foco da atenção coletiva; 3. a angariação de apoio ou adesão a ideias ou a produtos e serviços; 4. a prevenção ou reparação de prejuízos e malefícios; 5. a neutralização de interesses de concorrentes ou adversários; 6. a criação de uma imagem pública positiva. Por sua vez os jornalistas buscariam:

1. a obtenção de informação inédita; 2. a confirmação ou desmentido para informações obtidas noutras fontes; 3. a dissipação de dúvidas e desenvolvimento de matérias; 4. o lançamento de ideias e debates; 5. o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos e 6. a atribuição de credibilidade e de legitimidade a informações diretamente recolhidas pelo repórter (PINTO, 2000, p.280).

Enquanto Martino (2014) faz uma consideração bastante interessante sobre o tema da fonte – e nesse aspecto, é bom salientar, que ele trata do tema no cenário de uma redação convencional e não no universo solitário do blogueiro. Mesmo assim, a maneira como um autor enxerga o assunto é bem próximo do que o blogueiro, o jornalista independente vai encontrar no seu dia a dia.

Como resultado, o contato com as fontes de informação pode ser visto como uma mistura de talento, sorte e oportunidade. É o primeiro ponto de seleção de notícias na medida em que tudo começa com a informação recolhida pelo jornalista. O número de fontes entrevistadas não é a garantia de uma notícia bem escrita, mas quanto mais fontes, maior o número de versões que podem ser contrastadas (MARTINO, 2014, p.38).

Um ponto a destacar que é o do uso da tecnologia para a aproximação dos jornalistas e das fontes. A chegada de comunicadores como o WhatsApp, Telegram e de redes sociais

e de e-mails, além dos mecanismos de compartilhamentos de arquivos facilitaram esses encontros com as fontes, mesmo que sendo via mundo virtual. O risco para o blogueiro é cair em uma armadilha de uma fonte *fake* ou de uma informação não checada plenamente. Nesse sentido, o uso das tecnologias deve ter um protocolo mínimo, como uma simples ligação telefônica para confirmação, pois nem sempre é possível encontrar com a fonte, como acontecia antigamente. Além disso, é preciso ficar atento ao grau de relacionamento da fonte com o jornalista, como ensina Nelson Traquina:

Quando os jornalistas ficam dependentes das fontes podem ficar orientados para a fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte e não o público. Quando o jornalista cede a esta tendência, perde mais a sua independência e deixa as fontes definirem as situações. A interdependência facilita também as “fugas” de informação, em particular o lançamento de “balões de ensaio” (TRAQUINA, 2005, p.196).

Wolf ainda analisa como o modo de se produzir notícias acaba sendo vítima da própria rotina da sociedade. As notícias da manhã, tarde e noite seguem nos jornais de emissoras de TV, nos programas de rádio e nas páginas da internet dos grandes jornais uma receita que nasce com o trânsito da cidade, a previsão do tempo, os boletins policiais, as decisões de executivo, legislativo e judiciário e por fim, esportes.

Os estudos de *newsmaking* salientam que uma das causas da já citada fragmentação e super-representação da área político-institucional na informação de massa, reside nos procedimentos rotineiros de recolha dos materiais de onde se vão extrair as notícias. Na enorme maioria dos casos, trata-se de material produzido em outro local, que a redação se limita a receber e a reestruturar, em conformidade com os valores/notícia relativos ao produto, ao formato e ao meio de comunicação (WOLF, 1987, p.196).

Nesse aspecto, parece fazer sentido o blogueiro começar a sua produção por onde tem mais conhecimento, por onde consegue um número maior de contatos. Uma situação cômoda para aquele jornalista que foi demitido da redação, mas que levou a agenda de contatos no telefone, copiada no seu e-mail. Elaborar uma sequência lógica por assuntos e personagens mais importantes se faz necessário a partir desse momento, já que ele será o dono da pauta, não terá nenhum editor para lhe ditar o que fazer naquele dia. No entanto, estar ciente do que é notícia nos meios locais, regionais e nacionais é imprescindível, pois ele precisa antecipar a notícia que os demais jornalistas das grandes empresas estão interessados, dando assim o “furo” que tanto as redações valorizam.

A situação de produção será um pouco mais difícil para o jovem jornalista que não conseguiu passar por uma redação. Sem ser muito conhecido entre as fontes, esse jovem jornalista precisará antes de mais nada, conhecer o setor que ele – de princípio – pretende cobrir. Delegacias de polícia, Câmara de Vereadores, Prefeituras, tudo precisará ser observado no próprio local para que a dinâmica de funcionamento seja compreendida.

(...) fontes e jornalistas parecem estar ligados por relações que pressupõem diferentes níveis de variação, os quais dependem do tipo de organização das

fontes e do tipo de organização das notícias. “Fontes diferentes apresentam requisitos diferentes, em termos de exposição e de reserva de conhecimento” (ibid.). De resto, como observou Bourdieu (1996, p. 22), “o jornalista é uma entidade abstrata que não existe”; o que existe são jornalistas de diferentes idades, de um e de outro sexo, com diversos graus de formação, diversos estatutos na profissão e trabalhando em quadros institucionais bastante distintos. O que não pode deixar de ser tido em consideração, na análise da relação com as fontes (PINTO, 2000, p.281).

No entanto, como entender o que pode lhe trazer credibilidade, audiência e anunciantes? Os entrevistados deram uma ideia do que atrai a leitura: política, polícia e essencialmente furos de reportagem, notícias em “primeira mão”. A opinião do colunista, do blogueiro, não foi citada, a não ser como forma “de ver como esses grupos pensam”, como disse um jornalista da *Folha de S.Paulo*, ao explicar o interesse dele nos blogs ligados ao “bolsonarismo”.

Mesmo eliminando a questão da opinião, ainda restam muitas dúvidas sobre a escolha do conteúdo, pois toda notícia exclusiva pode ter o mesmo valor para o noticiário daquele dia. Um exemplo: se a cidade estiver paralisada por causa de um crime passional, interessará mais uma notícia exclusiva sobre o anúncio do prefeito a respeito de um projeto a ser enviado para a Câmara de Vereadores ou os leitores irão preferir ler no blog a descoberta de uma pista nova sobre o crime que vem abalando a comunidade?

Luís Mauro cita que “um dos modelos mais influentes sobre critérios de seleção e valoração das notícias – *newsworthness*– foi estabelecido em 1965 pelos noruegueses J. Galtung e M. Ruge”. A partir disso, ele cita os componentes do modelo, que constituem os atributos do fato – ou valores-notícia:

Frequência ou momento do acontecimento; magnitude do acontecimento; clareza; significação; A correspondência ou consonância; O inesperado; Continuidade; Composição; Notícias sobre o Primeiro Mundo; Reportagens sobre as elites; Personalização; O negativo – notícias ruins tendem a ganhar mais espaço do que notícias boas (MARTINO, 2014, p.41).

Em todos os itens citados, o autor faz descrições, mas é no último deles que fez este pesquisador recordar de uma história contada por um jornalista de Teresina. Lá, eles têm o hábito de acompanhar blogs que cobrem a região de Parnaíba – que fica no litoral. Um desses blogs é conhecido como o *Blog do Coveiro*. Localizado na cidade de Cocal, ele é repleto de anúncios e sempre teve como atrativo as notícias policiais. Em março de 2020, momento em que se discute no país inteiro a questão da quarentena provocada pela pandemia do novo coronavírus, a segunda notícia mais visualizada da semana (no dia 28 de março de 2020), traz como título: “Bebedeira entre primos termina com um preso e outro gravemente ferido a faca em Cocal-PI” (21 mar. 2020). De acordo com o blog, que não disponibiliza o número de visualizações, ela perdeu apenas para: “Em novo decreto, governador determina suspensão de serviços e comércio no Piauí” (23 mar.2020).

Essa busca pelo “negativo” é algo curioso no jornalismo brasileiro. Quando este

autor trabalhou no *Jornal Mantiqueira*, em Poços de Caldas (MG), o jornal sempre tinha duas grandes notícias para dar como manchete em um mesmo dia. Uma era sobre a decisão de uma montadora que poderia vir para a cidade (um caso que era acompanhado durante algumas semanas) e a prisão em Poços de um sujeito que havia mandado uma carta-bomba para o Itamarati. Naquele dia, porém, a manchete foi uma notícia policial de um crime passional. “Manchetes assim vendem mais” foi a resposta na época de um editor. Inúmeros estudos já explicaram o porquê dessa predileção por esse tipo de notícia. Nas entrevistas feitas com os jornalistas, o termo “furo” foi sempre associado à questão da visualização e da importância do blogueiro para o noticiário local. A leitura de blogs independentes e daqueles que estão protegidos por sites de grandes corporações nacionais é citada como uma obrigação diária de quem está em busca de uma pauta para produzir uma notícia para o jornal impresso do dia seguinte. Luís Mauro já questionava em 2014 como a aplicação desse fazer jornalístico poderia ocorrer no universo da blogosfera: “Por outro lado, a transformação de alguns conceitos de jornalismo como apuração, credibilidade, objetividade e veracidade na blogosfera pode ser a indicação de um novo fazer jornalístico? Quais são as contingências profissionais de um blog jornalístico?” (MARTINO, 2014, p.282).

## 6 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante dos resultados e das análises apresentadas anteriormente, retoma-se o objetivo deste artigo que é identificar, por meio das entrevistas realizadas com profissionais de veículos jornalísticos de referência nas cinco regiões brasileiras, quem seriam os blogueiros que influenciam a pauta jornalística.

Pode ser verificado pelas análises que veracidade, pluralidade das fontes e credibilidade são valores essenciais para os jornalistas de alguns dos principais jornais entrevistados.

Na percepção dos entrevistados, os jornalistas-blogueiros que servem de fonte e referência para as redações, mais que isso, de pauta para temas que são abordados pelos grandes jornais impressos e digitais, são considerados jornalistas de reputação. Ou seja, perduram ainda a cultura jornalística que ainda orienta a formação de novos jornalistas e orientam as boas práticas profissionais. Assim, é possível afirmar que os nomes apontados pelos jornalistas entrevistados possuem as características de um bom jornalista, segundo a mais ampla tradição jornalística.

## REFERÊNCIAS

### Livros/E-books

MARTINO, Luís Mauro. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 5.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação**, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho - Campus de Gualtar, Braga (Portugal), v. 14 (1-2), 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis (SC): Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 1.ed. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1987.

### **Blogs/Sites/Textos em sites**

INTERNET WORLD STATS. **IWS**. Disponível em <https://www.internetworldstats.com>. Acesso em: 10 nov.2019.

CARRO, Rodrigo. In: **Digital News Report**, 2019. Disponível em: <http://www.digitalnews.report.org/>. Acesso em: 25 abr.2020.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **IVC**. São Paulo, 2019. Arquivo digital restrito. Acesso em: 10 nov.2019.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **IVC**. São Paulo, 2020. Disponível em [https://sag.ivcbrasil.org.br/conteudos/estatutos/estatuto\\_social\\_2016.pdf](https://sag.ivcbrasil.org.br/conteudos/estatutos/estatuto_social_2016.pdf) Acesso em: 25 abr.2020.

### **Textos em jornais**

SILVA, Álvaro Costa. Água de beber, camará. **Folha de S.Paulo**. São Paulo: Grupo Folha, ano 99, n.33.183, 8 fev. 2020. Opinião, p. 2.

# JORNALISMO POPULAR E JORNALISMO PERIFÉRICO - ANÁLISE DO CONTEÚDO DOS JORNAIS “AGORA SÃO PAULO” E “PERIFERIA EM MOVIMENTO”

Data de aceite: 01/03/2023

**Natália Bosco Assad de Souza**

Mestranda Internacional em Ciências Políticas pela Universidad Europea del Atlántico  
Cantabria, Espanha

**Luísa Guimarães Lima**

Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela UnB

**RESUMO:** Este trabalho analisou comparativamente o jornal popular *Agora São Paulo*, do grupo *Folha*, e o jornal periférico *Periferia em Movimento*, produzido em uma região periférica de São Paulo. O objetivo desta pesquisa é reconhecer como as diferenças socioeconômicas entre jornalistas e leitores interferem na mensagem e na proposta de pautas, além da linguagem utilizada. Para fazer tal investigação, foi utilizado o recurso metodológico de Análise de Conteúdo (AC). A linguagem, os recursos multimídias, as editoriais, a quantidade de notícias produzidas e o design de cada veículo de notícias foram observados e aqui expostos. Com isso, ficou claro que a maneira como a notícia é escrita interfere na mensagem transmitida pelo jornalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo popular;

jornalismo periférico; linguagem jornalística; Agora São Paulo; Periferia em Movimento.

## 1 | INTRODUÇÃO

Historicamente, o centro e as elites, ou classes sociais com maior poder aquisitivo, dominam a produção jornalística de referência. Esse fator era considerado chave explicativa para o afastamento do público periférico em relação a essas produções, que, com frequência, representavam a periferia a partir de uma visão exterior e, muitas vezes, pejorativa.

A partir dos anos 1950 tornou-se comum que os chamados jornais de referência, como a *Folha de S. Paulo* — que têm como público consumidor pessoas das classes sociais mais altas —, passassem a produzir jornais em versões mais populares. Publicações como o *Agora São Paulo* são exemplos dessas ramificações de caráter popular das grandes empresas jornalísticas. Ao trazer esse novo nicho, as instituições de notícias tinham como foco criar notícias voltadas para o público leitor

das classes sociais mais baixas.

A relevância dos jornais populares foi consolidada ainda na década de 1950 por ser a principal fonte de informação de pessoas que possuem um menor poder aquisitivo. Segundo Márcia Franz Amaral (2006), são princípios editoriais do jornalismo popular a facilidade de leitura, identificação, interatividade, emoção, serviço e diversão. Também são características desses jornais preço de capa mais baixo, número menor de páginas e publicidade de produtos voltados ao público de baixa renda. Porém, os jornais populares continuaram sendo produzidos pela elite e essa diferença socioeconômica entre o jornalista (que é produtor da notícia e geralmente vem de uma classe social mais alta) e o público leitor (que é o receptor da notícia e, no caso do jornalismo popular, costuma ser de classe social mais baixa) ainda pode trazer a antiga visão limitada sobre a periferia.

A importância do tema apresentado se dá, em primeiro lugar, ao reconhecimento de que o acesso à informação é um direito fundamental previsto pela Constituição Federal de 1988. O Código de Ética dos Jornalistas prevê em seu primeiro artigo que “o acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse” (FENAJ, 2007).

Assim, se a liberdade de imprensa e a livre circulação da informação são entendidos como fundamentais para a democracia, é importante que todas as classes sociais consigam ter acesso a notícias jornalísticas precisas, com linguagem entendível e que abordem temas de relevância social presentes em todas as editorias. Isso é necessário para que todos possam participar do debate público, compreender questões sociais e entender o que se passa na sociedade em que vivem, além do que acontece dentro do âmbito político.

Este artigo pretende contribuir para a reflexão sobre jornalismo popular e periférico na contemporaneidade. Dessa forma, o estudo analisa as diferenças entre o jornalismo produzido pelo centro para a periferia e aquele produzido pela periferia para ela própria. O objetivo principal desta investigação é reconhecer pautas, produção diária e recursos multimídia utilizados por cada um desses modelos de fazer jornalismo para leitores periféricos. Para tanto, são analisadas, comparativamente, duas iniciativas representativas desses tipos de publicação: o jornal popular *Agora São Paulo*, do grupo *Folha*, e o jornal periférico *Periferia em Movimento*, produzido em uma região periférica de São Paulo.

Este trabalho se apoiou em objetivos específicos para guiar a investigação e o processo de pesquisa. Assim, se dispôs a averiguar as diferenças na produção de notícias de jornais populares e jornais periféricos, quais são as editorias de cada jornal e perceber como a linguagem difere de um veículo para o outro.

A fundamentação teórica deste artigo centra-se na discussão sobre jornalismo popular e o surgimento das iniciativas periféricas, quando são abordados os conceitos de periferia e indivíduo periférico, centro e metrópole, a história do jornalismo popular e o surgimento das iniciativas periféricas. Além disso, o estudo aborda conceitos sobre a linguagem jornalística.

## 1.1 Referencial metodológico

O caminho metodológico escolhido foi dado pela Análise de Conteúdo (AC). Com a finalidade de compreender melhor o funcionamento da *Periferia em Movimento* e do *Agora São Paulo*, realizamos análises das publicações dos mês de setembro de 2021 de ambos os veículos. A análise de conteúdo foi feita para tentar identificar as diferenças nas pautas publicadas pelos jornais e, principalmente, nas linguagem que os veículos utilizam. Laurence Bardin (1977) definiu a análise de conteúdo “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 48). Para Martin W. Bauer (2008), outra definição seria a de que a análise de conteúdo “é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada” (BAUER, 2008, p.191).

A análise de conteúdo seguiu recomendações de Bardin (1977): primeiro foi feita uma leitura flutuante do material (foi nesse momento que os jornais foram selecionados); após isso, foram selecionados os documentos a serem analisados, neste caso, as publicações de setembro dos veículos jornalísticos; na terceira etapa, os documentos foram analisados seguindo critérios de análise que condiziam com o objeto de estudo deste trabalho (tais como linguagem e uso de recursos multimídia); por fim, foram levantadas hipóteses sobre a linha editorial do jornal e o material analisado foi preparado.

Ainda na realização da análise de conteúdo foram observados fatores como a estética dos sites, as editorias de cada veículo, as pautas apresentadas, as fotografias que acompanham os textos, as personagens e fontes e a linguagem adotada por cada veículo de notícias. Ao todo foram analisadas 34 publicações, 17 de cada jornal. A *Periferia em Movimento* publicou um total de 17 textos durante setembro de 2021, todos esses textos foram analisados nesta etapa. Com base nisso, foram escolhidos 17 textos do jornal *Agora São Paulo* para a análise. Foram escolhidas publicações de todas as editorias do jornal popular a fim de observar todos os lados do veículo.

Assim, traçamos as semelhanças e diferenças entre os dois modelos de fazer jornalismo. Definimos como a maneira como o centro noticia a periferia e, em contrapartida, como a periferia produz notícias para a própria periferia.

## 2 | O JORNALISMO POPULAR E O SURGIMENTO DAS INICIATIVAS PERIFÉRICAS

### 2.1 Periferia e indivíduo periférico, centro e metrópole

De acordo com Tiarajú Pablo D’Andrea (2013, p.10), o termo periferia passou a circular amplamente no campo dos debates públicos e acadêmicos durante os últimos vinte anos, e é carregado de sentidos polissêmicos. Segundo a autora, a expressão “opera como equivalente a termos que indicam processos ou espaços geográficos e sociais similares,

tais como bairros populares, moradores de bairros populares, bairros pobres, e mesmo classes populares”. Tiarajú descreve como sujeito periférico o morador da periferia que passa a atuar politicamente a partir de sua condição e orgulhoso dela. Esse conceito é dado com base na narrativa e subjetividade formulada pela população das periferias para explicar e fundamentar seu lugar no mundo.

Ermínia Maricato (2003, p. 152) relembra que a partir do anos 1980 as periferias urbanas passaram a crescer mais que os núcleos ou municípios centrais nas metrópoles e “tem sua expressão mais concreta na segregação espacial ou ambiental configurando imensas regiões nas quais a pobreza é homoganeamente disseminada”. Maricato (2003) pontua que a população periférica passa diariamente por dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos, como transporte, saneamento básico, drenagem, abastecimento, serviços de saúde, educação, creches, menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial e difícil acesso ao lazer.

Em contrapartida ao conceito de periferia, vamos analisar a noção de metrópole. Flávio Villaça (1997) aponta que fatores característicos das metrópoles são proximidade do centro, facilidade de acesso a serviços urbanos, como de transporte, e certa distância de bairros populares. Villaça (1997) explica que a acessibilidade ao centro e, posteriormente, a posição dentro da estrutura urbana são os fatores predominantes na definição da localização das camadas de alta renda nas nossas metrópoles brasileiras.

Assim, definiremos os termos “metrópole” e “centro” como a região mais favorecida das cidades, com melhor infraestrutura, segurança e renda per capita. Será, portanto, a representação da “figura privilegiada”, como escreve David (2010, p.5). Vemos também, como indica Villaça (1997), que metrópole é a região urbana mais favorecida, onde se encontram as camadas de alta renda da sociedade, com melhor acesso aos serviços urbanos e distante de bairros populares.

## **2.2 História do jornalismo popular**

O jornalismo popular é uma modalidade jornalística que tem como público-alvo as classes sociais C, D e E. Neste artigo consideramos a difusão do jornalismo popular enquanto estratégia mercadológica amplamente utilizada pelas empresas de notícias brasileiras a partir da década de 50.

Nessa ocasião, as grandes empresas de notícias passaram a criar ramificações populares dos chamados jornais de referência. Esses jornais são publicações consolidadas, com grande reputação e produzem material jornalístico com foco nas classes A e B. Márcia Franz Amaral (2006, p. 13) aponta que essa “imprensa considerada ‘mais séria’, precisa legitimar-se entre os formadores de opinião e, por isso, aborda temas classificados como mais relevantes”. Amaral (2006) também esclarece que os jornais de referência têm

uma linguagem menos didática, textos mais longos, artigos de opinião e participação de colonistas, por exemplo.

Por tanto, as iniciativas populares surgiram como contraponto a esse modelo elitizado. Ao criar esse novo nicho, as empresas jornalísticas tinham como foco dar atenção às temáticas de interesse de um público que, em geral, apresenta baixa escolaridade e pouco hábito de leitura. A relevância dos modelos populares foi consolidada ainda na década de 1950 por ser a principal fonte de informação de pessoas que possuem um menor poder aquisitivo. Segundo Amaral (2006), são princípios editoriais do jornalismo popular facilidade de leitura, identificação, interatividade, emoção, serviço e diversão. Outros fatores desses jornais são preço de capa mais baixo, número menor de páginas e publicidade de produtos voltados ao público de baixa renda.

Márcia explica que alguns jornais populares “caracterizam-se ainda pelo seu assistencialismo, pela ideia de que o leitor popular não se interessa pelos temas políticos e econômicos e por uma relação demagógica e/ou populista com o leitor” (AMARAL, 2006, p. 31).

Além disso, a autora também explica que os jornais populares são vendidos somente em bancas, apresentam capas chamativas e a violência permanece como assunto. Em suma, de acordo com a autora, esses jornais buscam linguagem simples, didatismo, prestação de serviços e, de alguma maneira, credibilidade.

### **2.3 O surgimento das iniciativas periféricas**

A partir dessa contextualização, é possível perceber que as classes sociais mais baixas acabavam excluídas do mercado da comunicação. O distanciamento linguístico e cultural entre os jornalistas (produtores da notícia) e os leitores (receptores da notícia) fez com que o público consumidor das iniciativas populares se sentisse cada vez menos representado nas notícias desses veículos, o que se tornou um dos incentivos para o surgimento de iniciativas jornalísticas periféricas.

Larissa Gould de Assis (2018) escreve que as periferias e sua produção cultural são historicamente marginalizadas, mas que isso não intimida os agentes culturais dessas localidades. Larissa afirma que essa exclusão fez com que movimentos culturais das periferias criassem uma agenda própria de saraus, festivais e eventos. A autora diz ainda que:

Esses mesmos agentes periféricos passaram a encontrar um novo desafio: a comunicação. Cansados de serem retratados unicamente nas páginas policiais, coletivos da comunicação eferescem nas margens das cidades. Seja para divulgar as atividades culturais, seja para denunciar violações de direitos humanos. (ASSIS, 2018, p. 1)

Segundo Mariana de Sousa Caires (2017, p. 2), o objetivo principal das iniciativas de jornalismo periférico “é promover o direito à comunicação a jovens das periferias, bem

como trocar aprendizados e fortalecer a atuação de movimentos sociais da região e não menos importante, criar conteúdos de jornalismo periférico em diversos formatos”.

Mara Rovida Martini (2018) defende que a representação da periferia pelos periféricos é um fenômeno do jornalismo contemporâneo e lembra que a busca por espaços alternativos de produção jornalística vem crescendo no Brasil. A autora assinala que as diferenças entre o jornalismo produzido pelos grupos dominantes e pelas iniciativas alternativas se dá com base na “hierarquização das informações e pela presença de determinadas vozes ou fontes. Tais escolhas passam pelo compromisso público assumido pelos produtores do jornalismo alternativo, cujo objetivo é apresentar aquilo que é omitido pela imprensa tradicional” (MARTINI, 2018, p. 56).

### 3 | LINGUAGEM JORNALÍSTICA

A fim de compreender melhor como se dá a linguagem jornalística, tentaremos entender aqui quais são suas premissas, bases e relevância social. Aqui será considerada a linguagem jornalística enquanto escrita, sem trazer ao debate o papel da linguagem gráfica e visual no meio jornalístico.

Para essa compreensão, Michaela Pivetti (2006) explica que essa é “uma linguagem que, apesar do caráter informativo e não literário que a distingue [...] tem sua origem nos livros e, portanto, na lógica do discurso escrito em todas as suas formas tradicionais de representação e leitura” (PIVETTI, 2006, p.29). Pivetti (2006) também lembra que essa linguagem corresponde a questões mercadológicas, o que parece refletir uma evolução natural da linguagem.

Paula Lopes (2010) lembra que os veículos de comunicação devem ter a escrita compreensível, frases e parágrafos curtos, palavras simples, sintaxe direta e econômica, concisão e utilizar metáforas para incrementar a compreensão do texto. Para isso, “o jornalista deve abdicar do seu estilo pessoal, evitar a linguagem de especialistas e escrever com frases curtas, diretas e rigorosas (no sentido), proporcionando uma leitura rápida e eficaz da mensagem” (LOPES, 2010, p. 15).

A autora também argumenta que a linguagem jornalística é predominantemente substantiva e “evita a complexidade gramatical e de vocabulário, recusando a utilização de adjetivos, advérbios, metáforas e outras figuras de estilo” (LOPES, 2012, p. 2). Lopes lembra ainda que, “no caso particular da notícia, a narrativa desenvolve-se segundo a técnica da pirâmide invertida e procura responder às seis questões fundamentais, formuladas há vinte séculos por Quintiliano: o quê, quem, quando, onde, como e porquê” (LOPES, 2012, p. 2).

João Carlos Correia (2007) afirma que a linguagem praticada no campo jornalístico desempenha um papel fundamental na experiência que temos do mundo e, segundo o autor, se aproxima do cotidiano social. “O enunciado jornalístico e a linguagem que lhe é própria reflete os processos de socialização e de integração do mundo da vida mas

também transporta consigo as tensões e contradições de uma sociedade marcada pelo ritmo do aumento inusitado da complexidade” (CORREIA, 2007, p. 7).

Além disso, João Carlos (2007) declara que as diferenças linguísticas entre aqueles que dispõem de um monopólio de informação e privilégios se contrasta da linguagem vulgar e cotidiana e com as “potencialidades democráticas da linguagem jornalística, caracterizada, também ela, pelo esoterismo e pela possibilidade de estabelecer pontes entre espaços cognitivos ou identitários diversificados” (CORREIA, 2007, p. 7).

Assim, o autor também lembra da importância da linguagem na representação social das identidades. Correia destaca que a representação das etnias, que pode ter um maior impacto na vida cotidiana, varia entre notícias sobre crimes de segurança e assaltos, histórias de racismo, vigilância policial e, por vezes, curiosidade sobre os elementos exóticos das culturas urbanas. Dentro disso, o autor explica que “a luta pelas audiências continua facilmente compatível com um registo estilístico que, frequentemente, corre o risco de uma estigmatização populista” (CORREIA, 2007, p. 11).

## 4 | ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES

### 4.1 Periferia em Movimento

Os conteúdos da *Periferia em Movimento* se dividem nas seguintes editorias: Contra o Genocídio, Cultura e Identidade, Democratização da Mídia, Educação, Gênero e Sexualidade, Meio Ambiente, Mobilidade, Moradia, Resistência Indígena, Saúde, Terceira Idade e Trabalho e Renda. Essas categorias são encontradas nas abas de “anota”, opinião, que se divide em editoriais e artigos, reportagens, projetos e séries.

Ao longo do mês de setembro, a *Periferia em Movimento* publicou 17 textos. As pautas se dividiram em temas como: mulheres negras resgatam saberes africanos, pardismo, alimentação saudável acessível, qualificação profissional, desenvolvimento infantil, pandemia, desigualdade social, eventos culturais e política.

Todas as publicações observadas nesta análise levam uma foto principal, que recebe grande destaque no início da publicação junto ao título. Por vezes foram usadas fotos profissionais ou artes e ilustrações feitas por alguém da equipe da *Periferia em Movimento* para a imagem de capa.

Ao todo, 11 publicações receberam alguma outra imagem (além da imagem de capa) ou uma galeria de fotos no corpo do texto. Algumas publicações apresentam fotografias das personagens ou fontes que aparecem no texto. No geral, essas fotos no corpo do texto são de arquivo pessoal ou uma imagem de divulgação. A *Periferia em Movimento* não usa legendas informativas, as fotografias vêm acompanhadas apenas do nome da pessoa ou espaço que aparece na imagem.

Outro recurso visual utilizado pela *Periferia em Movimento* são boxes com

informações que complementam o texto, como o exemplo abaixo.

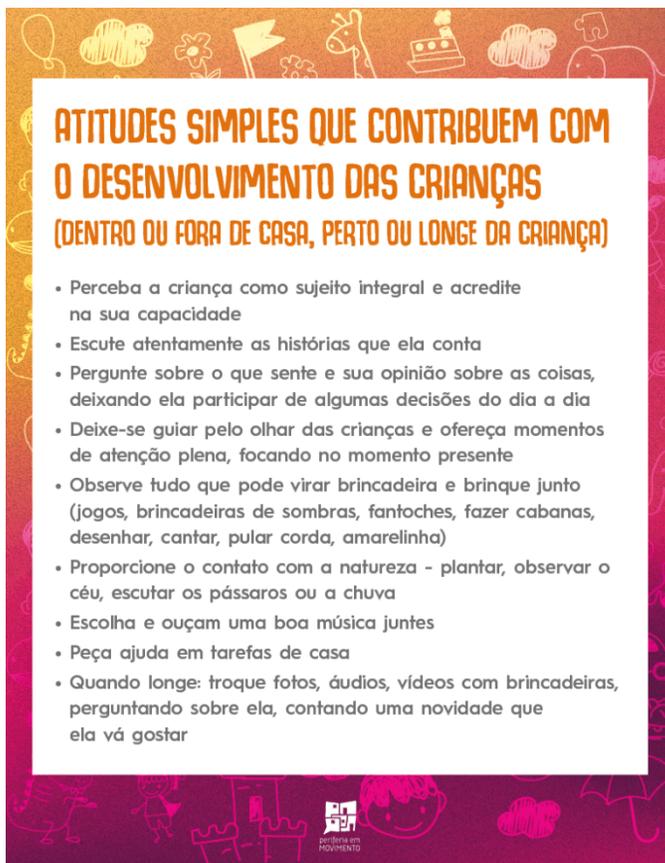


Imagem 1 – Box informativo

Fonte: *Periferia em Movimento*

Também foram analisadas quantas publicações da *Periferia em Movimento*, divulgadas no mês de setembro, fazem uso de hiperlinks, vídeo, áudio e gráficos. Foram contadas 15 publicações com uso de hiperlinks, duas com uso de vídeos, duas com áudio e duas com algum gráfico.

A linguagem utilizada pela *Periferia em Movimento* é nitidamente diferente daquela utilizada em veículos jornalísticos tradicionais. Um dos fatores relevantes que sinaliza essa diferença é a utilização de linguagem neutra. Nos 17 textos publicados pela *Periferia em Movimento* em setembro, apenas três não fazem uso desse tipo de linguagem. Por meio de um banner, o veículo explícita para o leitor quando a publicação faz uso da linguagem neutra.

Imagem 2 – Banner linguagem neutra

Fonte: *Periferia em Movimento*

Outro fator relevante é a facilidade em encontrar textos com traços literários. Grande parte das publicações da *Periferia em Movimento* do mês de setembro não seguiram o tradicional lead jornalístico, mas começaram o texto de maneira mais literária, como a publicação “*Desenvolvimento das crianças depende de compromisso de toda a sociedade*”, que inicia o primeiro parágrafo com a fala de uma personagem. “Correria, falta de tempo e paciência. A gente ocupa o nosso tempo com tantas coisas que acaba não tendo tempo para coisas importantes, que é a atenção para as crianças”, reconhece Carla de Moraes Silva, de 31 anos” (*PERIFERIA EM MOVIMENTO*a, 2021).

Também foi observado que o veículo utiliza gírias e palavras que fazem parte do dia a dia do leitor, como, por exemplo, “quebrada”, “rolê”, “rolezinho” e “solzinho”. Além disso, o veículo também faz uso de uma comunicação direta como observado no texto “Tá foda!”: Com impactos da pandemia e da crise na saúde mental, terapeutas de periferias indicam medidas de autocuidado”, que é iniciado com uma pergunta direta ao leitor. “Sabe quando você deixa a panela de feijão no fogo e acaba engrossando o caldo, correndo inclusive o risco de queimar? É assim que Ingrid de Oliveira Cardoso resume a procura por cuidados pessoais nesse período” (*PERIFERIA EM MOVIMENTO*b, 2021). Além disso, foi percebido que é comum o uso de adjetivos em textos informativos da *Periferia em Movimento*.

Um fator interessante observado é que os textos do veículo sempre explicitam a região onde mora a fonte ou personagem que aparece no texto, como visto no trecho “Carla de Moraes Silva, moradora da Vila Albertina (zona Norte de São Paulo)” (*PERIFERIA EM MOVIMENTO*c, 2021).

Por fim, foi reconhecido o esforço do veículo em prestar serviço ao público leitor. Dos 17 textos analisados, ao menos sete tinham alguma informação sobre eventos locais, como dia, hora e local. Alguns textos eram dedicados integralmente à divulgação de eventos ou de conteúdos online que podem ser acessados pelo leitor de maneira gratuita e que visam fomentar o debate de pautas políticas e sociais.

## **4.2 Agora São Paulo**

Os conteúdos do *Agora São Paulo* se dividem nas seguintes editorias: Grana (que se subdivide em INSS, Auxílio Emergencial, Imposto de Renda, Trabalho e Defesa do Cidadão), São Paulo (que se subdivide em Polícia, Vigilante Agora, Nos Prédios, Zona Norte, Zona Sul, Zona Oeste, Zona Leste, Centro, Grande SP e Interior), Zapping, Olá, Entretenimento (o site do *Agora São Paulo* não tem uma editoria própria de entretenimento).

Ao clicar nessa opção, o leitor é levado para a editoria de entretenimento do site da *Folha de S. Paulo*, Esporte (que se subdivide em Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo), Política e Máquina (é interessante perceber que todas as notícias dessa editoria levam o leitor diretamente para o site da *Folha de S. Paulo*, uma vez que, na realidade, o texto foi publicado na *Folha* e apenas divulgado no site do *Agora São Paulo*).

Ao longo do mês de setembro de 2021, o *Agora São Paulo* realizou ao menos 218 publicações<sup>1</sup> no site. As pautas variaram entre diversos assuntos, como benefícios oferecidos pelo governo, vale-gás, isenção do Imposto de Renda, brigas em bares da periferia, assassinato, assalto, roubo, fofocas de famosos e programação televisiva. É interessante perceber que o jornal *Agora São Paulo* não apresenta uma editoria própria de política no site. Ao clicar nessa editoria, o leitor é levado diretamente para a editoria de política do site da *Folha de S. Paulo*.

Artigos de opinião foram identificados apenas na editoria de esportes no site do veículo. Já a editoria Zapping reúne colunas da jornalista Cristina Padiglione (não foram identificados outros colunistas). É interessante perceber que todas as colunas publicadas no site do *Agora São Paulo* levam o leitor diretamente para o site do jornal *Folha de S. Paulo*.

As fotos utilizadas pelo veículo variam de acordo com a editoria. Entretanto, no geral as fotos apresentam teor sensacionalista<sup>2</sup> ao apresentarem imagens de armas, ambientes sujos de sangue, cenas de crimes, drogas e pessoas chorando. Também aparecem imagens mais amenas, como estudantes em sala de aula, pessoas sorrindo com a carteira de trabalho e fotos comuns da cidade de São Paulo.

A editoria de polícia ganha destaque pelas fotos agressivas. Foram reconhecidas diversas matérias da editoria que usam fotos de viaturas policiais, disparos de armas, algemas, ruas sujas de sangue e fotos de vítimas de crimes como roubo e assassinato.

---

1 Foram contadas exatamente 218 publicações no mês de setembro, mas o site do jornal não permite acesso a todas as publicações da editoria "Zapping" e nem "Polícia".

2 O dicionário Silveira Bueno define "sensacionalismo" como "modo de divulgar notícias dando-as como acontecimentos extraordinários; que produz grande sensação".

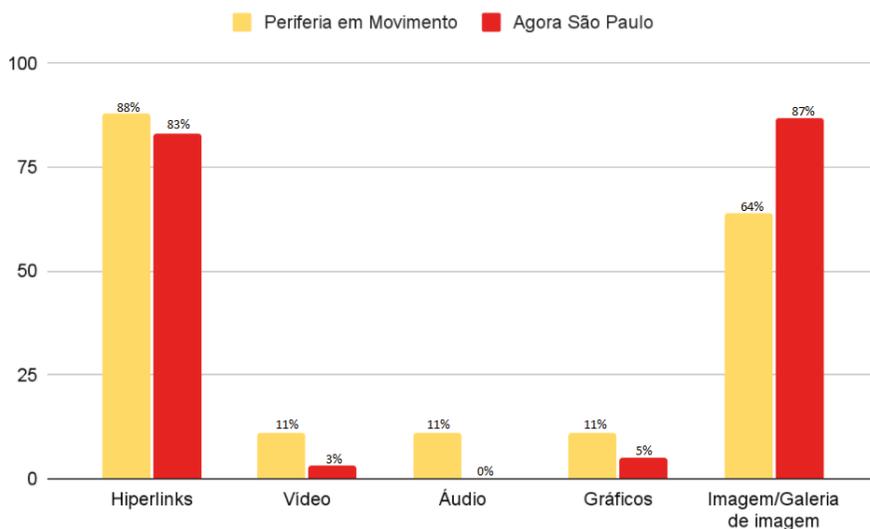


Imagem 3 – Foto usada em publicação do *Agora São Paulo*

Fonte: *Agora São Paulo*

Também foi analisado quantas publicações do *Agora São Paulo*, divulgadas no mês de setembro, fazem uso de hiperlinks, vídeo, áudio e gráficos. Foram contadas 182 publicações com uso de hiperlinks, sete com uso de vídeos, nenhuma com áudio e 12 com algum gráfico.

O quadro abaixo faz uma comparação percentual do uso dos recursos multimídias analisados aqui e utilizados pela *Periferia em Movimento* e o *Agora São Paulo* nas publicações de setembro de 2021 de ambos os jornais.



Quadro 1 – Comparação do uso dos recursos multimídias

Fonte: *Periferia em Movimento e Agora São Paulo*

No geral, o *Agora São Paulo* apresenta linguagem de fácil entendimento e que busca criar uma conexão com o leitor. Entretanto, o modelo de escrita do texto varia de acordo com a editoria. Em textos encontrados na seção “Trabalho”, foi percebida uma linguagem mais direta com a finalidade de explicar para o leitor as informações da oportunidade de trabalho em questão. No texto “*Estado de SP contrata professores temporários para 2022; salário é de R\$ 2.886,24*”, por exemplo, foi reconhecido o uso do lead e as informações sobre o processo seletivo foram dispostas de maneira simples e clara. O trecho a seguir exemplifica a linguagem usada nessa editoria: “A inscrição deve ser realizada pela plataforma Banco de Talentos da Seduc, de forma autodeclaratória. O processo será online e não é necessário apresentar os documentos na Diretoria de Ensino” (AGORA SÃO PAULOa, 2021). O texto também elenca em tópicos as informações de quem pode se inscrever no processo.

As editorias “Polícia” e “São Paulo” têm linguagem similar, uma vez que tratam de assuntos parecidos. Nas duas editorias foi percebida uma grande quantidade de temas relacionados a crimes e violência. Um fator que chamou atenção foi a utilização de palavras como “ladrões”, “crime” e “criminosos”. Vale lembrar que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros pontua que “a presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade jornalística” (FENAJ, 2007). É válido pontuar que o *Agora São Paulo* também usa o termo “suspeito” ao se referir diretamente a uma pessoa acusada de algum crime. Exemplo disso é o texto “*Bando sequestra casal para fazer saques com Pix na zona oeste de SP*” (AGORA SÃO PAULOb, 2021), que logo no primeiro parágrafo apresenta uma dualidade nos termos escolhidos para se referir a pessoas acusadas de sequestro e roubo. “Quatro pessoas foram presas em flagrante sob a suspeita de manter em cárcere privado, na noite desta segunda-feira (27), em Embu das Artes (Grande SP), um casal abordado pelos criminosos” (AGORA SÃO PAULOb, 2021). Ao longo do texto também aparecem as frases “os ladrões colocaram as vítimas no carro da mulher” e “a polícia solicitou a prisão preventiva dos quatro suspeitos, que seguem à disposição da Justiça” (AGORA SÃO PAULOb, 2021).

Alguns textos também apresentam linguagem mais humanizada ao se referir a personagens ou ao relatar fatos. A publicação “*Bando sequestra casal para fazer saques com Pix na zona oeste de SP*” (AGORA SÃO PAULOb, 2021), já citada anteriormente, é um exemplo. O texto humaniza o acontecimento ao descrever a intenção dos personagens no trecho: “A intenção de um rapaz de 30 anos e uma mulher, de 36, era apreciar o pôr do sol no local, mas tiveram os planos frustrados quando foram abordados por dois criminosos” (AGORA SÃO PAULOb, 2021).

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão à pesquisa realizada, podemos perceber que há nítidas diferenças textuais entre o jornalismo popular e o jornalismo periférico. Alguns dos fatores que causam essa diferença são as distintas realidades do jornalista popular e do público para o qual

escreve. O jornalista periférico, por sua vez, vive a realidade do público leitor, sabe como esse leitor se comunica e quais são os assuntos relevantes para aquele grupo.

Além disso, em geral, as iniciativas de jornais periféricos são mais recentes que os jornais populares. Por isso, esses veículos muitas vezes já nasceram na época digital e são formados por profissionais mais jovens, que já estão acostumados a usar recursos multimídias e pensar a comunicação de maneira mais dinâmica e inovadora. Esses fatores colaboram para que os jornais se destaquem nas mídias sociais e se conectem com o público leitor de maneiras diferentes.

Também, foi reconhecido que as pautas e as linguagens abordadas em ambos os jornais são distantes umas das outras. Como dito por Márcia Franz Amaral, o jornal popular faz uso de linguagem simples, didatismo, prestação de serviços. Também foram reconhecidas pautas policiais e que exploram a violência.

O jornal periférico, por outro lado, trata sobre temas locais, sinaliza o que é importante para a população da periferia em questão, divulga a cultura periférica e apresenta prestação de serviço. Foge de pautas violentas e traz uma linguagem mais íntima e coloquial.

## REFERÊNCIAS

AGORA SÃO PAULOa. Estado de SP contrata professores temporários para 2022; salário é de R\$ 2.886,24. Setembro, 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/grana/2021/09/estado-de-sp-contrata-professores-temporarios-para-2022-salario-e-de-r-288624.shtml>

AGORA SÃO PAULOb. Bando sequestra casal para fazer saques com Pix na zona oeste de SP. Setembro, 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/09/bando-sequestra-casal-para-fazer-saques-com-pix-na-zona-oeste-de-sp.shtml>

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

ASSIS, Larissa Gould de. Virada comunicação: como coletivos de comunicações das periferias estão construindo uma nova forma de se comunicar. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, junho, 2018. Volume 1. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/146727/140254>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUENO, Francisco da Silveira. Bueno Silveira. 2. ed. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2007.

CAIRES, Mariana de Sousa. Repórter da Quebrada: Jornalismo, educomunicação e direito à cidade no Extremo Sul de São Paulo. **Conferência Brasileira de Mídia Cidadã**, Juiz de Fora, outubro, 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/midiacidada2017/files/2018/10/Rep%C3%B3rter-da-Quebrada.pdf>

CORREIA, João Carlos. Linguagem jornalística, estranheza e referência. **Universidade da Beira Interior**, Covilhã, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-linguagem-jornalistica-estranheza-referencia.pdf>

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A Formação dos Sujeitos Periféricos**: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8e0d/0df0e5db70cf8725ecbf04e63894852074b7.p>

LOPES, Paula. **Jornalismo e linguagem jornalística**: Revisão conceptual de base bibliográfica. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, , 2010. Disponível em: <https://url.gratis/3baIXH>

LOPES, Paula. **Linguagem literária e linguagem jornalística**: Cumplicidades e distâncias. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2010. Disponível em: <https://url.gratis/eFLVN7>

MARICATO, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, vol. 17, n. 48, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LJf4kyjgfBw9PyLxBxbNRbf/?lang=pt&format=pdf>

MARTINI, Mara Rovida. As periferias pelo periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 50-65, jul/dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/149085/151708>

PERIFERIA EM MOVIMENTOa. Desenvolvimento das crianças depende de compromisso de toda a sociedade. Setembro, 2021. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/desenvolvimento-das-criancas-depende-de-compromisso-de-toda-a-sociedade/>

PERIFERIA EM MOVIMENTOb. “Tá foda!”: Com impactos da pandemia e da crise na saúde mental, terapeutas de periferias indicam medidas de autocuidado. Setembro, 2021. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/autocuidado21/>

PERIFERIA EM MOVIMENTOc. “Ceasa da favela” democratiza comida sem veneno na periferia de SP. Setembro, 2021. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/sacolaorganicamenteperiferiasp/>

PIVETTI, Michaella. **Planejamento e Representação Gráfica no Jornalismo Impresso**: A Linguagem Jornalística e a Experiência Nacional. 2006. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-30042009-144300/publico/3426762.pdf>

VILLAÇA, Flávio. Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira. **VII Encontro Nacional da Anpur**, São Paulo, maio, 1997. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/site/http://agbcampinas.com.br/site/wp-content/uploads/2021/03/efeitos96.pdf>

# A TRIANGLE PUBLICATIONS E A REVISTA TV GUIDE: A SEGMENTAÇÃO EDITORIAL ESTADUNIDENSE NOS ANOS 1960

Data de aceite: 01/03/2023

### Talita Souza Magnolo

Mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Realizou doutorado sanduíche na Universidade de Brown, Estados Unidos, no Departamento de História. Vice-líder do Grupo de Pesquisa (CNPQ) Comunicação, Cidade e Memória. Membro da Comissão de Audiovisual do PPGCOM/UFJF

**RESUMO:** Este artigo é fruto da pesquisa de doutorado desenvolvida no PPGCOM da UFJF, mais especificamente, dos estudos realizados durante o estágio doutoral, na Universidade de Brown, Estados Unidos, em 2021. A pesquisa mencionada consiste no estudo das primeiras revistas brasileiras especializadas em TV dos anos 1950/60. O intercâmbio permitiu uma investigação aprofundada sobre a revista estadunidense *TV Guide* (1953-), inspiração para a revista *Intervalo* (1963-1972), da Editora Abril, bem como outras publicações especializadas dos anos 1950/60. Parte-se de um percurso historiográfico, com o objetivo de elucidar características do mercado editorial norte-americano, mas também apresentar

a história da *Triangle Publications*, entendendo sua importância e principais estratégias editoriais, e segmentação editorial daquela época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista *TV Guide*; *Triangle Publications*; segmentação editorial; 1960.

## 1 | INTRODUÇÃO

A revista *TV Guide* é um exemplo de história de sucesso entre os meios de comunicação impressos dos Estados Unidos (ALTSCHULER; GROSSVOGEL, 1992). Durante décadas, ela teve uma circulação maior do que qualquer revista estadunidense, liderando também em receita de publicidade. Em seu auge, com quase 20 milhões de cópias chegou às salas de estar da América do Norte a cada semana e foi lida por mais de quarenta milhões de americanos. Além disso, o semanário da *Triangle Publications* é considerado um forte mediador cultural e um meio com diversas influências para seu leitor. À medida que os redatores da revista engajavam e divertiam os leitores, eles

também abordavam valores, eventos e experiências que importavam para eles. A *TV Guide* ajudou os americanos a definir as possibilidades e limitações da televisão e a compreender a indústria do entretenimento como um negócio e uma forma de arte.

A *Triangle Publications Inc.* (1947-1988) era um grupo de mídia americano com sede, primeiro, na Filadélfia e, depois, em Radnor, na Pensilvânia. Era uma corporação de capital fechado, com a maioria de suas ações pertencentes a Walter Annenberg<sup>1</sup> e suas irmãs. Suas participações consistiam em jornais, revistas e estações de rádio (ANNENBERG FOUNDATION, 2021, meio digital). Em 1947, a empresa se tornou a *Triangle Publications* a partir dos ativos e propriedades da *Cecelia Corporation*, uma empresa fundada por seu pai, Moses Annenberg, cujo nome homenageava sua mãe, Sarah “Sadie” Cecelia Annenberg.

As publicações da *Cecelia Corporation*, na época incluíam o *Daily Racing Form*, o *Morning Telegraph*, em Nova York e o *Philadelphia Inquirer*, porém, com a instabilidade do mercado, logo em 1958, a empresa retorna para a *The Atlantic Monthly Company* e, posteriormente, torna-se *Triangle Publishing Company* ou *Triangle Communications Inc.* (THE POP HISTORY DIG, meio digital, 2020). A editora chegou a possuir várias outras publicações, incluindo o *Armstrong Daily*; o *Philadelphia Daily News*; a revista *Seventeen*; *The Atlantic Monthly*; o *Saturday Evening Post*; *Elementary Electronics*; *Essence*; *Playboy*; *Star & Sky* e as revistas *TV Guide* e *Good Food*.

O artigo propõe apresentar e discutir a importância que a *Triangle Publications* teve para a história do mercado editorial estadunidense, mas também como significativo modelo precursor do movimento de segmentação que, durante os anos 1950 e 1960, se tornou muito presente no Brasil. Sabe-se que, não somente a *TV Guide*, mas outras publicações da editora de Annenberg foram usadas como grandes inspirações para a criação das revistas especializadas brasileiras (MAGNOLO, 2018; 2022) e, portanto, destaca-se aqui, a relevância de escrever-se sobre este tópico. Conforme mencionado no resumo, parte-se de uma revisão bibliográfica descoberta durante a realização de um doutorado sanduíche na Universidade de Brown, Estados Unidos. Destaco que este estudo foi primordial para a confecção da tese de doutorado que será defendida em 2023, sobre a revista *Intervalo*.

## 2 | A TRIANGLE PUBLICATIONS

Ao longo de sua história, a *Triangle Publications* criou diversos impressos que, além de informar, forneciam análises de questões políticas e tendências culturais, avaliando-as conforme retratadas no rádio, cinema e televisão e vividas no “mundo real”. Além disso, a

<sup>1</sup> Walter Hubert Annenberg nasceu em 1908 e teve uma carreira distinta como editor, radialista, diplomata e filantropo. Ele se formou na *The Peddie School* em *Hightstown*, Nova Jersey e frequentou a *Wharton School* da Universidade da Pensilvânia. Ele ingressou no negócio de publicações familiares na Filadélfia, onde se tornou presidente da *Triangle Publications* em 1940 e, posteriormente, presidente do conselho. Em 1951, o Sr. Annenberg tornou-se um dos primeiros premiados do prestigiado Prêmio Alfred I. DuPont por educação pioneira na televisão. Ele também recebeu o *Marshall Field Award* em 1958. Em 1983, recebeu a Medalha *Ralph Lowell* por sua “contribuição excepcional à televisão pública”. Homem com um profundo interesse pela educação, o Sr. Annenberg fundou a Escola de Comunicação Annenberg na Universidade da Pensilvânia em 1958 e a Escola de Comunicação Annenberg na Universidade do Sul da Califórnia em 1971. Disponível em: <https://www.annenberg.org/people/walter-h-annenberg/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

editora foi uma das primeiras nos Estados Unidos a possuir estações de rádio e televisão, conquistando o setor de radiodifusão com a compra da WFIL na Filadélfia, em 1947, nas lojas de departamento *Lit Brothers* e *Strawbridge and Clothier*.

O WFIL é uma evolução das estações de rádio (WLIT) que, nos primeiros dias do rádio comercial, compartilhavam o tempo na mesma frequência. Walter Annenberg ficou interessado no WFIL, pois era uma das poucas estações de rádio que tinham a aprovação da FCC<sup>2</sup> para também administrar uma estação de televisão – Annenberg recebeu a licença para iniciar o WFIL-TV (PHILLY.COM, meio digital, 2020).

Foi, também, pioneira no conceito de transmissão fac-símile (fax) sobre a banda FM, transmitindo, inclusive, a *Philadelphia Inquirer* como WFIL-FX. Esse conceito inovador durou pouco, pois o equipamento de recebimento era caro e escassamente disponível. A WFIL-TV da editora foi a primeira afiliada da nova rede da *American Broadcasting Company*, cuja sigla é ABC. Embora pertencentes à editora, as estações AM, FM e televisão do WFIL foram transmitidas pela primeira vez a partir do *Edifício Widener*, na Filadélfia. De acordo com o blog “*The Pop History Dig*” (meio digital, 2020), em 1948, a *Triangle* construiu o primeiro centro de transmissão projetado especificamente para a televisão, na Filadélfia, que mais tarde se tornou o lar do programa *American Bandstand* com Dick Clark.

Mercado	Estação	Anos de propriedade	Propriedade atual
Altoona, Pensilvânia	WFBG 1290	1956-1972	Forever Broadcasting, LLC
	WFBG-FM 98.1	1960-1972	<i>Forever Broadcasting, LLC</i>
Binghamton, Nova Iorque	WNBF 1290	1955-1972	Townsquare Media
	WNBF-FM 98.1	1956-1972	<i>Townsquare Media</i>
Fresno, Califórnia	KFRE 940	1959-1971	John E. Ostlund
	KFRE-FM 93.7	1959-1971	<i>Cumulus Media</i>
New Haven, Connecticut	WNHC 1340	1956-1971	Yale Broadcasting Company
	WNHC-FM 99.1	1956-1971	<i>Connoisseur Media</i>
Filadélfia	WFIL 560	1947-1971	Salem Media Group
	WFIL-FM 102.1	1948-1971	iHeartMedia

Tabela 1 – Estações de rádio da Triangle Communications

Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Triangle\\_Publications](https://en.wikipedia.org/wiki/Triangle_Publications). Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

As operações de transmissão da *Triangle* também refletiram o interesse e

2 Comissão Federal de Comunicações (em inglês: Federal Communications Commission - FCC) é o órgão regulador da área de telecomunicações e radiodifusão dos Estados Unidos, criado em 1934, dentro do programa *New Deal*. Tem como competência, a fiscalização do espectro norte-americano de radiofrequência, a atribuição de canais de rádio e TV, serviços de telefonia e TV por assinatura. É composta por cinco conselheiros, que deliberam sobre todas as questões que envolvem a área da mídia eletrônica e das telecomunicações dos EUA. Todo equipamento elétrico ou eletrônico produzido ou comercializado nos Estados Unidos deve ter um registro na FCC e receber um número categorizado chamado FCCID. Este número pode ser pesquisado para a identificação de aparelhos cujo fabricante ou modelo não é evidente. Disponível em: <https://www.fcc.gov/about/overview>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

o compromisso de Walter Annenberg com a educação, com o estabelecimento de vários programas educacionais por rádio e a operação *Educating* – desenvolvedor de programação educacional –, através da televisão.

Cidade da licença / mercado	Estação	Canal de TV	Anos de propriedade	Status atual de propriedade
Fresno, Califórnia	KFRE-TV	30	1959 – 1971	ABC
New Haven, Ponta Delgada	WNHC-TV	8	1956 – 1971	ABC ( <i>Nexstar Media Group</i> )
Binghamton, NY	WNBF-TV	12	1955 – 1972	CBS ( <i>Quincy Media</i> )
Altoona, Pensilvânia	WFBG-TV	10	1967 – 1972	CBS ( <i>Nexstar Media Group</i> )
Libano – Lancaster – Harrisburg – York, Pensilvânia	TV WLBR/ TV WLYH	15	1957 – 1972	Howard Stirk Holdings
Filadélfia	WFIL-TV	6	1947 – 1971	ABC

Tabela 2 – Estações de TV da Triangle Communications

Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Triangle\\_Publications](https://en.wikipedia.org/wiki/Triangle_Publications). Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

Os principais empreendimentos da editora foram *The Daily Racing Form*, o *The Philadelphia Inquirer* e a revista *Seventeen*, que existem até hoje, entre outros títulos. A *Triangle Communications* era, provavelmente, mais reconhecida por suas publicações, muito significativas, em revistas como foi o caso da *TV Guide*, que tomou o mercado norte-americano e construiu uma nova forma de falar sobre televisão.

O *The Philadelphia Inquirer* é um jornal diário, distribuído na área metropolitana da Filadélfia nos Estados Unidos. O jornal foi fundado por John R. Walker e John Norvell em junho de 1829 como *The Pennsylvania Inquirer* e é o terceiro jornal diário sobrevivente mais antigo dos Estados Unidos (THE PHILADELPHIA PRESS ASSOCIATION, meio digital, 2020). O jornal, desde seu início teve grande importância nos Estados Unidos e cresceu se destacando, principalmente durante a Guerra Civil Americana<sup>3</sup>, quando sua cobertura de guerra era popular nos dois lados<sup>4</sup>.

3 A Guerra Civil Americana, ou Guerra de Secessão, foi um conflito armado travado entre os estados do Sul e do Norte dos Estados Unidos. O conflito começou em 12 de abril de 1861 e só teve fim em 22 de junho de 1865. A guerra aconteceu após o clima de tensão gerado pelas eleições de 1860, que elegeram o presidente Abraham Lincoln – representante do Norte. Para saber mais: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-americana.htm>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

4 Originalmente favorável ao Partido Democrata, a afiliação política do *The Inquirer* acabou mudando para o Partido Whig e depois para o Partido Republicano antes de se tornar oficialmente politicamente independente em meados do século XX.



Annenberg, da *Triangle Publications*, em 1936. Durante os seis anos, caracterizados pelo período de transição, o jornal perdeu forças e cedeu espaço a outros impressos concorrentes, porém, com a entrada definitiva de Annenberg, *The Inquirer* ressurgiu (THE PHILADELPHIA PRESS ASSOCIATION, meio digital, 2020).

Moses Annenberg wrote the Inquirer's "new platform" which was: To print the news accurately and fearlessly but never to be content with merely printing the news; to strive always to uphold the principles of our American democracy, to war relentlessly against alien "isms," to fight intolerance, to be the friend and defender of those who are persecuted and oppressed; to demand equal justice for employer and employed; to work for the advancement of industry in Delaware Valley and Pennsylvania; to oppose political hypocrisy and corruption; to fight and never cease fighting to maintain the sanctity of personal liberty and the inviolability of human rights<sup>5</sup> (THE PHILADELPHIA PRESS ASSOCIATION, meio digital, 2020).

Houve um grande investimento em recursos, equipe e promoções para aumentar a circulação do jornal, agora reinventado e sob nova direção. Em 1938, a circulação do dia da semana do impresso aumentou para 345.422 – em 1936, por exemplo, a circulação era de 280.093 exemplares. Em 1939, Annenberg foi acusado de sonegação de imposto de renda, foi preso e faleceu em 1942, na prisão. Assumindo o comando do jornal, seu filho Walter pôde ver o *The Inquirer* assumir a liderança de vendas e, em 1947, com a falência de seus concorrentes, o jornal se tornou o único diário matinal da Filadélfia (PHILLY.COM, meio digital, 2020). Em 1948, Walter Annenberg expandiu o *Inquirer Building* com uma nova estrutura que abrigava novas impressoras para seu jornal.

### 3 | A SEGMENTAÇÃO EDITORIAL

No final da década de 1960, as receitas de circulação e publicidade estavam em declínio e o jornal havia se tornado, segundo a revista *Time*, "não criativo e indistinto" (THE PHILADELPHIA PRESS ASSOCIATION, meio digital, 2020). Em 1969, Annenberg vendeu o *The Philadelphia Inquirer* para John S. Knight, juntamente com o *Philadelphia Daily News*, ambos se tornaram, portanto, parte do *Knight Newspapers*. Cinco anos depois, os jornais de Knight se fundiram com a *Ridder Publications* para formar a *Knight Ridder*.

Em 1988, os ativos remanescentes da *Triangle Communications* foram vendidos para a *News Corporation*<sup>6</sup>, de Rupert Murdoch, por 2,83 bilhões dólares, em uma das

---

5 Moses Annenberg escreveu a "nova plataforma" do *Inquirer*, que era: Imprimir as notícias com precisão e sem medo, mas nunca se contentar em apenas imprimir as notícias; esforçar-se sempre por defender os princípios de nossa democracia americana, guerrear incansavelmente contra "ismos" alienígenas, combater a intolerância, ser amigo e defensor daqueles que são perseguidos e oprimidos; exigir justiça igual para empregador e empregado; trabalhar para o avanço da indústria no vale de Delaware e na Pensilvânia; opor-se à hipocrisia política e à corrupção; lutar e nunca parar de lutar para manter a santidade da liberdade pessoal e a inviolabilidade dos direitos humanos. (Tradução nossa).

6 A *News Corporation* foi um grupo de comunicação social norte-americano. No ano de 2011, era o segundo maior grupo de mídia, em termos de receitas, e o terceiro maior no setor de entretenimento em 2009. É o segundo maior conglomerado de mídia do mundo, atrás apenas da *Walt Disney Company* e seguida pela *Time Warner*. Seu CEO é Rupert Murdoch, que fundou a *News Corp* em 1979, na Austrália. A *News Corporation* é uma empresa de capital aberto listada na Bolsa de Valores de Nova York, com anúncios no *Australian Securities Exchange* e Bolsa de Valores de Londres.

maiores transações financeiras da época<sup>7</sup>. A história deste impresso é vasta, longa e muito rica, visto que o jornal se encontra em circulação até os dias atuais. Hoje sua circulação diária atinge cerca de 158.456 exemplares e, aos domingos, 321.197 exemplares<sup>8</sup>.

Um dos grandes sucessos da *Triangle* foi a revista *Seventeen*, uma publicação iniciada por Annenberg em 1944, com dicas de moda e conselhos para meninas adolescentes. A base de leitores da revista é composta por mulheres de 13 a 19 anos, e começou como uma publicação voltada para inspirar meninas adolescentes a se tornarem trabalhadoras modelo e cidadãs. Pouco tempo depois de seu lançamento, a revista adotou uma abordagem mais voltada para a moda e o romance, apresentando seu material e promovendo a autoconfiança em mulheres jovens. De acordo com a primeira editora da revista, Helen Valentine, *Seventeen* forneceu às meninas adolescentes modelos de mulheres trabalhadoras e informações sobre seu desenvolvimento (RESEARCH GUIDES, 2020, meio digital).

Além disso, a publicação reforçou o papel dos adolescentes como consumidores da cultura popular norte-americana. A *Seventeen* foi publicada mensalmente e manteve uma forte base de assinaturas de 1944 a 1946. O conceito de “adolescente” como uma demográfica distinta se originou naquela época, sendo influenciado também pela publicação da história em quadrinhos *Teena*, a partir de julho de 1944, criada pela cartunista Hilda Terry, que tratava da vida de um típico adolescente, seus dilemas, comportamentos e questionamentos (MASSONI, 2012).

---

Em 2013, os ativos da *News Corporation* foram divididos em duas empresas de capital aberto: uma para veículos de comunicação, e a outra para a área editorial, e foi renomeada *21st Century Fox*.

<sup>7</sup> Para mais informações: <https://www.nytimes.com/1988/08/08/business/media-business-murdoch-agrees-buy-tv-guide-3-billion-sale-annenberg.html> e <https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-1988-04-10-8803080044-story.html>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

<sup>8</sup> Para saber mais sobre a história do *The Philadelphia Inquirer*: <http://www.phillypa.com/inquirer.html>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

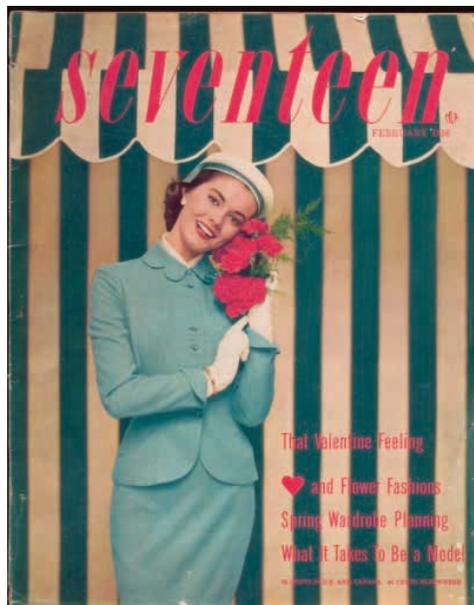


Figura 2 - Revista Seventeen da Triangle Communications – fevereiro de 1956

Fonte: <https://www.roots.sg/learn/collections/listing/1147962>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

Massoni (2012), afirma que após o lançamento do *Seventeen*, em setembro de 1944, Estelle Ellis Rubenstein, diretora de promoção da revista, apresentou aos anunciantes a vida de meninas adolescentes através de *Teena* e, ao mesmo tempo, vendeu publicidade para a publicação, baseada em diversas pesquisas de público, realizadas com meninas adolescentes. A revista tornou-se uma importante fonte de informação para os fabricantes que buscavam orientação sobre como satisfazer a demanda deste novo público leitor que se formou ainda na sua adolescência<sup>9</sup>.

Já para aqueles que eram entusiastas das corridas de cavalos dos Estados Unidos, a *Triangle* possuía uma publicação de confiança com muitas informações e estatísticas, o *Daily Racing Form*, que publicava as performances anteriores de cavalos de corrida como um serviço estatístico para apostadores em corridas de cavalos na América do Norte.

---

<sup>9</sup> A revista ditou moda, e isso é comprovado através de dois grandes exemplos. O primeiro, foi quando Sylvia Plath enviou mais de 50 peças para *Seventeen* antes de seu primeiro conto, “*And Summer Will Not Come Again*”, que foi aceito e publicado na edição de agosto de 1950. O segundo, quando Joyce Walker se tornou o primeiro modelo preto a aparecer na capa da *Seventeen* em julho de 1971. E, mais adiante, no início dos anos 1980, Whitney Houston também foi capa da revista.



Figura 3 - O jornal Daily Racing Form

Fonte: <https://www.betsandpieces.net/horse-racing-form-guide/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

Criado em 1894, por Frank Brunell, o *Form* começou como um tabloide com distribuição regional e foi comprado por Moses Annenberg em 1922. A *Triangle* mesclou as edições regionais em uma única publicação, no início dos anos 1970, quando transferiu as operações para uma nova instalação em Nova York. O *Daily Racing Form* foi uma das publicações mais rentáveis da *Triangle Communications*. No início da década de 1970, a *Triangle* lançou o *Good Food*, uma publicação em tamanho compacto, com receitas e histórias de destaque, voltada para as famílias. A revista foi projetada e comercializada da mesma forma que a *TV Guide*. A publicação da revista foi suspensa após aproximadamente seis meses devido ao interesse mínimo dos consumidores, como também aconteceu com *The Atlantic Monthly*, *Saturday Evening Post*, *Star & Sky Magazine*, *Fortune Magazine*, entre outros títulos da editora.

## 4 | A REVISTA TV GUIDE

A revista *TV Guide* foi lançada, em âmbito nacional, dia 4 de abril de 1953. Ela era uma publicação semanal e sua circulação inicial chegou a atingir cerca de 1,5 milhão, mas logo, esse número subiu e o semanário venderia milhões de cópias a mais nos próximos anos (THE POP HISTORY DIG, meio digital, 2020). Aqui fala-se em lançamento nacional pois, até onde pudemos averiguar em nossas pesquisas iniciais, a revista *TV Guide* já existia, porém, realizando coberturas locais. O exemplo da imagem a seguir é de uma edição datada em 25 de janeiro de 1952, da região de *New England*, como pode-se notar

no canto superior esquerdo da publicação, logo acima de seu nome.

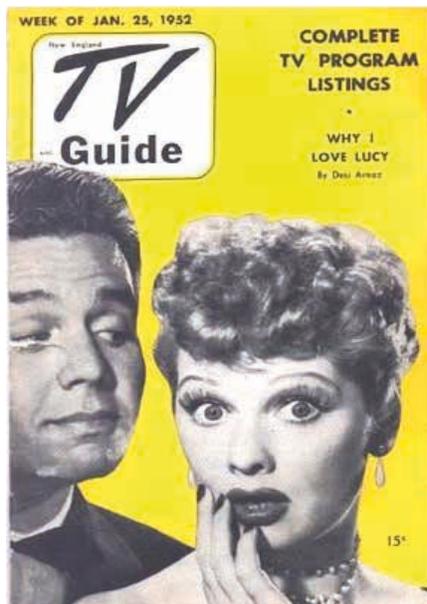


Figura 4 – Revista TV Guide (New England) – 25 de janeiro de 1952

Fonte: <https://www.famousfix.com/topic/tv-guide-magazine-united-states-25-january-1952>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

É reconhecido que a *TV Guide* teve uma grande audiência, especialmente como uma revista de fãs. Altschuler e Grossvogel (1992) afirmam que a revista foi escrita por redatores de escritórios em Nova York, Hollywood e Washington e por freelances em todo os Estados Unidos. A revista foi criação de dois homens, Walter Annenberg e Merrill Panitt, diretor editorial que forneceu inspiração, direção e continuidade para mais de um terço de século. “At the outset they made their magazine a booster for television, creating customers for themselves in the process. Dependent on network programmers and publicity agents, the magazine did reach for the stargazers”<sup>10</sup> (ALTSCHULER; GROSSVOGEL, 1992, p.13).

A história de sua criação é, no mínimo, curiosa, visto que Walter Annenberg já havia observado algumas mudanças na sociedade, causadas pela TV e foi contra a opinião da maioria de seus conselheiros mais próximos, comprando várias revistas de listagem de TV locais - *TV List*, *TV Digest*, *TeleVision Guide* e *TV Guide* – e as fundiu em uma publicação semanal nacional sob o nome *TV Guide*.

---

<sup>10</sup> No início, eles transformaram sua revista em um impulsionador da televisão, criando clientes para si próprios no processo. Dependente de programadores de rede e agentes de publicidade, a revista alcançou os observadores de estrelas. (Tradução nossa)



Figura 5 - Revista TV Digest e revista TV Preview – ambas de 1953

Fonte: <https://www.ebay.com/itm/TV-Guide-1953-Pre-National-Jackie-Gleason-TV-Digest-V7N1-Imogene-Coca-Sid-Caesar-/201548660085>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020 e <https://www.namm.org/node/5571>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

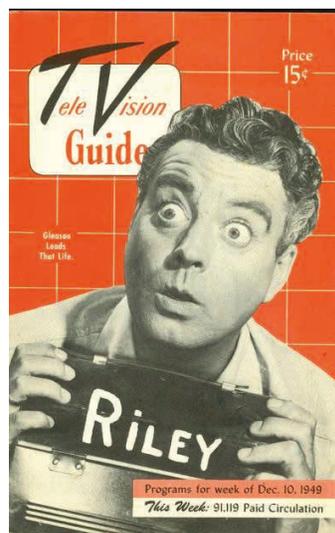
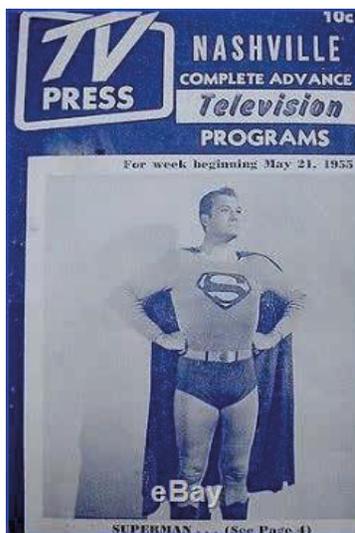


Figura 6 - TV Press (Nashville) – 1955 e Television Guide - 1949

Fonte: <http://supermancomicbooks.name/tv-guide-tv-press-1955-superman-george-reeves-comic-book-action-1-1938-1940-1953/>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2020 e <https://www.sitcomsonline.com/photopost/showphoto.php/photo/246392> Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

A revista *TV Digest* foi um guia de TV, criado antes da *TV Guide*, porém, com a possibilidade de inserção da nova publicação da *Triangle*, a fusão aconteceu de forma sutil e pouco drástica já que, antes de lançar oficialmente a *TV Guide*, circulou por um tempo, a

*TV Digest and Guide*<sup>11</sup>, como podemos ver na imagem a seguir:

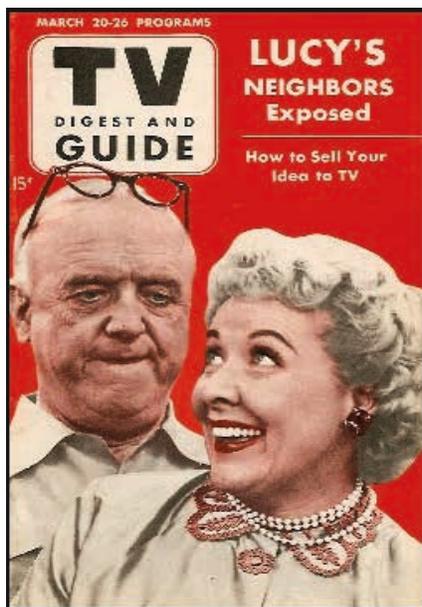


Figura 7 – Revista TV Digest and Guide – 20 a 26 de março de 1953

Fonte: <https://www.lucystore.com/pre-tv-guide-tv-digest-fred-and-ethel-mertz-lucys-neighbors-exposed.html>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

A publicação marcou uma guinada na forma de falar sobre televisão e todas as inovações que surpreenderam os leitores americanos foram trazidas como inspiração pelo Brasil para criar suas revistas que também falariam com exclusividade sobre TV. Thomaz Souto Corrêa (2017), conselheiro da Editora Abril, ao falar da *TV Guide*, enaltece a novidade e sua forma de trazer os conteúdos televisivos:

*TV Guide* era uma revista semanal em formato pequeno, você vê, a *Intervalo* nasce em formato pequeno inspirada na *TV Guide*. [...]. A ideia era cobrir a televisão, não tinha fofoca. Vamos ver o que está acontecendo na televisão. Eu fui visitar a *TV Guide*, ela fazia, a programação da *TV Guide* era tão exata e tão bem feita, isso faz muito tempo, que se você assinava de um lado da rua um sistema de cabo e do outro lado alguém assinava, eles davam as duas programações na mesma rua, era uma coisa fantástica, fantástico. Então a ideia era assim: televisão estava ficando forte, estava começando a acontecer e tal, vamos fazer uma revista! Ela cobria televisão, não era pra cobrir fofoca, e aí, no meio desse começo, se você ver a capa você vai ver isso, tinha muito os artistas, entrevista com os artistas, não tinha fofoca tipo “fulano tá com fulano”, não tinha nada disso. Era uma tentativa, digamos assim, de fazer um

11 Até o atual momento da pesquisa, não conseguimos localizar nenhuma informação sobre essa publicação. O conteúdo que tivemos acesso, muitas vezes, em sites de vendas de exemplares antigos e blogs pessoais é escasso e percebemos que este exemplar é muito raro e difícil de ser encontrado. Outra informação que encontramos é que ela existiu antes do lançamento oficial da revista *TV Guide*.

*TV Guide* era de tamanho pequeno, media 18,5cm por 12cm e era vendida a 15 centavos de dólar. Era facilmente encontrada em todos os caixas dos supermercados e, geralmente, era vendida em poucos dias. O sucesso imediato da revista fez com que a *Triangle Publications*, no final dos anos 1950, movesse as operações do semanário para fora de um pequeno escritório na Filadélfia, para uma nova instalação no subúrbio de Radnor, na Pensilvânia. Essa nova instalação abrigava todos os aspectos da publicação, incluindo serviços gerenciais, de marketing, produção, fotografia, editorial e assinatura. A parte colorida da revista foi impressa na fábrica de rotogravura, de última geração, da editora, Filadélfia, próximo ao prédio comercial *Philadelphia Inquirer Building*.

Na década de 1960, a *TV Guide* era a revista mais lida e divulgada nos Estados Unidos. Os recursos de cada edição também foram promovidos em um comercial semanal de televisão. (THE POP HISTORY DIG, meio digital, 2020). A revista forneceu listagens locais, com matérias e, logo, se tornou a maior publicação semanal nacional, atingindo até 23 milhões de famílias no seu auge durante a década de 1970, ganhando destaque com um conteúdo e um estilo próprios moldados em Radnor (ALTSCHULER; GROSSVOGEL, 1992).

Annenberg e Panitt nunca se esqueceram de que sua revista deveria ter apelo de massa, mas eles buscaram um denominador comum mais alto (ALTSCHULLER; GROSSVOGEL, 1992). Se a televisão podia ser vista como um “vasto deserto”, os leitores precisavam de motivos para respeitar a revista que a cobria, já que se fosse uma mera cobertura da programação, os leitores poderiam buscar os jornais impressos da época. De qualquer forma, a circulação continuou aumentando. Ao buscar o meio-termo, a *TV Guide* revelou muito sobre a sociedade americana - e sobre si mesma.

Talvez a revista tenha se tornado um árbitro do gosto, definindo uma forma de cultura para milhões de leitores, discutindo qual idioma e quanto decote era apropriado na sala de estar e debatendo a censura. A revista também gostou de todas as outras formas de cultura popular, “ritualisticamente retratada e afirmando uma visão de mundo” sustentada pela maioria de seus leitores, criando um vínculo por meio da crença compartilhada. Mas os artigos não refletiam simplesmente os valores americanos: mesmo que imaginassem saber o que a maioria dos leitores pensava, editores e escritores ordenavam e estruturavam a realidade, mais ou menos conscientemente como a viam. Em 1974, a *TV Guide* se tornou a primeira revista a vender 1 bilhão de cópias em um ano (THE POP HISTORY DIG, meio digital, 2020).

*TV Guide*, like other magazines, was sold at grocery stores, drug stores, and supermarket check-out counters nationwide. Subscriptions were also available. But over the years, typically two-thirds of *TV Guide*'s sales came from those newsstands. And Lucy and her travails – both on and off screen –

would prove especially appealing to newsstand readers over the years.<sup>12</sup> (THE POP HISTORY DIG, meio digital, 2020)

De acordo com o blog *The Pop History Dig* (2020), sob a administração da *Triangle*, *TV Guide* continuou a crescer, não apenas em circulação, mas também como uma autoridade reconhecida em programação televisiva, com artigos envolventes de funcionários e escritores externos. Este novo modo de falar sobre o mundo da televisão serviu de inspiração para diversos impressos que surgiram na época, não somente nos Estados Unidos, mas também, em outros países, como é o caso do Brasil e as revistas *Intervalo*, *TV Programas*, *7 dias na TV*, *TV Sul Programas*, *TV Guia*, entre outras.

A revista, às vezes a despeito de si mesma, respondia às preocupações políticas e culturais da televisão. Ao estruturarem a realidade para si próprios, os editores e escritores da *TV Guide*, buscando persuadir, além de informar e divertir, deixaram sua marca em milhões de americanos e contribuíram com um capítulo importante para a história da mídia de massa.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar de revistas especializadas em TV, deve-se considerar que, ao trazer para suas páginas o mundo da televisão, as publicações construíram a imagem e o imaginário sobre a TV, estratégias de comunicação, padrões editoriais, elaboração de matérias, diagramação e diferentes formas de abordagem de conteúdos midiáticos de uma forma inovadora e eficaz. Toda documentação da história da revista está ligada à importância da memória da biografia da mídia americana, mas também da história da mídia brasileira que, desde o surgimento da televisão, teve a mídia norte-americana como grande inspiração.

Estas publicações tiveram importante papel na divulgação de uma nova cultura de massa, comportamento, programas, famosos e formas de produção de conteúdo midiático. Historicamente, as décadas de 1950 e 1960 foram de grande efervescência social, política, cultural e artística em todo o mundo, que ganharam adeptos, graças ao espaço dedicado a eles em todos os meios de comunicação, principalmente televisão e revistas que falavam sobre TV.

Embora este artigo esteja enraizado na área da Comunicação, acredito que esta pesquisa possa ser desenvolvida de forma multidisciplinar que se apoia nos estudos da Teoria da Comunicação, Historiografia da Mídia e História. No âmbito da Teoria da Comunicação, proponho a conceituação e construção de nossas questões teóricas que envolvam temas relacionados à Cultura de Massa, Indústria do Entretenimento, Estudos Culturais e a criação e elaboração da programação televisiva e sua contribuição para a

---

<sup>12</sup> *TV Guide*, como outras revistas, foi vendido em supermercados, drogarias e caixas de supermercado em todo o país. Assinaturas também estavam disponíveis. Mas, ao longo dos anos, normalmente dois terços das vendas do *TV Guide* vieram dessas bancas. E Lucy e seus trabalhos - dentro e fora da tela - provariam ser especialmente atraentes para os leitores das bancas ao longo dos anos. (Tradução nossa)

criação de um novo público.

No contexto da Historiografia da Mídia, busca-se documentar a memória da revista *TV Guide*, desde sua criação, entendendo quais foram os motivos e o contexto que favoreceram sua criação nos Estados Unidos. O resgate da história de um meio de comunicação é de extrema importância, uma vez que as revistas da década de 1960 podem ser consideradas importantes documentos históricos que nos vão revelar como era a televisão naquela época. A pesquisa tem a História como referencial norteador, fruto do doutorado sanduíche nos Estados, que compreende a história de cada país (EUA e Brasil), nas esferas econômica, política, social e cultural.

## REFERÊNCIAS

ALTSCHULER, Glen C.; GROSSVOGEL, David I.. **Changing Channels: America in TV Guide**. Board of Trustees of the University of Illinois, 1992.

ANNENBERG FOUNDATION. Disponível em: <<https://www.annenberg.org/people/walter-h-annenberg/>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

CORRÊA, Thomaz Souto. **Depoimento**. Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. São Paulo. 23 de fevereiro de 2017.

MAGNOLO, Talita Souza. **A construção narrativa do Festival de MPB de 1967 nas páginas da revista “Intervalo”**. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6634>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **TV Guide magazine: the history behind the inspiration of Intervalo magazine**. IAMCR 2022, Pequim, China. Disponível em: <https://iamcr.org/node/21731>. Acesso em: 13 jul. 2022.

MASSONI, Kelley. **Teena Goes to Market: Seventeen Magazine and the Early Construction of the Teen Girl (As) Consumer, 2012**. Disponível em: <<http://web.wvcc.edu/jenniferboyden/files/2011/01/Teena-goes-to-Market.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

PHILLY.COM. Disponível em: <<http://www.philly.com/mld/inquirer/news/local/6135296.htm?1c>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

RESEARCH GUIDES. Disponível em: <[https://guides.library.harvard.edu/schlesinger\\_womens\\_magazines](https://guides.library.harvard.edu/schlesinger_womens_magazines)>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

THE PHILADELPHIA PRESS ASSOCIATION. Disponível em: <<http://www.phillyppa.com/inquirer.html>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

THE POP HISTORY DIG. Disponível em: <<https://www.pophistorydig.com/topics/tag/triangle-publications-history/>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2020.

# FUNDAMENTOS E PERCURSO HISTÓRICO DO GRUPO DE PESQUISA TEORIAS DO JORNALISMO DA INTERCOM

*Data de aceite: 01/03/2023*

**Leonel Azevedo de Aguiar**

PUC-Rio

Rio de Janeiro/RJ

<http://lattes.cnpq.br/3833374955831745>

**RESUMO:** A proposta desse trabalho é apresentar a fundamentação teórica e metodológica na qual estão baseadas as pesquisas acadêmicas que são discutidas no grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo durante os congressos nacionais da Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O capítulo também traça uma breve linha do tempo para relatar o percurso histórico do grupo de pesquisa, além de analisar os dados da produção científica em cinco congressos da Intercom dos integrantes desse grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; teorias do jornalismo; grupo de pesquisa; Intercom; fundamentação teórica.

## FUNDAMENTALS AND HISTORICAL COURSE OF INTERCOM'S THEORIES OF JOURNALISM RESEARCH GROUP

**ABSTRACT:** The purpose of this work is to

present the theoretical and methodological foundations on which the academic researches that are discussed in the research group Theories of Journalism during the national congresses of the Society for Interdisciplinary Communication Studies are based. The chapter also outlines a brief timeline to report the historical path of the research group, in addition to analyzing data from scientific production in five Intercom congresses of members of this group.

**KEYWORDS:** Journalism; journalism theories; search group; Intercom; theoretical foundation.

## 1 | INTRODUÇÃO

O Grupo de Pesquisa Teoria do Jornalismo resultou – como todos os demais GPs da Intercom –, da reestruturação, realizada no ano de 2000, dos Grupos de Trabalhos (GTs) e da criação, em 2008, das Divisões Temáticas (DTs). No congresso de 2008, em Natal, os presentes na reunião plenária decidiram pela criação do grupo, que só iniciou efetivamente suas atividades de apresentação de trabalhos com a nova nomenclatura no XXXII Congresso

Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2009, realizado em Curitiba. Naquele momento, o GP foi agrupado na Divisão Temática (DT) Jornalismo, um desdobramento do antigo Núcleo de Pesquisa (NP) Jornalismo, até 2021, quando as DTs foram extintas.

O Grupo de Pesquisa apresenta, conforme o portal da Intercom, a seguinte ementa:

Nas Teorias do Jornalismo, os diversos modelos de análise tratam da produção, da circulação e/ou da recepção da informação jornalística, além de enveredar por questões profissionais, discursivas e estéticas. O grupo tem como proposta realizar a reflexão crítica sobre o jornalismo e sedimentar conceitos teóricos em torno das práticas jornalísticas. Ao evitar defender uma teoria unificada como um campo de conhecimento específico, o objetivo é exatamente refutar a ideia de que os procedimentos jornalísticos constituem um saber autônomo e autossuficiente. Assim, também buscamos interlocução junto a outras áreas, como a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia, a Literatura e afins. Busca-se investigar evidências, produzir dados e construir enunciados passíveis de revisão e refutação. Para isso, no entanto, a proposta é a de contar com a perene interconexão dos profissionais dos setores produtivos e da academia.

As palavras-chave desse GP, apresentadas no portal da Intercom, são: teorias do jornalismo; metodologias em jornalismo; narrativas; práticas e processos jornalísticos; mercado e campo profissional do jornalismo; ensino e pesquisa em jornalismo; inovação em jornalismo.

Reunir pesquisadores e pesquisadoras para apresentar, compartilhar e debater trabalhos científicos fundamentados nas Teorias do Jornalismo é o principal objetivo do grupo. Desde sua instituição, o GP Teorias do Jornalismo contou com uma excelente presença de pesquisadores e pesquisadoras, conforme demonstram os números a seguir. No primeiro congresso com a nova nomenclatura, em 2009, foram 42 trabalhos (Curitiba); no congresso de 2010, 33 trabalhos (Caxias do Sul); no congresso de 2011, 38 trabalhos (Recife); no congresso de 2012, 33 trabalhos (Fortaleza); no congresso de 2013, 15 trabalhos (Manaus); no congresso de 2014, 36 trabalhos (Foz do Iguaçu); no congresso de 2015, 55 trabalhos (Rio de Janeiro); no congresso de 2016, 66 trabalhos (São Paulo); no congresso de 2017, 61 trabalhos (Curitiba); no congresso de 2018, 42 trabalhos (Joinville); no congresso de 2019, 39 trabalhos (Belém); no congresso de 2020, 40 trabalhos (Salvador); no congresso de 2021, 40 trabalhos (Recife); e congresso de 2022, 34 trabalhos (João Pessoa). Cabe destacar que os congressos de 2020 e 2021 foram realizados de forma virtual, através de plataformas para a transmissão de eventos *on-line*.

Ao longo desses anos, uma média de 40 trabalhos foram apresentados em congressos nacionais da Intercom por pesquisadoras e pesquisadores desse GP, conforme se pode concluir pelos números expostos acima. Os congressos com os maiores números de inscritos no grupo foram o de São Paulo, com 66 trabalhos, e o de Curitiba, com 61, realizados respectivamente em 2016 e 2017. Além disso, o número de trabalhos inscritos nos eventos aponta que o objetivo principal do GP Teorias do Jornalismo – incentivar e

organizar o encontro anual de pesquisadores e pesquisadoras no congresso nacional da Intercom – vem sendo cumprido, pois essa finalidade mira promover um espaço de diálogo plural, visando promover o avanço de pesquisas e estudos que envolvam as teorias do jornalismo no país.

## 2 I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A fundamentação teórico-metodológica que ancora os trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo da Intercom emerge de uma longa tradição acadêmica enraizada no campo dos estudos de jornalismo. Essa sessão apresenta as etapas históricas de constituição do campo das teorias do jornalismo a partir, principalmente, das obras de Hardt (2006) e de Corrêa (2001).

A tese de Tobias Peucer, apresentada em 1690 à Universidade de Leipzig, é denominada por José Marques de Melo (2004) como o texto fundador que edifica as teorias do jornalismo. Neste estudo pioneiro, *Os relatos jornalísticos*, Peucer (2004) cita outros autores do século XVII – Christian Weise (1685), Ahasver Fritsch (1676) e Christophorus Besldus (1629) – que também desenvolveram pesquisas sobre a função social das notícias, configurando possivelmente a primeira escola alemã de pensamento sobre jornalismo.

A história da pesquisa em comunicação é tão antiga quanto a curiosidade humana sobre as relações sociais e a compreensão de que a linguagem e a comunidade são definidas pela linguagem. É possível identificar os interesses ocidentais na comunicação e na mídia, em especial, com a propagação da imprensa, com a instituição do jornal e com a ascensão do nacionalismo. Desse modo, o pensamento europeu sobre a comunicação social e a imprensa inicia-se já no século XVII, nos debates sobre a liberdade de expressão e a imprensa (HARDT, 2006, p. 17).

Hanno Hardt (2006), portanto, também situa as primeiras reflexões teóricas sobre o fenômeno do jornalismo no século XVII e reconhece como fontes de estudos originais, além dos textos de Fritsch, Weiser e Peucer, os trabalhos de Johann Ludwig Hartmann, Kaspar Stieler, Johann Peter Ludewig e Paul Jacob Marperger.

Ao realizar a distinção entre quatro fases históricas dos estudos que estruturam as teorias de jornalismo, Karin Wahl-Jorgensen e Thomas Hanitzsch Wahl (2009) identificam a primeira fase nos trabalhos dos teóricos sociais alemães do século XIX, especialmente em Karl Marx, Albert Schäfle, Karl Knies e Karl Bucher. Já o enfoque de Hardt (2006) destaca a importância das análises sobre a imprensa realizadas, no início do século XX, por Ferdinand Tönnies, Max Weber e Otto Groth enquanto cientistas sociais interessados na emergência da Ciência do Jornalismo como área de conhecimento. Além dos estudiosos alemães, Hardt destaca, no mesmo período, a contribuição dos pensadores norte-americanos como Robert Park, John Dewey, Edward Ross e Walter Lippmann.

Classificada como “virada empírica” (WAHL-JORGENSEN; HANITZSCH, 2009), a segunda fase dos estudos em jornalismo está focada nas estruturas e processos da

produção noticiosa e na análise dos agentes envolvidos. A partir da década de 1950, quando as pesquisas em comunicação de massa crescem vertiginosamente, os estudos em jornalismo são impulsionados pelas perspectivas teóricas de Paul Lazarsfeld, Carl Hovland, Eliuh Katz, Kurt Lewin e Harold Lasswell. Estes modelos de pesquisas influenciam os estudos em jornalismo que analisam os jornalistas, suas práticas profissionais e seus valores, dando origem a uma série de teorias que são sistematizadas, consolidando, portanto, o campo das Teorias do Jornalismo: a teoria do *gatekeeper* (David White, 1950), a teoria organizacional (Warren Breed, 1955), a teoria da “estrutura das notícias” (Johan Galtung e Mari Ruge, 1965) e a teoria do agendamento (Maxwell McCombs e Don Shaw, 1972). “Esta fase consagra alguns dos mais importantes clássicos dos estudos jornalísticos” (CORRÊA, 2001, p. 25) e legitima definitivamente as Teorias do Jornalismo enquanto disciplina acadêmica e campo de pesquisa científica.

Pesquisas influenciadas por diversos percursos das ciências sociais e humanas marcam a terceira fase, voltada tanto para o exame das rotinas produtivas e ideologias profissionais quanto para a análise do texto jornalístico, aplicando conceitos de noticiabilidade e narrativa. As perspectivas construcionistas, estruturalistas e interacionistas produzem metodologias qualitativas voltadas para as Teorias do Jornalismo, com realce para pesquisas etnográficas e de análise do discurso. As principais pesquisas dessa fase estão nas obras de Gaye Tuchman (1978), David Altheide (1976, 1985), Herbert Gans (1979, 2003), Philip Schlesinger (1977/1993), Peter Golding (1979), James Carey (1989), Stuart Hall (1973/1993, 1977, 2002), John Hartley (1991), Barbie Zelizer (2003, 2004), Elizabeth Bird e Robert Dardenne (1988/1993) e Michael Schudson (1978, 1988, 2003).

As segunda e terceira fases classificadas por Karin Wahl-Jorgensen e Thomas Hanitzsch Wahl (2009) é bem semelhante a contextualização das Teorias do Jornalismo realizada por Néelson Traquina. Autor mais citado nas pesquisas brasileiras sobre jornalismo, Traquina apresenta uma original sistematização das diferentes abordagens teóricas que analisam as atividades jornalísticas. Nos dois volumes da clássica obra *Teorias do Jornalismo* (2001/2004), Traquina contextualiza o percurso histórico das Teorias do Jornalismo como elemento estruturante dos estudos em jornalismo enquanto um campo científico. Ressaltando a ideia de que as teorias não são antagônicas entre si, ele categoriza as diferentes perspectivas teóricas sobre o jornalismo em teoria do *gatekeeper* (White, 1950), teoria organizacional (Breed, 1955), teoria de ação política (Edward S. Herman e Noam Chomsky, 1988) e teorias construtivistas, estas divididas nas vertentes estruturalista e interacionista.

A classificação teórico-metodológica de Traquina descreve que, enquanto a vertente estruturalista das teorias do jornalismo está sedimentada nos autores dos Estudos Culturais – a partir da obra clássica de 1978, *Policing the crisis: mugging, the State, and law and order*, de Stuart Hall e outros –, a vertente interacionista produziu um conjunto muito mais diversificado de pesquisas científicas, tendo como enfoque as rotinas produtivas e cultura

profissional dos jornalistas, com destaque para os critérios de noticiabilidade. Esta teoria está representada por autores como Gaye Tuchman (1978), Harvey Molotch e Marilyn Lester (1974), Philip Schlesinger, Herbert Gans, Michael Gurevitch e Jay G. Blumler, dentre outros. A classificação de Traquina demarca uma mudança de paradigma nas Teorias do Jornalismo a partir dessas pesquisas que emergem na década de 1970 e que buscam compreender a produção da informação jornalística em sua relação com os processos de construção social da realidade.

No prefácio da antologia *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (1993) – que sistematiza 20 artigos clássicos do campo das Teorias do Jornalismo –, Néelson Traquina destaca a riqueza científica dessa explosão acadêmica de pesquisas não se mede apenas pela quantidade de trabalhos publicados, mas também pelas preocupações metodológicas e pelas perspectivas teóricas. Um avanço notável nesse campo científico relaciona-se diretamente com as inovações metodológicas que contribuíram para um impulso na qualidade dos estudos.

A emergência dos processos de internacionalização das pesquisas internacionais marca, no início do século XXI, a quarta fase dos estudos em jornalismo e demonstra a consolidação das Teorias do Jornalismo enquanto uma disciplina científica autônoma. Wahl-Jorgensen e Hanitzsch (2009) destacam a importância das revistas científicas de língua inglesa, nomeadamente *Journalism & Mass Communication Quarterly*, fundada em 1924, e as mais recentes, como *Journalism: Theory, Practice and Criticism* (2000), *Journalism Studies* (2000) e *Journalism Practice* (2007), além da brasileira *Brazilian Journalism Research* (2005), na internacionalização das pesquisas que envolvem as teorias do jornalismo.

No Brasil, o campo de estudo das teorias do jornalismo também já está consolidado. Ao realizar um levantamento dos principais autores brasileiros que formularam ou sistematizaram o campo das pesquisas em teorias do jornalismo, Meditsch (2004) ressalta que Adelmo Genro Filho foi o primeiro a defender a necessidade de uma teoria do jornalismo em seu clássico livro *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Lançada em 1987, a obra de Adelmo Genro é considerada marco inicial de uma teoria do jornalismo no país. Ainda assim, Meditsch lembra estudos pioneiros isolados do jornalismo em Barbosa Lima Sobrinho – *O problema da imprensa*, publicado em 1923 – e Luiz Beltrão, com destaque para *Iniciação à Filosofia do jornalismo*, lançado em 1960, e *Teoria e prática do jornalismo*, publicado em 2006 e constituído por um conjunto de fascículos originalmente divulgados entre 1961 e 1963.

Machado (2004) demonstra que, para consolidar o jornalismo como campo de conhecimento, devemos ultrapassar a fase das metodologias exógenas utilizadas nos estudos do jornalismo para a especificidade metodológica das teorias do jornalismo, ultrapassando a fase das metodologias exógenas utilizadas nos estudos do jornalismo para a especificidade metodológica das teorias do jornalismo.

O mapeamento das particularidades da pesquisa no campo do jornalismo, com a distinção entre estudos de jornalismo, realizados com metodologias oriundas em outros campos de conhecimento e teorias do jornalismo, responsáveis pela experimentação metodológica dentro do campo, representa, a meu ver, o primeiro passo para que possamos dar um salto qualitativo nas pesquisas em jornalismo e para que o jornalismo obtenha o certificado de objeto científico com status próprio. Dado este passo, estaríamos em condições de, como disciplina com objeto e metodologias específicas, estabelecer redes multidisciplinares de pesquisas sobre o jornalismo (MACHADO, 2004, p. 8).

Em relação aos autores brasileiros, tanto Meditsch (2004) quanto Machado (2004), apontam que, a partir do período 1970/1980, em uma segunda etapa dos estudos em jornalismo no Brasil, destacam-se as pesquisas oriundas de cursos de pós-graduação enquanto fundadoras do campo das Teorias do Jornalismo. Dentre essas, podemos citar as obras de José Marques de Melo (1972), Muniz Sodré (1986), Nilson Lage (1979), Ciro Marcondes Filho (1986), Cremilda Medina (1986) e Adelmo Genro Filho (1987).

Obras importantes para a consolidação do campo das Teorias do Jornalismo no país são publicadas na primeira década do século XXI. Lançado em 2005, o livro de Felipe Pena – *Teoria do Jornalismo* – propõe a efetivação de uma disciplina que, na busca pela interdisciplinaridade, aponte referências para as diversas análises. “A Teoria do Jornalismo deve assumir sua cientificidade, o que significa investigar evidências, produzir dados e construir enunciados passíveis de revisão e refutação” (PENA, 2005, p. 218). Em 2006, José Marques de Melo publica o livro *Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras* apresentando autores que formularam o “pensamento jornalístico brasileiro” em obras precursoras no início do século XX e em estudos contemporâneos a partir da década de 1970.

Em 2018, o Grupo de Pesquisa publicou sua primeira coletânea de trabalhos a partir do tema central proposto pelo 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: o e-book *Desigualdades, relações de gênero e estudos de Jornalismo*, organizado por Leonel Aguiar, Monica Martinez e Marcos Paulo da Silva.

### 3 | RESULTADOS PARCIAIS

Essa sessão apresenta os resultados parciais de uma pesquisa, ainda em andamento, que pretende comparar os trabalhos dos congressos de 2011/12/13 com os de 2021/22/23. Os dados de 2021 e de 2022 ainda estão sendo sistematizados, de acordo com as categorias de análise escolhidas.

Em um trabalho anterior (AGUIAR, 2014), escolhemos os congressos de 2011, 2012 e 2013 para a seleção dos documentos a serem analisados. Nesse sentido, buscamos, nos Anais dos referidos congressos, os artigos apresentados no GP Teoria do Jornalismo nos encontros de Recife, Fortaleza e Manaus. Portanto, o *corpus* de análise é constituído por 38 artigos do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; por outros 33 artigos do XXXV Congresso; e por mais 15 artigos do XXXVI Congresso, totalizando 86

trabalhos.

Conforme a metodologia proposta por Bardin (2011), após a escolha dos documentos e a constituição do *corpus*, devemos identificar as unidades de registro. Adotamos, nesse trabalho, a temática como unidade de registro, pois permite “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2011, p. 135). Como nossa finalidade é situar as pesquisas apresentadas nesse GP no contexto acadêmico, produzimos a referência desses índices a partir da formulação do objetivo exposto, seguindo as regras de categorização apresentadas em Bardin (2011). No trabalho anterior (AGUIAR, 2014), adotamos, portanto, cinco categorias: 1) titulação dos autores dos trabalhos apresentados; 2) as instituições acadêmicas de origem do primeiro autor do artigo, declaradas no momento de apresentação das pesquisas; 3) as palavras-chave exibidas nos artigos; 4) as metodologias explicitadas nos resumos dos artigos; 5) os autores claramente reconhecidos como pertencentes ao campo de pesquisa em teorias do jornalismo. Para a análise dos congressos de 2021/22/23 seguiremos adotando as mesmas categorias

Os resultados da primeira categorização – titulação de todos os 112 autores que assinaram os 86 artigos incluídos nos Anais dos congressos –, demonstram que – no recorte dos três últimos congressos nacionais – a maioria possuía título de Doutor (30%, o equivalente a 34 autores), seguido pelos que estavam, naquele momento, realizando o Mestrado (27%, ou seja, 30 mestrandos). Doutorandos, com 15% (isto é, 17 estudantes), e 12% de Mestres (13 autores), além de 8% de alunos de graduação, 3% com título de pós-Doutorado e 2% com diploma de especialização completam o quadro.

Em relação às instituições de origem dos autores que apresentaram trabalhos no GP, as duas universidades com maior presença nos três últimos congressos foram as federais de Santa Catarina e de Pernambuco (12% para cada uma; ou seja, 10 *papers* oriundos da UFSC e outros 10 artigos da UFPE), seguidas da USP (7% ou 6 artigos), UFMG e PUC-Rio (com 6% cada ou 5 artigos de cada uma). A UFPB (5% ou 4 artigos) e a UnB (3% ou 3 artigos) fecham a lista das instituições com maior frequência de apresentação de trabalhos no GP. Trinta instituições apresentaram apenas um único trabalho nesse GP durante os congressos nacionais de 2011, 2012 e 2013. Pesquisadores de oito instituições de ensino superior expuseram dois trabalhos no GP ao longo dos três congressos: Universidade da Amazônia (UNAMA/PA); ESPM-Sul; Faculdade Paulus; FIAM/FAAM; UFCE; UNESA/RJ; UFRN; UFRGS.

Em números absolutos, 47 instituições das cinco regiões do país estiveram presentes nos últimos três congressos com um total de 86 trabalhos. Desse total, apenas três trabalhos tiveram cunho interinstitucional, com pesquisadores de duas instituições assinando o mesmo artigo. Esses três trabalhos foram assinados por pesquisadores de duas instituições diferentes: UNICAP, em conjunto com UFPE; Universidade Cândido Mendes/RJ com a UFRJ; Faculdade Martha Falcão/AM com a UFAM. Só um trabalho, da

Universidade Fernando Pessoa, de Portugal, é do exterior.

A terceira categoria levantada nesse estudo foram as palavras-chaves (Fig. 3). As palavras-chave com maior recorrência nos resumos dos 86 artigos foram: *Jornalismo*, presente em 18% dos trabalhos apresentados; *Teoria do Jornalismo*, em 10%; as diversas modalidades de *Jornalismo especializado*, em 8%; *Jornalista*, em 6%; *Webjornalismo*, em 5%. Outras palavras-chave citadas foram: *Narrativa jornalística*, *Enquadramento*, *Ética e Noticiabilidade*, com 4% de recorrência cada uma. *Análise do discurso* e *Valor-notícia* aparecem com 3% cada. Em seguida, *Discurso jornalístico*, *Redes sociais* e *Reportagem*, com 2% cada também. Entretanto, outras 44 palavras-chave também aparecem esparsamente nos resumos, configurando 26% dessa categorização.

A quarta categoria elaborada aborda as metodologias de pesquisa citadas explicitamente nos resumos. As metodologias que aparecem com maior recorrência são: *Análise de conteúdo*, presente em 15% dos trabalhos apresentados; *Análise do discurso*, em 14%; *Newsmaking*, em 13%; e *Pesquisa bibliográfica*, em 8%. Cabe ressaltar que 32% dos resumos analisados não informam qual foi a metodologia utilizada na pesquisa.

A quinta e última categorias – autores – foi construída a partir das referências bibliográficas presentes nos artigos. Foram selecionados apenas os autores que são, reconhecidamente, como pertencentes ao campo das pesquisas em teorias do jornalismo. Cada autor foi contabilizado apenas uma vez por artigo, ainda que em um mesmo artigo apareçam duas ou mais de suas referências bibliográficas. Os mais citados foram: Traquina (19%), com seu nome aparecendo 41 vezes nas bibliografias dos artigos; Wolf (9%), com 20 recorrências ao seu nome; Sousa (8%, ou seja, 16 recorrências); e Sodré (6% e com o nome aparecendo em 12 artigos). Aparecem ainda Pena (5%) e Medina (4%). Com o patamar de 3%, temos Tuchman, Alsina, Lage e Neveu (3%). Já no patamar de 2%, aparecem Canavilhas, Genro Filho, Melo e Palácios.

No congresso de 2021, o grupo contou com a apresentação de 40 trabalhos de autoria de 59 participantes, sendo, desse total, 39 pesquisadoras e 20 pesquisadores. Foram apresentados 24 trabalhos individuais e 16 trabalhos em coautoria (dos quais, 13 em dupla). Em relação à titulação, 21 participantes possuem doutorado e outros 14 são doutorandos/doutorandas, o que demonstra a qualificação acadêmica das discussões no grupo de pesquisa. Já em relação às instituições universitárias nas quais os pesquisadores desenvolvem seus trabalhos, fica clara a concentração nas regiões Sudeste (16 trabalhos) e Sul (11 trabalhos). Os dados dos congressos de 2021 e de 2022 ainda necessitam de uma sistematização mais rigorosa e serão melhor analisados em um próximo trabalho.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Autores como Sousa (2005) e Traquina (2005) afirmam que a Teoria do Jornalismo deve responder a duas perguntas básicas: porque as notícias são como são e quais efeitos

as notícias produzem na sociedade. Entretanto, enquanto Traquina explica que é possível apontar a existência de várias teorias que tentam responder a questão central – como são produzidas as notícias – e reconhece que a utilização do termo teoria é discutível, pois pode significar “somente uma explicação interessante e plausível, e não um conjunto elaborado e interligado de princípios de proposições” (2005, p. 146), Sousa aposta na solidificação de uma Teoria do Jornalismo unificada para dar conta do processo de produção da informação, denominada teoria multifatorial da notícia.

Uma teoria da notícia, à semelhança de outras teorias científicas, deve ser enunciada de maneira breve e clara, deve ser universal, deve ser traduzível matematicamente e deve ainda ser predictiva. Deve atentar no que une e é constante e não no que é acidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer (SOUSA, 2005, p. 81).

Sousa (2002) apresenta como referência central para sua proposta teórica a obra *Mediating the message*, de Shoemaker e Reese (1996), que consolida uma teoria das notícias na qual se analisa a produção informativa jornalística a partir de cinco níveis - *gatekeeper*; rotinas produtivas; organizacional; trans organizacional; ideológico – de influência sobre o conteúdo noticioso.

Pode-se concluir que a maioria dos trabalhos de pesquisa do GP Teoria do Jornalismo, aqui analisados parcialmente, deixa entrever que o papel social fundamental da atividade jornalística – revelado, especialmente, na sua relação com a cidadania – circunscreve o jornalismo entre duas balizas teóricas: como um campo de produção de conhecimentos singulares sobre a dinâmica imediata da realidade social e como um campo de mediação discursiva dos interesses, conflitos e opiniões que disputam o acesso à esfera pública nas sociedades democráticas. Múltiplas concepções teóricas sobre jornalismo estão presentes nas pesquisas do GP, mas nessa fase inicial de apresentação de resultados preliminares não é possível fazer afirmações conclusivas sobre quais são as principais perspectivas teóricas desse grupo. Em suma, podemos inferir que, conforme os trabalhos analisados no período, o “cunho prescritivo” de muitas pesquisas pode significar a existência de uma disputa também na visão teórica sobre o fazer jornalístico e seus efeitos sociais.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Monica (Org.). **Desigualdades, relações de gênero e estudos de Jornalismo**. São Paulo: Life, 2018. 435 p. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1m4icSBgkmvwTlklgpOPS0Mkt4gRx0bx8/view>

AGUIAR, Leonel Azevedo de; BARSOTTI, Adriana (Org.). **Clássicos da Comunicação**. Rio de Janeiro/Petrópolis: Ed. PUC-Rio/Vozes, 2017.

AGUIAR, Leonel Azevedo de Aguiar. Mapeamento dos trabalhos do Grupo de Pesquisa Teoria do Jornalismo: análise preliminar das pesquisas apresentadas no triênio 2011-12-13. In: MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Ciências da comunicação em processo**. Paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI: conhecimento, leituras e práticas contemporâneas. São Paulo: INTERCOM, 2014. Disponível em <http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/a734c17b5330ffe7cae1593dd045a62e.pdf>

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**. Santos: Presença, 1960.

BAHIA, J. **Jornal, História e técnica**. Rio de Janeiro: MEC, 1964.

BAK, J.; REYNOLDS, B. **Literary journalism across the globe**: journalistic traditions and transnational influences. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2011.

BAK, J. S.; MARTINEZ, M. Literary Journalism as a Discipline, an introduction. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, p. 620–627, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação**: do cão de guarda ao mobilizador de audiência. Florianópolis: Insular, 2014.

BARSOTTI, A. **Uma história da primeira página**: do grito ao silêncio no jornalismo em rede. Florianópolis: Insular, 2018.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BELTRÃO, L. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e mobilidade**: jornalismo na era dos dispositivos móveis. Covilhã: LabCom, 2013.

CASTRO, G. DE. **Jornalismo literário**: uma introdução. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CONNERY, T. B. **A sourcebook of American literary journalism**: representative writers in an emerging genre. New York: Greenwood, 1992.

CORRÊA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias**. Teorias e métodos. Covilhã: LabCom, 2011.

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia (Org.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**: organização, sustentação e rotinas produtivas. São Paulo: ECA-USP/Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

FIGARO, R. (Org.). **Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP/Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

FIGARO, R; NONATO, C; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news**: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. Evanston: Northwestern University Press, 1979.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teorias do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HARDT, Hanno. **Social theories of the press**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002.

HARDT, Hanno. Introdução. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Org.). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 17-22.

HARTSOCK, J. C. **Literary journalism and the aesthetics of experience**. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2016.

KOVACH. B.; ROSENSTIEL. T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KRAMER, M.; SIMS, N. (Eds.). **Literary journalism**: a new collection of the best American nonfiction. New York: Ballantine Books, 1995.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAGO, C.; BENETTI, M (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.1, n.2, p. 13-29, jul./dez. 2004.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACHADO, Elias. Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo: três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. **E-Compós**, v. 1, p. 1-15, 2004.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v.36, n.2, p.176-187, 1972.

MEDITSCH, Eduardo. Estudos em jornalismo. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 93-107, jul./dez. 2004.

MEDITSCH, E.; SPONHOLZ, L. Bases para uma Teoria do Jornalismo 2.0. In: GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 9-25.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, José Marques de. Os primórdios do ensino de jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n 2, p. 7-83, jul./dez. 2004.

MOURA, Dione Oliveira Moura; PEREIRA, Fábio Henrique; ARGHIRNI, Zélia Leal (Org.). **Mudanças e permanências do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: MEC. 1955.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: MAROCCO, B.; BERGER, C. (Org.). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PASSOS, M. Y.; ORLANDINI, R. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. **Contracampo**, n. 18, jun. 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RUELLAN, D.; LE CAM, F. **Emotions de journalistes: sel et sens du métier**. Grenoble: Presse Universitaire de Grenoble, 2017.

SCHUDSON, Michael. **The sociology of news**. New York/London: W.W. Norton & Company, 2003.

SHOEMAKER, Pamela J. e REESE, Stephen D. **Mediating the message in the 21st Century: a media sociology perspective**. New York/London: Routledge, 2014.

SHOEMAKER, P. J.; REESE, S. D. **Mediating the message**. Theories of influences on mass media content. White Plains: Longman, 1996.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **O problema da imprensa**. São Paulo: Edusp, 1997.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2005.

SOUSA, J.P. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.1, n.2, p. 31-47, jul/dez. 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teoria e estórias. Lisboa: Vega. 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa internacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WAHL-JORGENSEN, Karin; WAHL, Thomas Hanitzsch (Eds.). **The handbook of Journalism Studies**. New York: Routledge, 2009.

WOLF, Mauro. Da sociologia dos emissores ao newsmaking. In: \_\_\_\_\_. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003. p. 177-253.

ZELIZER, Barbie. **Taking journalism seriously**. London: Routledge, 2004.

# A COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL NA PERSPECTIVA DOS FUNCIONÁRIOS DO INSTITUTO SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, 2013 – 2016

Data de aceite: 01/03/2023

**Náona Denise Paulo Jone Kambala**

**Emmanuel Pereso Aliceu Jovo**

O artigo elaborado com base na dissertação: Mestrado profissional em administração pública. Especialização em Gestão de Recursos Humanos, defendida em 2017

**RESUMO:** O presente trabalho subordina-se ao Tema “*A Comunicação Organizacional na Perspectiva dos Funcionários do Instituto Superior de Administração Pública, 2013 – 2016*”. O estudo procura compreender a percepção da comunicação organizacional na perspectiva dos funcionários do Instituto Superior de Administração Pública. Neste estudo formulou-se a seguinte questão-chave de partida em forma de problema: *Qual é a perspectiva que os funcionários do Instituto Superior de Administração Pública tem da comunicação organizacional?* Do ponto de vista da forma de abordagem do problema a pesquisa efectuada é *qualitativa*. O método utilizado é o estudo de Caso. Conjugado com os procedimentos técnicos a pesquisa é *bibliográfica* e *documental*. Como técnica na colecta de

dados a pesquisa usou o questionário. A principal conclusão é que a perspectiva que os funcionários do ISAP tem da comunicação Organizacional é que ela precisa de ser melhorada substantivamente na relação entre colegas e superiores hierárquicos directos, na comunicação administrativa no geral e no uso das médias sociais como instrumentos de comunicação e partilha de conhecimento e informação organizacional através duma política interna de comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação, Organização, “Organizacional”, e Comunicação Organizacional, Instituto Superior de Administração Pública.

**ABSTRACT:** This paper is subordinated to the theme “*Organizational Communication in the Perspective of Employees of the Higher Institute of Public Administration, 2013-2016*”. The study seeks to understand the perception of organizational communication from the perspective of the employees of the Higher Institute of Public Administration. In this study we formulated the following key question in the form of a problem: *What is the perspective that the employees of the Higher Institute of Public Administration has of the organizational communication?* From

the point of view of the approach of the problem the research done is qualitative. The method used is the case study. Combined with the technical procedures, the research is bibliographical and documentary. As a data collection technique, the survey used the questionnaire. The main conclusion is that ISAP employees' perspective of Organizational communication is that it needs to be substantially improved in the relationship between colleagues and direct superiors, in general administrative communication and in the use of social media as instruments of communication and sharing knowledge and organizational information through an internal communication policy.

**KEYWORDS:** Communication, Organization, “Organizational”, and Organizational Communication, Higher Institute of Public Administration.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da tese de Mestrado em Administração Pública Profissional na especialização de Recursos Humanos e subordina-se ao tema “*A Comunicação Organizacional na Perspectiva dos Funcionários do Instituto Superior de Administração Pública, 2013 – 2016*”. Ele procura compreender a perspectiva que os funcionários têm do processo da comunicação que decorre na organização.

Sob ponto de vista de espaço e tempo, o estudo foi realizado na Cidade de Maputo, concretamente no Instituto Superior de Administração Pública (ISAP). Em termos de tempo, o período abrangido pelo estudo está no intervalo de 2013 à 2016.

A escolha do local do estudo prendeu-se ao facto de a proponente ser funcionária da instituição e estando a coordenar ao mais alto nível organizacional a área da administração que compreende alguns departamentos chaves para o funcionamento administrativo e financeiro da organização.

Relativamente ao período, a escolha deveu-se ao facto de 2013 ter tomado posse o novo director Gera do ISAP e com um novo elenco, entre Director Geral Adjunto e o ano limite do estudo 2016 prende-se pelo facto de terem passado 4 anos que correspondem ao mandado da Direcção, para além de ser tempo suficiente para se fazer um estudo.

A comunicação organizacional, na forma em que se acha configurada hoje em dia, é fruto de sementes lançadas no período da Revolução Industrial, que ensejaria grandes e rápidas transformações em todo o mundo. Esta, com a conseqüente expansão das empresas a partir do século XIX, propiciou o surgimento de mudanças radicais nas relações de trabalho, nas maneiras de produzir e nos processos de comercialização.

Portanto, os estudos em comunicação organizacional iniciaram com os trabalhos em administração. Até os anos de 1950, estes estudos eram voltados à “comunicação empresarial e industrial”, aos poucos consolidou - se na área académica, como observam Casali e Taylor (2003). Nos anos de 1960 e 1970, a busca pela cientificidade levou a área ao extremo rigor positivista, o que limitou as pesquisas, que seguiam critérios de interesse da corrente de pensamento vigente.

A partir de uma perspectiva histórica norte-americana a respeito dos estudos em

comunicação organizacional, Putnam, Philips e Chapman (2004) destacam que, dos anos 20 aos anos 50, os trabalhos eram influenciados pelo interesse em comunicação empresarial e, após esse período até meados de 1970, caracterizavam-se por uma forte influência da escola de relações humanas.

Segundo Bueno (2003: 49), a partir de 1990, a comunicação organizacional se desenvolveu a tal ponto que passou a ser vista de forma estratégica para as empresas, ou seja, se tornou peça “chave” para os negócios. Destacavam-se, principalmente, as práticas de uma comunicação que partia do alto escalão da gestão, a precisão de relatórios e eficiência dos diferentes meios de comunicação. Conforme os autores, dois interesses fundaram o campo.

O primeiro caracteriza-se pelas habilidades que tornam os indivíduos mais eficientes na comunicação e em seu trabalho, e o segundo refere-se aos factores de eficiência da comunicação no trabalho inteiro da organização. Esse período, denominado como orientação modernista, norteou os trabalhos até os anos 80. Neste cenário, tanto a comunicação como a organização “... eram realidades objectivas que podiam ser medidas e testadas sob condições controladas de pesquisa, com ferramentas metodológicas tomada das ciências naturais...” (Putnam; Philips; Chapman, 2004:79).

Na década de 80, é possível perceber uma mudança nos paradigmas que marcavam o conhecimento da comunicação organizacional, que, como reflexo de suas práticas, apresentava fortes marcas do funcionalismo. A teoria crítica e a pesquisa interpretativa crítica passam a ser usadas por muitos estudiosos, apresentando assim novas possibilidades de pensar e trabalhar a comunicação organizacional. Na Europa, os estudos em comunicação iniciaram com foco na média (imprensa, rádio, TV, cinema). Tal tradição fez com que a comunicação organizacional, reconhecida enquanto campo de estudos, fosse tratada como um ramo da média, a “comunicação das organizações” (Taylor; Casali, 2010).

Neste contexto, com a aprovação do Decreto 30/2001, de 15 de Outubro, estabeleceu-se de forma geral o mecanismo formal de funcionamento e comunicação nos serviços da Administração Pública Moçambicana, visando o melhoramento destes canais de comunicação a partir da simplificação de procedimentos, por exemplo, no atendimento público interno e externo, (que preconiza a existência de recepção, caixas de reclamações e sugestões), no tratamento das informações escritas e oficiais para a tomada de decisão (prazos de comunicação de despachos, correspondências, memorandos, circulares, ofícios, arquivos, entre outros). Assim, o artigo tem como base o capítulo VI da conclusão e recomendações.

## **CAPÍTULO VI - CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÃO**

O estudo tinha como objectivo geral *compreender a percepção da comunicação organizacional na perspectiva dos funcionários do Instituto Superior de Administração*

*Pública.*

Foram levantados três objectivos específicos: descrever os tipos de comunicação organizacional utilizados nas várias subdivisões do Instituto Superior de Administração Pública; verificar a percepção da qualidade da comunicação organizacional na satisfação dos funcionários em utilizar os meios de comunicação disponíveis no Instituto Superior de Administração Pública; e analisar o impacto da comunicação organizacional e a satisfação dos funcionários no Instituto Superior de Administração Pública.

Para alcançar os objectivos descritos, foi levantada a seguinte questão de partida: *Qual é a percepção que os funcionários do Instituto Superior de Administração Pública tem da comunicação organizacional?*

Como sustentáculo da questão de partida, foram levantadas as seguintes questões-chave: Quais são os tipos de comunicação organizacional utilizados nas várias subdivisões do Instituto Superior de Administração Pública? Qual é a percepção da qualidade da comunicação organizacional na satisfação dos funcionários em utilizar os meios de comunicação disponíveis no Instituto Superior de Administração Pública? E Qual é o impacto da comunicação organizacional na satisfação dos funcionários no Instituto Superior de Administração Pública?

Para responder às questões-chave do estudo, foram levantadas duas hipóteses de trabalho, sendo uma positiva e outra negativa ao contrário da primeira. 1: “Se houver evidências de que a comunicação organizacional ocorre seguindo os seus trâmites e usam instrumentos diversificados, a perspectiva dos funcionários do ISAP face a ela será boa. 2: Se houver evidências de que a comunicação organizacional não ocorre seguindo os seus trâmites e usados instrumentos diversificados, a perspectiva dos funcionários do ISAP face a ela será boa. Das suas hipóteses segundo os dados colectados que são ilustrados nas conclusões abaixo a primeira hipótese não é confirmada. Pois na perspectiva do funcionário do ISAP que ocorre não é satisfatória, confirmando deste modo a segunda hipótese.

## **CONCLUSÃO**

Em relação ao grau de satisfação relacionado a comunicação no ambiente de trabalho nas variáveis “*satisfação com a comunicação no departamento ou área*”, “*comunicação versus motivação e estímulo no departamento ou área*”, “*habilidade dos colegas como comunicadores como comunicadores no departamento ou área*”, “*grau de abertura dos colegas como comunicadores em relação ao responsável em actividades diárias*” e “*comunicação versus identificação no departamento e área em relação as actividades*” tem se as seguintes conclusões:

- Em relação a variável, *satisfação com a comunicação no departamento ou área* conclui-se que a comunicação no departamento é satisfatória, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percen-

tagem das variáveis discordantes.

- A variável, *comunicação versus motivação e estímulo no departamento ou área* conclui-se que a comunicação no departamento é satisfatória motivando e estimulando para atingir as metas que se propõem atingir, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- Relativamente a variável *habilidade dos colegas como comunicadores no departamento ou área* conclui-se que a habilidade dos colegas como comunicadores em actividades é satisfatória, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No concernente a variável *grau de abertura dos colegas como comunicadores em relação ao responsável em actividades diárias* conclui-se que é satisfatória, pois, a percentagem das variáveis concordantes é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- Quanto a variável, *comunicação versus identificação no departamento e área em relação as actividades* conclui-se que a comunicação faz com que os funcionários se identifiquem e se sintam parte vital do departamento, pois, a percentagem das variáveis concordantes o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.

Em relação ao grau de satisfação em aspectos relacionados com a comunicação com superiores hierárquicos directo nas variáveis “*sentimento em relação a comunicação com o superior hierárquico*”, “*motivação e estímulo em relação a comunicação com o superior hierárquico*”, “*satisfação em relação a resolução de problemas*”, “*grau de abertura dos colegas em relação ao superior hierárquico directo*” e “*se comunicação com seu superior hierárquico directo faz com que se identifique ou se sinta parte vital em relação as actividades*” tem se as seguintes conclusões:

- No concernente a variável *sentimento em relação a comunicação com o superior hierárquico* correspondente conclui-se que a comunicação com o superior hierárquico directo não é satisfatória, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- Quanto a variável *motivação e estímulo em relação a comunicação com o superior hierárquico* directo conclui-se que a comunicação com o superior hierárquico directo não é satisfatória, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No concernente a variável *satisfação em relação a resolução de problemas* concluir-se que a satisfação em relação ao grau de comunicação do superior hierárquico directo na resolução de problemas relacionados com o trabalho não é satisfatório, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório

é menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.

- No tocante a variável *grau de abertura dos colegas em relação ao superior hierárquico directo* conclui-se que o nível de satisfação em relação a abertura “comunicação” dos colegas em relação ao responsável em actividades diárias é satisfatória, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No concernente a variável *se comunicação com seu superior hierárquico directo faz com que se identifique ou se sinta parte vital em relação as actividades* conclui-se que a comunicação com o superior hierárquico directo não faz com que os colaboradores não se identifiquem e se sintam parte vital do departamento ou área, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.

Em relação ao grau de satisfação *relacionando a comunicação com os colegas de diferentes áreas da instituição* e nas variáveis “*satisfação em relação a comunicação com os colegas de diferentes áreas*”, “*a comunicação com os seus colegas de diferentes áreas da instituição motiva-o (a) e estimula-o (a) para atingir as metas a que se propõe*”, “*comunicação com colegas de diferentes áreas da instituição se faz com que se identifique ou se sinta parte vital da instituição*” tem se as seguintes conclusões:

- No tocante a variável *satisfação em relação a comunicação com os colegas de diferentes áreas* conclui-se que na opinião dos respondentes a comunicação entre os colegas de diferentes áreas é satisfatória, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- Quanto a variável *a comunicação com os seus colegas de diferentes áreas da instituição motiva-o (a) e estimula-o (a) para atingir as metas a que se propõe* conclui-se que na opinião dos respondentes a comunicação com os colegas de diferentes áreas não motiva nem estimula para atingir as metas aqui se propõem, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- A variável *comunicação com colegas de diferentes áreas da instituição se faz com que se identifique ou se sinta parte vital da instituição* conclui-se que na opinião dos respondentes a comunicação com os colegas de diferentes áreas não faz com que estes se identifiquem com ou se sintam parte vital da instituição, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.

Em relação ao grau de satisfação *relacionados de satisfação com aspectos relacionados com a comunicação na instituição no geral* nas variáveis “*tratamento de assuntos em canais apropriados de comunicação*”, “*trabalho são tratados com mais frequência através de rádio corredor (comunicação informal)*”, “*regularidade das reuniões*”, “*atitudes em relação a comunicação entre o departamentos*”, “*quantidade de informação*” e

“*partilha de conhecimento*” tem se as seguintes conclusões:

- No concernente a variável *tratamento de assuntos em canais apropriados de comunicação* conclui-se que na opinião dos respondentes os assuntos de trabalho não são tratados de forma adequada através de canais apropriados de comunicação, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- Quanto a variável *tratamento de assuntos de trabalho são tratados com mais frequência através de rádio corredor (comunicação informal)* conclui-se que na opinião dos respondentes os assuntos de trabalho são tratados com mais frequência através de rádio corredor “*comunicação informal*”, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é de maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No concernente a variável *regularidade das reuniões* concluir que na opinião dos respondentes as reuniões regulares contribuem para a clarificação das situações não resolvidas na instituição, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No que se refere a variável *atitudes em relação a comunicação entre os departamentos* conclui-se que na opinião dos respondentes quanto a atitude em relação a comunicação entre os “*departamentos*” e “*áreas*” não é saudável, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No que concerne a variável *quantidade de informação* conclui-se que na opinião dos respondentes quanto a quantidade de informação que circula na instituição não é útil para o funcionamento da instituição, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No tocante a variável a *partilha de conhecimento* conclui-se que na opinião dos respondentes a partilha de conhecimento por parte das diferentes áreas “*departamento ou área*” não partilha o conhecimento que detém, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é menor em relação a percentagem das variáveis discordantes.

Em relação a Comunicação Organizacional e os Medias Sociais na Instituição nas variáveis “*médias sociais no ambiente do trabalho*”, “*permissão para aceder os médias sócias no ambiente de trabalho*”, “*existência da política de uso e acesso as redes sociais*”, “*necessidade de política de uso das redes sociais*”, “*necessidade de política de uso das redes sociais*” e “*acesso dos médias sociais ajuda a melhorar a qualidade do trabalho*”, “*médias sociais no horário*”, “*partilha de informação*” e “*médias sociais e proximidade das pessoas nas instituições*” tem se as seguintes conclusões:

- Na variável uso de *médias sociais no ambiente do trabalho* conclui-se que na

opinião dos respondentes os funcionários usam as médias sociais no ambiente de trabalho, visto q maior percentagem confirma em relação a percentagem dos que dizem não usar.

- No que tange a variável *permissão para aceder os médias sócias no ambiente de trabalho*, conclui-se que há permissão pois é a maior percentagem que assim o diz em relação os que dizem não há permissão.
- Os médios usados na instituição podem agregar valor na forma de comunicação integrada na instituição caso sejam bem usados. “Skype” “Facebook” são “Whatsap”.
- Em relação a variável a *existência da política de uso e acesso a rede sociais* conclui-se que na opinião dos respondentes a instituição não tem uma política de uso e acesso as redes sociais, há uma percentagem significativa dos que dizem não terem conhecimento da *existência* ou *não* há política, esta percentagem faz com que se conclua que as políticas ou diretrizes de uso de políticas internas não são divulgadas ou não existem.
- Quanto a variável *necessidade de política de uso das redes sociais* conclui-se que na opinião dos respondentes há uma necessidade duma política de uso de redes sociais na instituição pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- No que concerne a variável *acesso dos médias sociais ajuda a melhorar a qualidade trabalho* conclui-se que na opinião dos respondentes o acesso aos médias sociais ajudam sim a melhorar a qualidade de trabalho, pois, a percentagem das variáveis concordantes, o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- Na variável *acesso aos médias sociais no horário de trabalho* conclui-se que o acesso às médias sociais no horário de trabalho não é um entrave a produtividade, pois, a percentagem das variáveis concordantes o seu somatório é maior em relação a percentagem das variáveis discordantes.
- Em relação a variável *partilha de informação* conclui-se que a partilha de informação nas actividades pelas médias sociais não é positiva, isto é praticamente inexistente, pois o somatório das variáveis positivas é menor e relação as negativas.
- Quanto a variável *médias sociais e proximidade das pessoas nas instituições*, conclui-se que o nível de proximidade que os médias sociais criam com as pessoas na instituição é positiva duma forma geral, pois o somatório das variáveis positivas é maior em relação as vereáveis discordantes.

Duma forma resumida as principais conclusões da pesquisa segundo as duas subsecções chaves do questionaria são:

## Subsecção II. Comunicação Organizacional

Quanto ao grau de satisfação com aspectos relacionados com a comunicação no ambiente do trabalho (departamento ou área), a comunicação é satisfatória pois das 5 questões feitas todas tiveram uma percentagem maior relativamente as variáveis discordantes. O que conclui-se que a comunicação é satisfatória em termos de relação comunicativa no ambiente do trabalho.

Quanto a grau de satisfação com aspectos relacionados com a comunicação com o superior hierárquico directo (Departamento ou área), a comunicação não é satisfatória pois as percentagens das 5 questões feitas 4 tem percentagem baixa nas variáveis concordantes em relação as discordantes. Um é que tem a percentagem elevada em relação a discordante no que tange ao *grau de abertura dos colegas em relação ao superior hierárquico directo* o que quer dizer o problema pode estar com os superiores hierárquicos e não com os colaboradores no processo comunicativo.

Quanto ao grau de satisfação com aspectos relacionados com a comunicação com colegas de diferentes áreas da instituição, nas 3 questões feitas duas são satisfatórios, muito embora os colegas digam que esta mesma comunicação não áreas não motiva nem estimula para atingir as metas da instituição.

No que tange a comunicação na instituição geral, das 6 questões feitas conclui-se que a comunicação não é satisfatória, pela forma como a comunicação ocorre e como os assuntos de trabalhos são tratados, para além da enorme informação inútil que circula.

## Subsecção III Médias Sociais nas Organizações

Quanto ao uso das médias sociais na organização conclui-se que estes artefactos devem ser regulamentados por uma política interna do seu uso muito bem claros. Para além de que a comunicação interna pode ser muito bem alavancada através de uso na partilha de informação através destes.

## REFERÊNCIAS

Baldissera, R. (2008). *Por uma compreensão da comunicação organizacional*. In: O diálogo possível: comunicação organizacional e paradigma da complexidade. (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Baptista (2009). *Plano de comunicação interna para a Sonae Sierra* Disponível em <http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/1934/1/Projecto%20de%20Mestrado%20-%20Margarida%20Baptista.pdf> [acesso em 01/10/2016].

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Baremblytt, G. F. (1996). *Compêndio de análise e outras correntes: Teoria e prática*. 3º ed. Rio.

Bernardes, C. (1993). *Teoria geral da administração: a análise integrada das organizações*. São Paulo: Atlas.

Brasileiro de Comunicação Empresarial. São Paulo: Aberje.\Lima. M. D.C, Abbud, M.E. de O. (2015). *Comunicação Organizacional: Histórico, Conceitos e Dimensões*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus - AM – 28 a 30 de Maio.

Bueno, W. C.(2003). *Comunicação Empresarial: Teoria e pesquisa*. São Paulo: Monole.

Cabral, E. J. T. (2011). *Comunicação Interna como Factor de Mudança Organizacional, Estudo de caso: Hospital Regional Santiago Norte*, Dissertação de Mestrado, ENG – Escola de Negócios e Governança, Universidade de Cabo Verde

Casali, A. Taylor, J.(2003). *Comunicação Organizacional: uma introdução a perspectiva da “Escola de Montreal”*. Revista Estudos de Jornalismo e Relações Públicas. Universidade Metodista de São Paulo - vol.1, n.1 (jun.2003). São Bernardo do Campo: Umesp.

CONSELHO DE MINISTROS (2004) Decreto no 61/2004, de 29 de Dezembro: Cria o Instituto Superior de Administração Pública, Abreviadamente designada por ISAP, com sede em Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.

Curvello, J. J. A.(2009). *Os estudos de comunicação organizacional e as novas abordagens sistémicas*. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. 32., Curitiba – PR, 2009. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2746-1.pdf>. Acesso em: 27 Abril. 2017. de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Deetz, S.(2010). *Comunicação organizacional: fundamentos e desafios*. In: MARCHIORI, M. (Org.) *Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas*. São Caetano: Difusão.

Drucker, P. F.(1992). *Administrando para o futuro: os anos 90 e a virada do século*. São Paulo: Pioneira.

Fleury, M. T. L.; Fischer, R. M. (1996). *Cultura e Poder nas Organizações*. São Paulo: Atlas.

Gil, A. C.(1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3a . ed. São Paulo: Altas.

Gil, A. C.(1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Gil, A. C.(2002).*Como elaborar projectos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Godoy, A. S.(1995). *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In: Revista de Administração de Empresas - RAE, v.35, n.2, mar./abr.

Hesketh, J.L. e Almeida, M. A. de. (1980). *Comunicação organizacional: teoria e pesquisa*. *Revista de Administração de Empresas*, 20(4), 13-25. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901980000400002>

lasbeck, L.C. (2009). *Relações Públicas e Comunicação Organizacional: o lugar do texto e do contexto*, Ano 6, Edição Especial, Números 10 / 11, Organicom.

Kanaane, R.(1994). *Comportamento humano nas organizações: o homem rumo ao século XXI*. São Paulo: Atlas.

Kotler, P.; Lee, N.(2008).*Marketing no Sector Público: Um Guia para o Desempenho mais Eficaz*. Porto Alegre: Bookman.

Kunsch, M. M. K.(2003). *Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada*. 4.ed. revisada, atualizada e ampliada. São Paulo: Summus.

Kunsch, M. M. K.(2010). *A Dimensão Humana da Comunicação Organizacional*. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. (Org.). *A Comunicação como factor de humanização das organizações*. (Org.). São Caetano do Sul, SP: Difusão.

Marchiori, M.(2006). *Faces da cultura e da comunicação organizacional*. São Caetano do Sul, SP: Editora Difusão.

Marchiori, M.(2011). *Cultura e Comunicação Organizacional: um olhar estratégico sobre as organizações*. 2. Ed. São Caetano: Difusão Editora.

Marconi, M. de A.; Lakatos, E. M.(2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Marconi, M. de A.; Lakatos, E. M.(2003).*Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Marconi, M.A.; Lakatos, E.M.(2010). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. São Paulo: Atlas.

Monteiro, R. L.; Bruno, M. G.da Silva.(2010). *Empresa deve ter regra interna sobre redes sociais*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/> Acesso em ago.2016.

Nascimento, I. M. (s/n).*Comunicação Organizacional: por um pouco mais de interação*, II Encontro dos Programas de Pós-graduação em Comunicação de Minas Gerais, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Oliveira, I. de L.; Paula, C. F. C.(2003). *Comunicação Organizacional e relações públicas: caminhos que se cruzam, entrecruzam ou sobrepõem?* Revista Estudos de Jornalismo e Relações Públicas. Universidade Metodista de São Paulo - vol.1, n.1 (jun.2003). São Bernardo do Campo: Umesp.

Putnam, L.;Phillips, N. Chapman, P.(2004). *Metáforas da comunicação organizacional*. In: CLEGC, Stewart R., HARDY, Cyntia, NORD, Walter R. (ORGs.). *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2004, v. 3.

Rego, F. G. T.(11985). *Comunicação empresarial, comunicação institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnicas*. São Paulo: Summus.

Richardson, R.J. (1999). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 3ªed. São Paulo: Atla.

Rocha e Oliveira J.A. (2007). *Gestão de Recursos Humanos na Administração Pública*, 2ª- Edição, Escolar Editora.

Schein, E. H.(2009). *Cultura Organizacional e Liderança*. São Paulo: Atlas.

Scroferneker, C. M. A.; Amorin, L. R.; Oliveira, R. F.(2014). *Comunicação Organizacional e Estratégica: (Re)pensar para compreender*. VIII Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. ABRAPCORP. Anais Eletrônicos. Londrina – PR.

Simões, F. R.(). *Comunicação Institucional: um Estudo sobre sua Prática em uma Indústria Paranaense*. Pesquisa GEFACESCOM (Grupo de Estudos Faces da Cultura e Comunicação Organizacional), vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR).

Thayer, L. O.(1976). *Comunicação: Fundamentos e Sistemas*. São Paulo: Atlas.

Thayer, L.O.(1973). *Comunicação e teoria da organização*. In: Dance, Frank E.X., Org. *Human communication theory - original essays*. Trad. Álvaro Cabral e José Paulo Paes. *Teoria da comunicação humana*. São Paulo, Cultrix.

Torquato, G.(2003). *Estratégias de comunicação nas empresas modernas*. In: III Congresso

Torres, C.(2009). *A Bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar*. São Paulo: Novatec Editora.

Vasconcellos, C. F.; Bastos, K. H.(2009). *Uma análise reflexiva sobre o projecto "As dimensões humana, instrumental e estratégica da comunicação organizacional: um estudo teórico e aplicado"*. In *Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas - Abrapcorp*, 3, 2009, São Paulo, SP. Anais (on-line).

Yin, R. K.(2005).*Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.

# A TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E RESSOCIALIZAÇÃO DO DETENTO PELO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Data de aceite: 01/03/2023*

### **Ana Elisa Alencar Silva de Oliveira**

Possui Especialização em MBA em Gestão Empresarial, Professora de Metodologia do Trabalho Científico dos cursos de Graduação e Pós-Graduação do Centro Universitário de Lins, aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia - PPGMIT na Unesp -Campus Bauru

A tecnologia através de suas ferramentas e técnicas ocasionaram consideráveis mudanças no comportamento humano e, não diferentemente, na educação, principalmente a partir de 1990 com a expansão, no Brasil, das tecnologias digitais.

O uso da tecnologia nas instituições educacionais abriu um leque de possibilidades para a formação de alunos em diversas condições.

Nesse interim, a educação a distância democratizou o acesso ao ensino universitário como forma de inclusão exemplificado pelo caso vivenciado de um projeto que leva aos indivíduos do sistema

prisional do estado de São Paulo o ensino universitário através de 280 bolsas de estudo com 100% gratuidade.

Sendo assim, resultado de um estudo desenvolvido no doutorado em Mídia e Tecnologia da Unesp, com caráter exploratório, tem por objetivo apresentar a experiência do uso da tecnologia como instrumento de inclusão e ressocialização do detento pelo ensino superior a distância.

Com aproximadamente 919.000 indivíduos presos no Brasil, segundo o Banco Nacional de Monitoramento de Prisões do Conselho Nacional de Justiça (2022), o sistema carcerário brasileiro, pela superlotação, não subsidia a recuperação daqueles que foram condenados a anos ao regime fechado.

Com grande dificuldade de romper o ciclo de exclusão e criminalidade, a taxa de reincidência com o retorno do preso ao sistema carcerário atinge números elevados obrigando a sociedade a rever a situação social a qual o penitenciário está submetido tornando-se indispensável a avaliação dos seus efeitos na

contemporaneidade.

Considerando que a Constituição brasileira (Brasil, 1988), o Código Penal (Brasil, 1940), e a Lei de Execução Penal (Brasil, 1984) preveem ao apenado situação especial que o condiciona a uma limitação dos direitos previstos, isto não significa que este, além da liberdade, perca a condição de pessoa humana e a titularidade dos direitos não atingidos pelo ordenamento jurídico.

Sendo assim, um dos caminhos para a real reintegração do preso na sociedade é a educação e através dela a qualificação para que este não continue a viver à margem da sociedade com trabalho informal ou, como em muitos casos, a volta ao crime por opção.

Na Lei de Execução Penal o legislador buscou assegurar à pessoa privada da sua liberdade a educação formal oportunizando a este indivíduo maiores condições de se estabelecer no mercado de trabalho após o cumprimento da pena e, concomitantemente, fortalecer a disciplina no interior do estabelecimento prisional e a ocupação proveitosa do preso (Brasil, 1984).

A falta de espaço específico para o desenvolvimento de atividades educacionais na arquitetura prisional e algumas condições impostas à condição das pessoas condenadas à prisão não se constituíram em entraves para que o Centro Universitário de Lins – Unilins juntamente com a Secretaria da Administração Penitenciária (SAP), Coordenadoria de Unidades Prisionais da região Noroeste do Estado e a Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel (FUNAP) viabilizassem curso gratuito de graduação EAD para 13 penitenciárias e centros de ressocialização do interior do estado de São Paulo.

O desafio foi alicerçado nos resultados de comprometimento e evolução dos alunos após vídeo aulas, discussão de conteúdos por pares e em grupo e, pelo fato inédito de provas online, autorizadas pelo Secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo.

A utilização das tecnologias da informação e comunicação por meio do ensino remoto possibilitaram, principalmente após a pandemia da COVID-19, a utilização de recursos tecnológicos não empregados anteriormente e uma reflexão sobre as estratégias pedagógicas a serem utilizadas após a descoberta das potencialidades ofertadas por estes recursos.

A experiência relatada intenciona apresentar o caso de assistência educacional ao apenado para proporcionar melhores condições de readaptação social possibilitando a ele retornar à vida em liberdade de maneira mais ajustada pelo aprimoramento e eleição de valores de interesse comum positivada pelo processo educacional.

Destarte, nota-se que a tecnologia aplicada à educação tem permitido a reintegração social do ao indivíduo privado de liberdade que, além dos conhecimentos e da formação intelectual, possibilita a ele realizar um objetivo pessoal e agregar a esperança em ampliar as oportunidades no regresso a sociedade permitindo liberdade ampla e o progresso social através da melhoria da condição humana, saúde, condições de vida, equidade social e produtividade.

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi realizada no curso superior de Tecnologia em Logística na modalidade a distância em conformidade com a Resolução CES/CNE nº 23 (Brasil, 2002), Lei nº 10.861 (Brasil, 2004), Portaria MEC nº 1.134 (Brasil, 2016), Portaria MEC nº 11 (Brasil, 2017), Portaria MEC nº 20 (Brasil, 2017), Portaria nº 23 (Brasil, 2017) e Projeto Pedagógico Institucional (PPI) com duração de 2 anos e prazo máximo de integralização de 3 anos sendo semestral por créditos e com carga horária total de 1.810 horas.

É conveniente ressaltar que inicialmente outros cursos foram ofertados, contudo, mediante a complexidade de adaptação de um curso superior EAD para o sistema prisional apenas um curso deveria seguir, no caso o que foi mais procurado pelos detentos, o curso de Tecnologia em Logística. Sendo assim, várias reuniões foram realizadas envolvendo a equipe do EAD Pleno Unilins, o Reitor da Universidade, a SAP, a Coordenadoria de Unidades Prisionais da região Noroeste do Estado e a FUNAP para ajustar as atividades conforme as especificidades do sistema prisional e as obrigatoriedades curriculares de um curso superior EAD.

### Da forma de acesso ao curso

Após a oferta das bolsas de estudo foi realizado processo seletivo nas unidades prisionais que aceitaram participar do Projeto conforme exige a legislação brasileira. As inscrições foram realizadas mediante o encaminhamento da documentação exigida.

### Aspectos metodológicos do processo de ensino-aprendizagem

A partir do momento em que uma disciplina é designada para ser ministrada na modalidade a distância os alunos que cursam tais disciplinas recebem orientações para seu uso eficaz. Neste caso, o acompanhamento pedagógico é feito por um professor/tutor da universidade visita periodicamente as unidades prisionais diante de uma programação para orientar sobre a metodologia das aulas e estudos, verificar o andamento das aulas e atividades e treinar monitores.

Por ser oferecido na modalidade a distância, o curso garante uma oportunidade diferenciada para o estabelecimento de novas e outras relações entre educador-educando-conhecimento, bem como para a socialização do conhecimento científico. Diferentes mídias são incorporadas ao processo formativo, promovendo maior interação entre os professores autores, tutores e alunos.

Estrategicamente privilegiada para a promoção da educação a distância a *internet* é compatível com as necessidades do aprendiz e do meio social no qual este está inserido, através da integração das diversas mídias como *WhatsApp*, o *Skype* e o *Google Meet*. Corriqueiramente os alunos dos cursos EAD Unilins possuem como ferramentas didático-pedagógicas e-mails, chats e fóruns. No sistema prisional como chats e fóruns não são de possível acesso o canal de comunicação estabelecido foi o e-mail criado especificamente

para este fim.

Foram eleitos monitores, com capacidade de liderança e educacional para apoiar as aulas, as discussões em grupo, controlar frequência e anotar possíveis dúvidas que são encaminhadas por e-mail pelos agentes penitenciários aos tutores EAD Unilins para esclarecer possíveis dúvidas dos alunos antes da próxima aula.

A opção tecnológica eleita como prioritária para o oferecimento dos cursos estritamente a distância na Unilins é a *internet*, como veículo de acesso, e a web, como repositório de ferramentas e informações (Portal Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA). No caso das unidades prisionais, sem acesso à *internet*, o ensino-aprendizagem foi feita através de material didático impresso (livros) e DVDs como as videoaulas gravadas. Vale ressaltar que estes materiais fazem parte do curso para todos os alunos do EAD (Figura 1).



Nota: Araraquara Agora (2021)

Figura 1 - Aula EAD no sistema prisional em Araraquara

O estudo do material didático é feito em consonância com os conteúdos programáticos definidos a partir das ementas propostas no projeto pedagógico. Os livros são a principal ferramenta de aprendizagem. De leitura obrigatória, seu conteúdo será contemplado nas atividades e nas avaliações previstas no decorrer do curso. Possuem conteúdos autoexplicativos desenvolvidos por professores especializados da área com foco nos alunos do ensino a distância.

Cada disciplina tem um livro próprio, com apresentação inicial do conteúdo que será abordado de forma sistemática e de acordo com os princípios didático-pedagógicos.

Ao término de cada capítulo do livro são propostas atividades reflexivas, que possibilitam ao aluno retomar e fixar os conteúdos abordados. O formato no qual o livro é apresentado propõe a criação de desafios cognitivos para os alunos.

Tem como fundamento o pensamento crítico e reflexivo, em que o aluno é agente de seu próprio conhecimento, ou seja, constrói significados e define sentidos de acordo com a representação que tem da realidade, a partir de suas experiências e vivências em diferentes contextos.

As videoaulas seguem o roteiro proposto pelo livro e contemplam todo o conteúdo da disciplina, permitindo ao aluno um aprendizado flexível e eficaz. Os conteúdos são divididos em vídeos de curta duração, onde o professor explica ponto a ponto os temas abordados no livro.

Os DVDs têm um papel complementar aos livros no processo de aprendizagem, auxiliando na fixação do conteúdo. São compostos por videoaulas gravadas por professores especializados da área, que utilizarão uma linguagem provocativa e desafiadora com a utilização de recursos audiovisuais interativos e estimulantes, no intuito de fazer com que os alunos desenvolvam uma análise sobre o seu próprio aprendizado. As videoaulas, seguem o roteiro proposto pelo livro e contemplam todo o conteúdo da disciplina, permitindo ao aluno um aprendizado flexível e eficaz. Somados aos materiais físicos encontram-se os livros em formato PDF e as videoaulas em formato MP4 também estão disponíveis.

Os alunos Unilins privados de liberdade reúnem-se de segundas às sextas-feiras por duas horas para assistirem às videoaulas e discutirem o conteúdo, pois a interação é um dos focos da metodologia. No processo de estudo o monitor pode pausar, avançar ou recuar as videoaulas se for necessário. Orienta-se ao monitor pedir aos alunos que façam resumos, esquemas e anotações de dúvidas.

Todas as disciplinas do curso partem de um cronograma detalhado embasado no cronograma acadêmico e o estabelecido pela SAP para permitir ao acadêmico o desenvolvimento das atividades propostas. Salienta-se que o fato do cronograma ser o mesmo para todas as Unidades permite que, caso o detento seja transferido, ele possa continuar os estudos de onde parou. Este cronograma é elaborado pela Unilins e entregue a cada Unidade Prisional (Figura 2).

Cronograma de aula do Módulo 1		SAP FUNAP				
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
28						6
7	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:29:50 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:29:14 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:36:36 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:35:50 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:35:04 + discussão = 2 h	
14	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:32:37 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:33:53 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:34:51 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:32:25 + discussão = 2 h	Filosofia das CS 1 vídeo com 0:41:42 + discussão = 2 h	13
21	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:17:58 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:07:33 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:17:01 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:11:08 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:08:34 + discussão = 2 h	20
28	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:07:14 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 3 vídeos com 0:08:21 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:13:17 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:06:09 + discussão = 2 h	Empreendedorismo 2 vídeos com 0:06:09 + discussão = 2 h	27
4			ANOTAÇÕES			3

Nota: Elaborada pela autora

Figura 2 - Cronograma de aula

Após as aulas os alunos terão 1 hora a mais para estudo com leitura no livro ou em PDF em computadores adquiridos pelas penitenciárias para este fim. A leitura off-line do conteúdo, flexibiliza a rotina de estudo.

Para atender ao apenado sem mobilidade e acesso aos recursos de tecnologia as avaliações do processo de ensino-aprendizagem realizada por disciplina foi composta por duas avaliações aplicadas no formato presencial, nominal, sem consulta e individual, aplicadas por um(a) professor(a) designado pela Unilins. Normalmente, as avaliações dos demais alunos EAD constituem-se em uma avaliação presencial e outra via *internet*.

A primeira avaliação é expressa por notas, graduadas de 0,0 (zero) a 4,0 (quatro) e a segunda prova será igualmente expressa por notas, graduadas de 0,0 (zero) a 6,0 (seis). O aluno que não atingir a média deverá fazer a prova/exame para atingir a média 6,0 (seis). A prova varia de 0,0 (zero) a 10,0 (dez). O aluno estará aprovado se obter nota igual ou maior que 6,0 (seis) por disciplina.

Seguindo as diretrizes das atividades propostas e aprovadas, e a metodologia de que as Atividades Complementares são componentes curriculares que visam ampliar e enriquecer a vivência acadêmica do aluno. Desta forma, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária da Unilins (PROEXAC) são proporcionadas e desenvolvidas atividades, palestras, cursos de extensão em áreas afins a de sua formação e outras atividades pertinentes, dentro das unidades prisionais.

Diante do sucesso do Projeto e mediante a autorização do Secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo em viabilizar acesso à *internet* dentro dos presídios para este fim, foi possível a realização da prova online agilizando as correções e divulgação de

notas bem como a participação destes alunos em cursos de capacitação, palestra, webinars e projetos culturais como, por exemplo, Cinemoteca, promovidos pela PROEXAC.

## RESULTADOS

O Projeto iniciou efetivamente em 2021, após a liberação das medidas restritivas da COVID-19, mais alguns resultados já podem ser mensurados como:

- a) disciplina de língua portuguesa - 165 aprovados, 37 reprovados e 16 foram libertados antes das provas.
- b) disciplina de fundamentos de economia - 140 aprovados, 52 reprovados e 14 foram libertados antes das provas.
- c) disciplina de sociologia geral - 163 aprovados, 29 reprovados e 22 foram libertados antes das provas.
- d) disciplina de gestão de pessoas - 147 aprovados, 36 reprovados e 5 foram libertados antes das provas.

É notório o engajamento de detentos, entidades e profissionais envolvidos. Muitos que ganharam a liberdade procuraram a Unilins para continuar seus estudos.

Vale destacar o relato de Juliano Cesar Germano que cumpre pena no CR de Araraquara contemplado pela bolsa de estudos: “Sei que, ao ganhar a liberdade, terei um certificado de curso superior e poderei ser aceito no mercado de trabalho. Acredito que este projeto mudará a minha vida” (Araraquara Agora, 2021).

## DISCUSSÃO

O sistema educacional urge por mudanças que remete aos diversos recursos tecnológicos que não eram empregados anteriormente. Contudo, em aulas presenciais ou a distância tem-se que atentar aos recursos e estratégias pedagógicas que incide diretamente na melhoria da qualidade da educação ofertada, no atendimento das especificidades dos alunos e na luta por uma educação mais inclusiva (Burci, 2020).

Quando expostos a um fluxo constante de informação, mesmo apaixonados pelo tópico em questão ou se elementos visuais de engajamento estiverem sendo usados, a memória de trabalho corre o risco de sobrecarga. Alunos não têm outra escolha a não ser escutar passivamente (Schell & Butler, 2018).

Partindo do princípio que o processo de aprendizagem envolve e linguagem escrita e verbal, justifica-se o uso de vídeos no ensino-aprendizagem como forma de explicação dos tópicos para melhor compreensão e aprofundamento dos conhecimentos.

O princípio da aprendizagem multimídia diz que as pessoas aprendem melhor com a utilização de palavras e imagens do que apenas palavras (Clark & Mayer, 2016).

Nesse contexto, destaca-se os resultados das avaliações dos detentos que utilizam

além da aprendizagem por vídeos de no máximo 30 minutos e outros curtos de 2 a 7 minutos momentos de pausa para reflexão e discussão.

Pesquisas nos últimos 25 anos demonstraram que os cursos que incorporam a instrução por pares produzem maior aproveitamento do aluno em comparação com os cursos tradicionais baseados em palestras. Esses estudos empíricos mostram que a instrução por pares produz uma série de resultados de aprendizado valiosos, como melhor compreensão conceitual, habilidades de resolução de problemas mais eficazes, maior envolvimento dos alunos e maior retenção de alunos (Dolch & Zawacki-Richter, 2018; Schell & Butler, 2018).

O ensino superior tem características próprias que vão além do aproveitamento de áreas específicas para o preparo da atuação profissional com o grande objetivo da responsabilidade social. A educação é o suporte é porque no lado formal instrumenta a pessoa com habilidade crucial para manejar a arma mais potente de combate que é o conhecimento e no lado político alimenta a cidadania (Hadama, 2020).

Por se tratar de um espaço de privação de liberdade, e apesar da educação no sistema prisional ser um campo de atuação ainda não consolidado, não quer dizer que seja uma causa perdida. Esse desafio de inserção de educação a distância no sistema prisional é visto como a modalidade de ensino EAD vem ao encontro da necessidade do perfil dos reclusos no Sistema Prisional e sua inserção à ressocialização (Alves, 2003, p. 74).

Desta forma, destaca-se que além de um laboratório para determinar novos *insights* para serem aplicados na educação a distância este projeto designa a grande possibilidade de diminuir a população carcerária e realmente integrar este indivíduo na sociedade.

Diante dos altos índices de reincidência e contínuo número de ocorrências de ilícitos o número de custodiados pelo Estado se mantem altos. Portanto, são muitos os desafios encontrados pelos profissionais da educação vislumbrando a EAD como excelente alternativa para este público trazendo novas perspectivas para melhorar e estimular novos projetos que permitam a qualificação dos apenados (Gois; Silva & Silvino, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi descrito neste relato de experiência pode-se concluir que a educação a distância representa para professores, alunos e instituições de ensino um desafio pedagógico, administrativo e até social. É pedagógico, tal desafio, porque coloca em questão modelos tradicionais, pouco flexíveis, de ensino-e-aprendizagem; é administrativo porque exige de alunos, professores e gestores novas formas de administração de tempo, de conteúdo e novas e diversas formas de interação; é social porque implica responsabilidade coletiva e pode representar um enorme avanço no sentido da socialização do conhecimento e de maior democratização da educação.

A educação a distância antes considerada de forma preconceituosa por grande parte

da comunidade acadêmica, hoje, com o uso da *internet*, desponta como uma oportunidade de se atingir um público maior e diferenciado, possibilitando a ampliação da oferta de cursos de diversa natureza, o que constitui uma demanda social explícita e crescente, dirigida para as instituições de ensino, no sentido de incluir e democratizar o acesso ao ensino superior como, por exemplo, da possibilidade do detento cursar o ensino superior no sistema prisional.

Ao ser liberto, o indivíduo, na maioria das vezes, não ganha efetivamente a liberdade, pois estará preso a um passado que o levou aquela condição de detento. Somente a educação poderá libertar efetivamente esta pessoa proporcionando uma vida digna, dentro da ética integrando-o perfeitamente à sociedade.

A educação a distância pautada nos princípios pedagógicos integradores, o processo de ensino e aprendizagem tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, buscando uma preparação holística para o exercício de uma profissão de nível superior e de sua cidadania.

## REFERÊNCIAS

Alves, J. D. (2003). *Do tratamento penal à reinserção social do criminoso*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

Araraquara Agora (2021). *Reeducandos de Araraquara cursam ensino superior em busca de um recomeço de vida*. <https://araraquaraagora.com/noticia/5568/reeducandos-de-araraquara-cursam-ensino-superior-em-busca-de-um-recomeco-de-vida>.

Burci, Taissa Vieira Lozano (2020). *As políticas públicas para o ensino superior a distância e as ações afirmativas dos povos indígenas: um estudo de caso na Universidade Estadual de Maringá*. 2020. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

Clark, Ruth C. & Mayer, Richard E. (2016). *E-Learning and the Science of Instruction: Proven Guidelines for Consumers and Designers of Multimedia Learning*. John Wiley & Sons, Inc. New Jersey.

*Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988* (1988). Diário Oficial da União. Brasília, DF.

*Conselho Nacional de Justiça de 25 de julho (2022)*. Sistema Carcerário, Execução Penal e Medidas Socioeducativas. <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/>.

*Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro (1940)*. Institui o Código Penal. Diário Oficial da União. Brasília (DF).

Dolch, Carina & Zawacki-Richter, Olaf (2018). Are students getting used to learning technology? Changing media usage patterns of traditional and non-traditional students in higher education. *Research in Learning Technology*, Oxfordshire, v. 26, p. 2038, 2018.

*Lei nº 7.210, de 11 de julho (1984)*. Institui a Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União. Brasília, DF.

*Lei nº 10.861, de 14 de abril (2004)*. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências Diário Oficial da União. Brasília (DF).

Gois, Rizzardo Roderico Pessoa Queiroz de Rodrigues; Silva, Alex Martins da & Silvino, Marilson Donizetti (2020). *Educação prisional no ensino a distância: possibilidades para educação profissional*. [Trabalho apresentado em Congresso]. VII Congresso Nacional de Educação, Conedu, Maceió, Brasil.

Hadama, Patricia Dias (2020). A dinâmica das tecnologias no ensino superior e a mudança no paradigma do ensino-aprendizagem. *Perspectivas LatinoAmericanas*, n. 17.

*Portaria MEC nº 1.134 de 10 de outubro (2016)*. Revoga a Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema.

*Portaria MEC nº 11 de 20 de junho (2017)*. Estabelece normas para o credenciamento de instituições e a oferta de cursos superiores a distância, em conformidade com o Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017.

*Portaria MEC nº 20 de 21 de dezembro (2017)*. Dispõe sobre os procedimentos e o padrão decisório dos processos de credenciamento, recredenciamento, autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores, bem como seus aditamentos, nas modalidades presencial e a distância, das instituições de educação superior do sistema federal de ensino.

*Portaria nº 23 de 21 de dezembro (2017)*. Dispõe sobre o fluxo dos processos de credenciamento e recredenciamento de instituições de educação superior e de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores, bem como seus aditamentos.

*Resolução CES/CNE nº 23 de 5 de novembro (2002)*. Dispõe sobre o recredenciamento de universidades e centros universitários do sistema federal de educação superior.

SCHELL, Julie A.; BUTLER, Andrew C (2018). *Insights From the Science of Learning Can Inform Evidence-Based*. Implementation of Peer Instruction Frontiers in Education.

# O ARTIVISMO DO GRUPO QUEBRADA QUEER EM PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

*Data de aceite: 01/03/2023*

**Renato Sousa Linhares**  
UEMASUL

**Maria da Guia Taveiro Silva**  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>.

**RESUMO:** O rap é um estilo musical criado nos estados unidos, entre as décadas de 1980 e 1990, nas comunidades periféricas, marcadas pela presença negra e pelo engajamento social por meio das letras que versam sobre a realidade social. Da mesma forma, ao chegar no Brasil, ainda em 1980, a produção vinculação e divulgação desse estilo musical ganha configurações semelhantes às dos Estados Unidos, uma música de origem negra, com presença predominantemente masculina, de linguagem essencialmente oral, periférica e por isso, marginalizada. Com o passar do tempo, e por refletir acerca da realidade social e suas transformações, o rap ganhou novas ramificações, a exemplo do queer rap, uma vertente do estilo que busca pautar temáticas das vivências da comunidade LGBTQIAP+ e denunciar artisticamente as mazelas sociais. Isso posto, o presente artigo objetiva apresentar uma reflexão a respeito do queer rap como instrumento

de ativismo artístico, ou ainda, o chamado “ativismo”, tendo como corpus de pesquisa a obra fonográfica do grupo Quebrada Queer. Como procedimento metodológico, foram realizadas análises da letra da primeira “cypher” lançadas pelo grupo nas plataformas digitais com finalidade de levantar expressões enunciativas que sugiram na canção discursos de cunho denunciativos, caráter de ativismo e engajamento com a causa desse grupo minorizado por meio da desobediência e dissidência de gênero e sexualidade. O suporte teórico parte da visão de gênero enquanto condicionadores da linguagem de Bortoni-Ricardo (2004) e Coelho (2017), as proposições de uma educação linguística queer, de Mazarro (2021) e dos teóricos que traçaram considerações sobre o Rap e seu cunho manifestativo, a exemplo de Andrade (2018), entre outros. A partir dos estudos e da aplicação metodológica de análise verificou-se que o grupo Quebrada Queer, suas composições e discursos denunciam o preconceito contra preconceitos e violências, em especial a homofobia, de maneira engajada com a realidade e de uma forma interseccional, levando em consideração o contexto de produção periférica, marcadores sociais do negro,

LGBTQIAP+ enquanto sujeito auto enunciador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artivismo. Sociolinguística. Rap. Análise Discurso. Queer.

**ABSTRACT:** Rap is a musical style created in the United States, between the 1980s and 1990s, in peripheral communities, marked by the black presence and social engagement through lyrics that deal with social reality. Likewise, when it arrived in Brazil, still in 1980, the production, linking and dissemination of this musical style gained configurations similar to those of the United States, a music of black origin, with a predominantly male presence, with an essentially oral, peripheral language and, therefore, marginalized. Over time, and by reflecting on social reality and its transformations, rap gained new ramifications, such as queer rap, an aspect of the style that seeks to guide themes of the experiences of the LGBTQIAP+ community and artistically denounce social ills. That said, this article aims to present a reflection on queer rap as an instrument of artistic activism, or even the so-called “artivism”, having as research corpus the phonographic work of the Quebrada Queer group. As a methodological procedure, analyzes of the lyrics of the first “cypher” released by the group on digital platforms were carried out in order to raise enunciate expressions that suggest in the song denouncing speeches, activism character and engagement with the cause of this minority group through disobedience. Of gender and sexuality dissent. The theoretical support is based on the view of gender as language conditioners by Bortoni-Ricardo (2004) and Coelho (2017), the propositions of a queer linguistic education, by Mazarro (2021) and the theorists who have outlined considerations about Rap and its imprint. Demonstrative, like Andrade (2018), among others. From the studies and the methodological application of analysis, it was found that the Quebrada Queer group, its compositions and speeches denounce prejudice against prejudice and violence, especially homophobia, in a way that is engaged with reality and in an intersectional way, taking into account considering the context of peripheral production, social markers of the black, LGBTQIAP+ as a self-enunciating subject.

**KEYWORDS:** Artivism. Sociolinguistics. Rap music. Speech Analysis. Queer.

## INTRODUÇÃO

O rap é um estilo musical muito ouvido no Brasil. Traz temáticas sociais do cotidiano das comunidades periféricas brasileiras buscando cada vez mais abordar várias questões relevantes. Em 2010, o queer rap, uma vertente do estilo, ganha notoriedade a partir das músicas lançadas por Rico Dalasam, o precursor do movimento. Tal destaque pode ser atribuído ao desenvolvimento de novos discursos, participação e insurgência das chamadas minorias sociais.

Cabe ressaltar que, cada vez mais artistas da comunidade LGBTQIAP+ vêm ocupando espaço na música, tornando as produções cada vez mais diversificadas e pautando assuntos que dizem respeito aos grupos minorizados socialmente, configurando caráter militante por meio da arte. Para essa abordagem existe o conceito de artivismo. Embora não se tenha um consenso sobre o conceito, o artivismo é a manifestação ativa e reivindicatória de direitos e representação de forma artísticas.

Nesse sentido, é relevante conhecer aspectos dessa produção musical e artista, por apresentar como a arte pode ser engajada com as questões sociais, e uma maneira de manifestação dos anseios da sociedade a partir da vinculação de determinadas construções discursivas que considerem contextos, linguagem e lugar de enunciação.

Esta pesquisa busca apresentar uma reflexão a respeito do queer rap como instrumento de ativismo artístico, ou ainda, o chamado “ativismo”, tendo como corpus de pesquisa a cypher de lançamento do grupo Quebrada Queer. Como procedimento metodológico, foram realizadas análises da letra das músicas lançadas pelo grupo no canal de Youtube Rap Box a fim de levantar expressões enunciativas que indiquem nas canções discursos de cunho denunciativos, caráter de ativismo e engajamento com as pautadas da comunidade LGBTQIAP+.

Dessa forma, este artigo busca responder a seguinte questão de pesquisa: quais as temáticas e particularidades na construção da obra artística do conjunto Quebrada Queer numa perspectiva dos discursos de ativismo queer, negro, periférico a partir da arte hip hop?

Assim, o estudo objetiva ainda, analisar a produção e como os papéis sociais e os condicionadores de sexualidade, contexto periférico marcam a produção artistas e constituem enquanto ativismo artístico, e ainda, as contribuições do queer rap e como forma de comunicação para uma educação linguística que contemple as questões queers. A relevância desta pesquisa está pautada em conhecer os fatores que marcam a produção dos discursos dos queer raps, contribuir com futuros estudos acerca da educação linguística no que se refere ao fator gênero e desobediência de gênero e sexualidade que pode permitir melhor compreensão sobre o ativismo.

Neste estudo, inicialmente, é apresentada um breve histórico do movimento rap e do queer rap. Em seguida, são apresentadas discussões sobre educação linguística, o condicionador gênero e a questão queer, ativismo, discursos análises da cypher do grupo de queer rap quebrada queer ao final do estudo, são apresentadas algumas considerações sobre as evidências encontradas nessa pesquisa.

## **BREVE APANHADO DA HISTÓRIA DO RAP**

O termo RAP significa “rhythm and poesis”. Ele é um movimento artístico cultural que faz parte de um contexto maior, o Hip Hop. O movimento hip hop é um conjunto de expressões artística que além do RAP congrega grafite, as danças como o break, o MC (mestre de cerimônias) e os DJ’s. Nesse sentido, o Rap faz parte de uma cultura composta por vários segmentos da arte e preservada por meio dos membros que fazem manutenção dessas expressões artísticas.

O RAP surgiu em 1970, nos guetos dos Estados Unidos, onde havia forte presença da comunidade negra. Essa presença negra fruto de uma migração de Jamaicanos para

bairros pobres de Nova York, como Brooklyn. “O significado etimológico de “rap” é fruto de uma junção de iniciais de uma expressão do inglês “rhythm and poetry – ritmo e poesia”. ANDRADE, 2018.

O Rap é uma produção musical pensada metricamente baseada nas condições de oralidade, com algum nível de atividade de letramento. Isso significa que, mesmo sendo compostas letras na forma escrita, a sua essencialidade está na forma como será cantada. Por isso, a linguagem utilizada é marcada por variações às regras da linguagem culta e adquirem estilos peculiares e próprios, sobretudo no português brasileiro tão rico em diversidade linguística.

No Brasil, o rap popularizou-se em 1980, com os primeiros nomes a comporem o cenário hip hop, a exemplos do grupo Racionais e DJ Afrika Bambata, um dos precursores do movimento rap brasileiro, que além seguir o estilo musical, sugere um outro elemento para acrescentar à cultura em que o está inserido, o conhecimento. Bambata reivindica o acréscimo do conhecimento no sentido de proximidade, experiências e vivências das comunidades e das culturas periféricas nas quais o rap teve origem.

O espaço de produção e difusão do rap foi um dos fatores que contribuíram para popularização do estilo musical. As periferias de São Paulo foram os nascedouros do movimento, no Brasil. O movimento consolidou-se na estação de metrô São Bento-São Paulo, onde havia pontos de rimas, os rappers se encontravam para competir com as letras que versavam sobre seus contextos sociais, mazelas em tons de protesto.

A produção de raps nas décadas de 80 e 90 era marcada por letras engajadas em pautas sociais, refletindo sobre o cotidiano das comunidades, promovendo protestos, críticas aos valores elitizados da sociedade por meio de arte produzidas nas periferias com o olhar de quem vivenciava uma realidade distinta das apresentadas pela mídia. Sobre as letras dos raps produzidos nessa época, Teperman 2015 diz que:

O que configurou as letras do período com fortes críticas sócias, além disso, um certo teor de aversão a ascensão social e valores “burgueses”, em contrapartida com os de “rua” defendidos por os grupos brasileiros da época em que buscavam a crítica, porém com um distanciamento “seguro” da mídia.

Com o passar do tempo, as dinâmicas sociais e a popularização do estilo musical supracitado fizeram com que a produção de letras de raps e os próprios moldes rígidos estabelecidos no primeiro momento pelo movimento passassem por flexibilizações. Essa flexibilidade perpassou inclusive a relação estabelecida com a mídia, visto que, para amplificar os discursos do movimento precisou-se da divulgação em veículos de massa para garantir uma inserção dos rappers na indústria fonográfica e buscar o prestígio para a arte produzidas nas periferias das grandes cidades.

## O QUEER RAP

Assim como sua matriz, o queer rap nasce nos Estados Unidos gerando um contra discurso e reivindicando o espaço no movimento predominantemente masculino. Assim, é importante salientar que, a masculinidade da qual trata-se aqui é de uma performatividade heteronormativa. O rap queer é uma vertente do rap que apresenta debates acerca das vivências da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis dentre outras expressões, identidades e orientações sexuais e de gênero.

Nos estados Unidos, um dos expoentes do Queer Rap, Lil Nas X é um rapper negro e abertamente gay, que tem apenas um álbum, mas grande expressividade no combate ao machismo e a LGBTfobia no movimento hip hop. Indicações prêmios por apresentar nas suas letras com uma linguagem própria temáticas densas de forma engajada além de flertar com outros estilos musicais. Montero, seu disco de estreia, tece algumas críticas sobre o sistema carcerário americano, fala das vivências de um jovem gay negro que vive a cultura hip hop em perspectiva diferente do estereotipo pensado para esse tipo de produção artística.

No Brasil, o precursor do movimento Queer rap é Rico Dalasam, um jovem também negro, oriundo de Tabuão da Serra- São Paulo. Dalasam lançou ao todo, seis trabalhos de forma independente, o EP “Modo Diverso”, o álbum “Orgunga”, “Balanga Raba”, o disco “DDGDA- Dolores Dala Guardiã do Alívio”, uma versão comemorativa de remix do ep “Modo Diverso” e “Fim das Tentativas”.

Outros artistas dão continuidade ao movimento queer no rap brasileiro. Mona Brutal, Danny Bond, Gloria Groove, Hiran e Quebrada Queer são artistas queers que trazem novas narrativas para a cena musical. Desses, o último apresenta uma formação interessante enquanto representação queer por ser composto por uma pessoa não binária, três homens gays, uma travesti e uma mulher lésbica. Respectivamente, Harley, Guigo, Tchelo Gomes, Murilo Zeyns, Luara e Apuk. O Quebrada Queer demonstra a partir da sua organização o conceito guarda-chuva alcunhado a todos que desobedecem às normas de gêneros e identidades sexuais. Tasmsin Spargo (1999), ao tratar do uso e ressignificação desse termo diz que:

Queer, em inglês, pode atuar como verbo, substantivo ou adjetivo, mas, em todos os casos, o interessante é perceber como um insulto passou a ser reivindicado como expressão de transgressão, agindo como marcador de oposição à norma ou à normalização, com o movimento Queer indo se fortalecer na abjeção para construir ferramentas críticas para confrontar aquilo que é dado como verdadeiro, normal e natural.

O fato de os queer rappers serem em sua maioria negros, de localidades periféricas e membros da comunidade LGBTIA+ atribuem a esse movimento um desprestígio social e conseqüentemente um preconceito que qualificam como sendo negativo tudo que se atribui a esses marcadores sociais, inclusive a linguagem usada no Rap.

Se observados pelo prisma da diversidade, as produções desses artistas são oportunidades de olhar numa outra perspectiva o movimento rap e verificar que se pode aprender a partir dessa vertente do estilo. Na linguagem por exemplo, muitos fatores podem ser encontrados, gírias, as construções sintáticas, a escolha lexical feita para compor letras, os discursos e a semântica do movimento hip hop. Só por elencar essa série de fatores, o rap e suas vertentes merecem atenção de estudiosos e teóricos dos mais variados campos da comunicação, linguagem e música.

O rap é a linguagem materializada em forma poética e musical, são ideias expressam por meio da língua usada em um contexto social. Portanto, é de interesse da Sociolinguística e da Análise do discurso, os fenômenos linguísticos produzidos pelos membros da cultura e seus contextos de produção, no sentido de enriquecimento das teorias para uma educação linguística que prever o queer como potencial expressivo, discursivo e analítico, presente nas mais diversas esferas da sociedade.

## O QUEER E A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

A educação linguística brasileira não pode ignorar as questões sociais, como a diversidade sexual e as identidades de gêneros, que são alguns dos fatores condicionantes de determinados falantes da comunidade de fala, visto que, nas teorias desenvolvidas e apontadas como basilares para os estudos sociolinguísticas, o gênero é apontado como um aspecto formador de variação e riqueza comunicativa.

Nesse aspecto, a título de ilustração do que é contemplado pela sociolinguística brasileira em termos de gênero, toma-se como exemplos as publicações de Bortoni-Ricardo (2004) e Coelho (2017). Nas obras citadas, essas temáticas são abordadas a partir do binarismo- masculino e feminino- e apresentam os traços linguísticos e a distinção dos falantes de acordo expressão desses papéis sociais. A autora da obra “educação em língua materna- a sociolinguística na sala de aula” aponta que:

As mulheres costumam usar mais diminutivos: “Trouxe esta lembrancinha para você”; é uma coisinha de nada. Usam também mais partículas como “né? ”, “está? ”, “está bom? ”, que são chamados de marcadores conversacionais e que cumprem várias funções na conversa. No caso dos marcadores que são mais usados pelas mulheres, eles têm principalmente a função de obter aquiescência e concordância do interlocutor. A linguagem dos homens, por outro lado, é mais marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas. Mas não se esqueça de que essas variações entre os repertórios feminino e masculino estão relacionadas aos papéis sociais que, conforme já aprendemos, são culturalmente condicionados. Diferenças entre o repertório masculino e feminino podem se verificar também no comportamento comunicativo não verbal, como a direção do olhar, a postura do tórax e da cabeça, os gestos, a aproximação entre os interlocutores etc.

A partir dos apontamentos da autora, é possível inferir que há traços linguísticos

esperados nas performances comunicativas masculinas e femininas, sejam elas verbais ou não-verbais, e ainda, que esses papéis sociais são culturalmente construídos. Logo, se há variação nas convenções já estabelecidas, as dinâmicas sociais e as transformações culturais sugerem variação também desses modos, podendo ser admitidas além do uso do diminutivo, marcadores conversacionais, para o falar feminino, ou ainda, outros recursos para o falar masculino, acrescidas as gírias, palavrões e palavras chulas. Há diversidade não só nos modelos linguísticos, mas nas categorizações condicionantes.

Coelho (2017) mencionando pesquisas que apresentam as forças que operam fora da língua, ao tratar do gênero enquanto condicionador do comportamento linguístico, de diz que:

...quanto à variação social relacionada ao sexo- gênero dos informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normalizadora da escola. Esses resultados, no entanto, requerem cautela, afinal, os papéis femininos e masculinos, nas mais diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações.

As concepções de gênero dos autores supracitados são categoria fincadas no binarismo e ajuda a traçar nortes ainda mais amplos, se considerar as dissidências de gênero, a categoria queer e o comunicar dos falantes dentro de uma ótica da diversidade, das expressões de gênero e sexualidades adotadas na contemporaneidade.

Na edição de 2018, do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, uma questão da área de linguagens chamou muita atenção da sociedade brasileira, por tratar do pajubá, um dialeto usado por travestis, que aos poucos foi incorporado por outros membros da comunidade LGBTQIA+. A questão citada solicita ao estudante o conhecimento acerca de características linguísticas de um grupo social. As críticas a previsão de temáticas como sexualidade e gênero deu-se num contexto social e político em que discursos equivocados e expressões como ideologia de gênero estavam em discussões. Sobre a abordagem de temas como esses, Mazzaro, (2021) salienta que: "...é graças a sua linguagem que as experiências são transmitidas e ocorrem as socializações e as acumulações. Não há, portanto, tema que não possa, por questões sociais, ser abordado pelos estudos da linguagem.

Nesse sentido, atentar aos usos da linguagem em contextos diversos, investigar as condições, os papéis sociais dos falantes e os fatores condicionadores de comunicação é muito relevante para educação linguística. Dessa forma, ignorar a existência de diversidade, do queer, nos estudos linguísticos é reforçar preconceitos e marginalizar a riqueza sociolinguística.

Isso posto, é muito significativo que estudiosos da área da linguística e dos estudos culturais têm realizado esforços para tecer algumas propostas de investigação sobre o queer em diversos campos. Na linguística, Mazzaro (2021), advoga em favor de uma educação

linguística queer. No teatro, whander Alipio Sulurico Silva, uma travestigenera, preta e afrotranseminista, que trata da corpa enquanto elemento cênico. No campo da música, os queer rappers do quebrada queer, que se colocam como sujeitos auto enunciadores dos discursos, temáticas e vivencias próprias.

## **ARTIVISMO, DISCURSO E QUEBRADA QUER**

A primeira vez que um trabalho acadêmico foi escrito para tratar sobre gênero e linguagem, levantou-se questões sobre as diferenças do comportamento linguístico entre homens e mulheres, a “*language and woman’s place*”, lançado 1975, por Robin Lakof, inaugura os estudos feministas que levam em consideração aspectos comunicativos. Nesses estudos verificou-se que enquanto mulheres se comunicam de forma cooperativa, homens se comunicam em estilo mais competitivos.

Esses comportamentos linguísticos competitivos assumidos a partir do gênero geram o desenvolvimento de status sociais, onde o masculino é tido como mais desenvolvido que o falar feminino, tendo em vista as teorias de déficit. Em 1980, com o desenvolvimento da perspectiva da dominância, homens ainda apresentam vantagens linguísticas e sociais em relação as mulheres. Já na terceira fase dos estudos linguísticos, na teoria das diferenças, as características linguísticas masculinas e femininas são justificadas pela forma como cada grupo foi socializado de maneiras diferentes. As constatações a partir desses estudos são que, ao longo do tempo, foram desenvolvidos alguns estereótipos com relação à linguagem e gênero. Cabe, nesse sentido, fazer algumas reflexões dos campos linguísticos, logo tudo que não assume essa forma normativa é estranho, socialmente culturalizados de formas diferentes.

Em todas as perspectivas das teorias linguísticas, assume-se que sim, há diferença entre as formas masculinas e femininas de comunicação, sempre numa visão binária, desconsiderando a existência de outras identidades de gênero e sexuais e que ao não considerar esses aspectos são gerados estigmatização dos falares, e desconhecimento dos interlocutores. “São as formas de assujeitamentos ideológicos que governam os mecanismos enunciativos”. Orlandi, 1999 p.54.

Quanto às questões queer, ainda sobre a teoria da diferença linguística, se considerados gênero e identidades sexuais e linguagens, a educação linguística queer é um campo de estudos interessante para investigar características comunicativas desse grupo, visto que, essa comunidade apresenta uma socialização diferente e desenvolve papéis sociais não pautados na cis heteronormatividade.

A princípio, as questões queer era associada de forma pejorativa e utilizada como termo vexatório e xingamento. Segundo Silva (2020), queer, em termos de uma etimologia anglófona, guarda relações de sentido com “excêntrico”, “estranho”, “desajustado”. Os debates com relação à constituição, delimitação dos debates acerca dessa temática

ganham fôlego e no Brasil a partir da perspectiva política e logo após como questão com relação à crise de HIV/AIDS, em 1980. Os discursos produzidos tendo como referentes membros da comunidade LGBTQIA+ eram prejudiciais e geravam conflitos com relação as leituras sociais desse grupo. Tal fato, gerou uma estigmatização e preconceitos ainda muito arraigados socialmente, impedindo muitas vezes a inserção de pessoas queers em espaços de poder social.

Em contrapartida aos discursos preconceituosos, pejorativos e equivocados, nota-se cada vez mais uma organização de sujeitos queers em busca por direitos civis, ocupação e participação de espaços de poder afim de garantir seguridade democrática, equiparação e reparação histórica. O caminho a percorrer em busca de reparação, aceitabilidade discursiva para tratar de assuntos a partir do contexto cultural que compreende mesmo que ainda de forma embrionário, diversidade culturais, sexuais e portando os discursos construídos e verbalizado sobre a ótica de quem vivência e experiência.

A chamada militância em favor dos grupos minorizados vem acontecendo em várias esferas sociedade, política, estudos acadêmicos e nas artes. No que se refere à arte, a música é uma área que merece destaque, pois tem um alcance exponencial, de fácil acesso e uma linguagem de melhor compreensão. Cavalcanti (2017) assevera que, “apesar das discussões de gênero, sexualidade e temas afins terem começado a ganhar maior força nos últimos anos, ainda são temas pouco explorados na área da música”.

As produções musicais atuais vinculadas à artistas LGBTQIA+ são obras de ativismo, à medida que se constituem por meio de elementos da vivencia dessa comunidade de forma artísticas, estéticas e performáticas. As temáticas abordadas têm caráter reivindicatórios a partir do lugar de fala auto enunciativo, e, portanto, autorizado e legitimado pelos pares. É importante que se diga, para a produção artista queer, “o sujeito está para o discurso assim como o autor está para o texto. Se a relação do sujeito com o texto é a dispersão, no entanto a autoria implica em disciplina, organização, unidade”. Orlandi, (1999, p. 73)

Dessa forma, este trabalho, ao analisar a produção do grupo Quebrada Queer, leva em consideração os sujeitos produtores dos discursos, sua socialização e contextos de produções, pois estes são elementos que auxiliam na constituição da enunciação, na escolha da linguagem, nos temas abordados do queer rap brasileiro e conseqüentemente na concepção da análise aqui proposta.

Nesse sentido, o enunciador queer rapper goza de abertura socialmente ainda que limitada para construções enunciativas, ao tempo de que o interlocutor, sendo queer, identifica-se com o que é dito e toma consciência da possibilidade de ser replicador e construtor de novos enunciados mais subjetivos. Por outro lado, ao receptor não querer, por não ter vivência próprias desse grupo, é possibilitado o contato com a materialização discursiva, e a experiência de buscar compreender a partir do lugar de escuta da queer culture. Nas palavras de Orlandi (1999),” o discurso é efeito de sentidos entre locutores”.

## DISCUSSÃO DOS DADOS

A música analisada foi lançada pelo grupo Quebrada queer, no canal do YouTube Rap Box, no dia 14 de junho de 2018, e conta com 4.587.724 ao longo dos quatro anos. O Rap box é considerado um dos canais mais influentes, que congrega vários artistas do rap que produzem de forma independentes e orgânica. O grupo de rap queer é o primeiro a fazer um lançamento com temática LGBTQIAP+.

Cypher é uma reunião de Mestres de Cerimonias com o intuito de gravar músicas no estilo rap com rimas complexas alternando entre si com uma temática proposto na hora da batalha. Alguns mc's brasileiros têm feito alguns lançamentos nesse formato. O grupo Quebrada Queer é o precursor do rap queer, conhecido por lançar “a primeira cypher gay”. Por ser pioneiro no movimento hip hop, é relevante investigar as características, os discursos e os sujeitos que a produzem essa vertente do hip hop.

A música intitulada “quebrada queer” tem duração de seis minutos e marca o batismo do grupo de mc's que a lançou. Nela Guigo, Murilo Zyess, Harley, Luara Boombeat, Tchelo Gomez e a dj Apuk se alternam em dezessete estrofes, mais conhecidas como versos, no mundo do rap. Nas análises apresentadas a seguir, foram selecionados trechos que permitem a observar as particularidades na construção da obra artística do conjunto de queer rappers numa perspectiva dos discursos de ativismo queer, negro, periférico a partir da arte.

Batendo palma, eu te vi resistir  
Mas vi daqui, que enquanto você chora eu canto pra subir  
Se a minha pele é o que incomoda, eu te convido a vir vestir  
Mais quente que o Saara  
Eu queimo o céu e faço o mar abrir  
(Quebrada Queer,2018)

No trecho da música cantada por Guigo, é possível inferir que os versos tratam sobre a negritude enquanto fator social, e que muitas vezes gera preconceitos de alguns grupos e incomodo, em que “se minha pele é o que incomoda, eu te convido a vir vestir”, há um chamamento para atenção às questões étnicas e as diferentes vivencias a partir do marcador social negro. O verso “batendo palma, eu te vi resisti” há uma ambiguidade, em que o termo “resistir”, ao mesmo tempo que representa uma postura de oposição as questões apresentadas na canção, a exemplos das temáticas queers e negras, e também não sucumbir aos sistemas opressores que silenciam e marginalizam determinados grupos sociais.

Vida cinzenta seguida de um longo inverno  
Muito bem preenchida, somente com amor materno  
Entrando em paz com todos meus sentimentos internos  
Desvio de alguns crentes que dizem que eu vou pro inferno  
É que com um leão por dia me fez um guerreiro  
Não tô disposto a me calar pra agradar terceiros

Por existências que estavam trancada em cativoiro  
Herança disso tudo é paz, e eu sou herdeiro  
(Quebrada Queer,2018)

No verso cantado por Murilo Zyess, os enunciados trazem marcas das vivências periféricas, abandono afetivo parental por parte da figura paterna, e uma exaltação à afetividade materna. Além da incorporação de um contra discurso religioso de condenação a partir do afastamento da fala. É possível inferir ainda uma postura militante do enunciador, quando se põe como guerreiro, não ter pretensão de se sujeitar a agradar terceiros em função de não vivenciar sua existência em plenitude e herdar paz.

Subestimado desde meu primeiro verso  
Eles disfarçam bem, são tipo lobo em pele de cordeiro  
Mas tô atento, pro opressor eu não disperso  
Minhas rima inseticida, preconceito deles, formigueiro  
MC's de verdade não desejam sociedades sem diversidade  
Recupere o seu bom senso  
Repense bem nos fundamentos sendo verdadeiro  
Vai ter bicha no rap sim! E eu nem sou pioneiro (Quebrada Queer,2018)

Os versos acima demonstram o rap como um espaço reprodutor de opressões sociais, apesar de em princípio parecer um meio progressista, visto que, também foi durante muito tempo marginalizados pelas camadas socialmente privilegiadas, nos grandes centros urbanos. Há ainda construções metafóricas para tratar de preconceito velados ou não explicitados, como no verso “são tipo logo em pele de cordeiro”. É possível ainda, perceber um discurso de empoderamento quando o rapper versa “mas tô atento, pro opressor eu não disperso/ minha rima inseticida/preconceito deles, formigueiro”. Nos últimos quatro versos da estrofe, são feitas reflexões em tons declarativos acerca do movimento rap, posturas dos rappers e os fundamentos do estilo musical e em especial à diversidade dentro segmento cultural evidenciados no último verso, “vai ter bicha no rap sim! E eu nem sou pioneiro”. Contestando lugar dentro do movimento e exaltando o pioneirismo precursor do queer rap brasileiro de Rico Dalasam.

Nóis tá aqui por cada bicha com a vida interrompida  
Por causa de homofobia, ódio e intolerância  
Resistimos no dia a dia  
Pra poder chegar o dia que prevaleça respeito, igualdade e esperança  
(Quebrada Queer,2018)

O grupo coloca-se enquanto porta-voz contra homofobia, grupo de resistência contra opressões sociais vivenciadas pela comunidade LGBTQIAP+ tendo como extremo a perda da vida por suas existências. Nesse sentido, a arte do grupo Quebrada Queer pode ser considerada o que se chama de “ativismo”, um ativismo por meio da arte em que os sujeitos discursivos enunciam a partir de um lugar cultural e sob a ótica de quem vivencia as mazelas e violências na sociedade.

De onde eu venho, é fome e medo de ficar na mesma

Não caber na própria casa  
Sai pro mundo e não cabe no mundo  
Não cabe em verso cada tapa, momentos, fraqueza  
Muitos anos de revolta desse jogo sujo  
(Quebrada Queer,2018)

No trecho acima, há a ratificação da realidade das periferias brasileiras, espaços onde insegurança alimentar, e de muitas outras formas diversas de opressões e falta de ações que muitas vezes não são asseguradas e falta de perspectivas de ascensão social. Da mesma forma, o sujeito lírico é apresentado como um ser deslocado, não cabendo no aconchego representada pela casa, nem na vastidão do mundo em sociedade. Nos dois últimos versos da estrofe o rap ganha cunho metalinguístico, em que se fala do lugar de sujeito atravessado por toda dinâmica da favela e não ser possível expressar por meio dos versos do rap as vivências violentas experienciadas. Segundo Macedo (2019) p.12 É a partir desses bairros, onde os problemas sociais se fazem sentir de forma mais acentuada, que se produz grande parte do rap que hoje se ouve no país.

Não é guerra do sexo, homofobia chama  
Atitude que brota de manos, minas e monas  
Sem torcer o nariz, meu rap que clama, soma  
Rap de bicha preta  
Boombap enlouquece e toma  
(Quebrada Queer,2018)

Na sequência, no verso da cantora- travesti Luara Bombeat, ao referir-se aos posicionamentos discursivos marcados pelas vivências queers, ela diz, “não é guerra dos sexos”, que o movimento LGBTQIAP+ não é um discurso em oposição aos gêneros e identidades de sexuais padronizadas na heterossexualidade, mas, contra as opressões e violências realizadas a partir desses marcadores sociais, a homofobia. Porém, é importante ressaltar que alguns desses comportamentos podem ser reproduzidos dentro da comunidade queer, a chamada homofobia internalizada. Pertencer à comunidade não isenta nenhum sujeito de enunciações problemáticas. Ao final da estrofe, nos três últimos versos, mais uma vez, é reforçada a ideia do queer rap enquanto manifestação artística ativista produzido por bichas pretas. Embora para muitos teóricos não pareça interessante analisar discursos em que os posicionamentos dos sujeitos enunciadoreis são declarados, ao propor análise do discurso queer implica ainda numa prova da existência queer rap, suas vivências e as construções enunciativas a partir de diversos aspectos culturais. Além disso, a utilização do termo bicha, que a priori era utilizado de forma pejorativa como xingamento para homens gays, foi resignificado e incorporado ao léxico LGBTQIA+ como um termo de orgulho e exaltação.

Me empoderei, vai vendo  
Pro sistema eu não me rendo  
Que impõe “é isso, aquilo”  
Sabe o que eu faço? Aquendo

Não vim só pra cantar, nem vou me redimir  
Vim jogar na sua cara: O que cê diz ser mimimi  
Segura meu flow, aguenta o meu bonde  
Samba com soul, não guenta, se esconde  
Pantera negra eu sou  
Não devo mas cobro, honey  
No afrontamento eu vou  
Bitch, better have my money!  
T-C-H-E-L-O  
(Quebrada Queer, 2018)

Nesse trecho da cypher, são utilizados termos peculiares, a exemplo das palavras “empoderei”, munir-se de poder, “sistema”, representando os conjuntos organizacionais morais, sociais e políticos, a que os cidadãos são subordinados e “mimimi”; uma onomatopeia utilizada pejorativamente para caracterizar pessoas que protestam retirando o impacto e importância dos discursos proferidos por elas. Nota-se o uso de um léxico típico da chamada militância. Há ao longo da estrofe uma mescla estilística das escolhas lexicais, ora opta-se por uma linguagem engajada na militância, em outro momento, usa-se palavras e construções informais, ou ainda, utiliza-se de estrangeirismo como em “Bitch, better have my money!”, “flow” e “honey” como forma de enriquecimento da letra de música, que ganha a partir da referência ao título de uma canção da cantora pop Rihanna caráter intertextual. Ainda sobre os termos utilizados na canção, no quarto verso, é utilizada o verbo “aquendo”, esse termo tem origem dentro do pajubá, um dialeto criado por travestis que para se comunicar entre elas sem serem entendidas por outras pessoas, misturaram palavras de origens iorubá e indígenas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos expostos, este trabalho objetivou discutir o queer rap enquanto manifestação de ativismo a partir da construção discursiva, temática e dos marcadores sociais enquanto condicionadores da produção artística do grupo Quebrada Queer. Nessa perspectiva...O trabalho efetivou o esperado, pois faz um levantamento do movimento hip hop, seu histórico produtivo atravessado pelo contexto social, inclusive as reflexões feitas acerca das dissidências e desobediência de gênero e sexualidade.

Foi visto que a cypher do grupo Quebrada Queer por apresentar temáticas que marcam a vivência da comunidade LGBTQIA+ a partir do lugar cultural em que os queer rappers são sujeitos auto enunciadores dos seus discursos, dialoga com o movimento do rap reivindicando espaço para uma vertente do rap que levem em consideração pautas que rompam com a reprodução de preconceitos e constituam novos elementos de a serem considerados na defesa do estilo musical. Uma postura em que a arte ganhe status de ativismo em defesa da diversidade tirando estereótipo marginal atribuído ao movimento hip hop. Foram discutidas ainda a questão linguística, o gênero enquanto condicionador

comunicativo e uma nova abordagem da educação linguística que consideram o queer enquanto elemento a ser debatido.

Dessa forma, os debates aqui levantados contribuem com construção teórica para estudos sobre ativismo, produção do queer rap e o discurso dessa vertente desse estilo musical que se mostrou valioso como campos de investigação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Loren Tessy. O rap nacional: origens, “velha escola” e a “nova escola” In: das Amazônias, Rio Branco – Acre, v.1, n.1, (ago-dez) 2018, p. 63-67.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula.- São Paulo: Parábola Editorial,2004.

COELHO, Izete Lehmkul. et al. Para conhecer sociolinguística. 1ªed.- São Paulo: Contexto, 2018.

LOUREIRO, Bráulio, o ativismo de reppers e o “progresso intelectual de massa”: uma leitura gramsciana do rap no Brasil. Revista Histedbr. Campinas, v.17, n.2 [72], p.419-447, abr./jun. 2017

MACEDO, Lurdes. et.al. “Eu sou um cidadão, brada1”. O Rap como forma de ativismo em Moçambique? Braga, Portugal 2019 Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/330716882\\_Eu\\_sou\\_um\\_cidadao\\_brada\\_O\\_Rap\\_como\\_forma\\_de\\_artivismo\\_em\\_Mocambique](https://www.researchgate.net/publication/330716882_Eu_sou_um_cidadao_brada_O_Rap_como_forma_de_artivismo_em_Mocambique)

MAZZARO, D. Por uma educação linguística queer: estranhando conceitos e práticas. Gragoatá, Niterói, v.26, n.56, p. 1052-1084, 2021. <https://doi.org/10.22409/grag> HYPERLINK “<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49224>”o HYPERLINK “<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49224>”ata.v26i56.49224

MELLO, C. C.; PINTO, C.A.V. A Linguagem do Rap como resistência à(s) norma(s) Revista Porto das Letras, Vol. 06, Nº 01. 2020 Estudos em variação linguística: teoria, métodos e descrição de variedades brasileiras.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes,1999.

QUEBRADA QUEER, Quebrada Queer. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/quebrada-queer/quebrada-queer/>.

SILVA, D. da C. P. Queer: o insulto, os movimentos e as linguísticas. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1482. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1482>. Acesso em: 20 set. 2022.

TEPERMAN, R. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

# REFLEXÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM TEMPOS DE MÍDIAS DIGITAIS

*Data de aceite: 01/03/2023*

### **Adelcio Machado dos Santos**

Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC).

Docente, pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Caçador, Santa Catarina, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

### **Inês Staub Araldi**

Doutora em Teoria Literária pela UFSC. Período sanduíche na IUAV em Veneza, Itália. Professora e pesquisadora no Mestrado Profissional em Práticas Transculturais no Centro Universitário FACVEST. Líder do Grupo de Pesquisa Novas Tecnologias no Processo Ensino/Aprendizagem (NOTEN). Coordenadora do Grupo de Trabalho em Letras e Linguística da Associação Latino-Americana de Ciências e Tecnologias (ALAC)  
<https://orcid.org/0000-0002-2595-4594>

de letramento em tempos de mídias digitais, e a sua relação com as habilidades a serem desenvolvida. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, não surgiram em decorrência do setor educacional, são processos interdependentes e complementares quando o assunto é a linguagem contemporânea. As habilidades e competências requeridas são diferentes, quando o uso da linguagem se dava através da fala/escuta, leitura/escrita. O multiletramento trata além das linguagens e funcionalidades, na era digital a interação humana, experencia o reinado da imagem. Concluimos que as mudanças advindas do letramento digital e multiletramento, decorrentes do uso das tecnologias da informação que se fazem sentir ao longo do percurso. No que diz respeito ao ensinar e ao aprender, até o momento, convivemos com a coexistência de métodos e de meios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Letramento. Letramento digital. Multiletramento.

### CONSIDERATIONS ABOUT LITERACY PRACTICES IN DIGITAL MEDIA TIMES

**ABSTRACT:** The study is a research about

**RESUMO:** O estudo é uma pesquisa sobre conceitos fundamentais no processo ensino aprendizagem com a utilização das práticas

fundamental concepts in the teaching-learning process with the use of literacy practices in times of digital media, and its relation to the skills to be developed. Digital Information and Communication Technologies have not emerged as a result of the educational sector, but are interdependent and complementary processes when it comes to contemporary language. The skills and competencies required are different, when language use was through speaking/listening, reading/writing. Multilingualism deals with more than just languages and functionalities; in the digital age human interaction experiences the reign of the image. We conclude that the changes arising from digital literacy and multilingualism, resulting from the use of information technologies are felt along the way. As far as teaching and learning are concerned, so far we coexist with the coexistence of methods and media.

**KEYWORDS:** Literacy. Literacy. Digital literacy. Multilingualism.

## 1 | INTRODUÇÃO

Dizer que nós vivemos na era da polarização tecnológica, que nos encontramos radicados em um período particular da história da humanidade em que tudo se transforma com rapidez inacreditável e que, por isso mesmo, é quase impossível acompanhar as principais tendências diretamente relacionadas com o nosso dia a dia, é ser redundante. Na vida e no trabalho, todos nós já percebemos isso. Em um constante comprar e trocar, o que temos se torna obsoleto, e o que sabemos, já não basta.

Neste processo, muitos são excluídos por não poder comprar, outros por não saber manusear, outros ainda, por não poder acompanhar as tendências por falta de tempo, de conhecimento, de interesse, e assim por diante. Não apenas os programas que fazem funcionar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), ou os equipamentos que lhes dão suporte, necessitam de atualizações constantes. (SILUS *et al.*, 2020).

Os autores ainda expressam a preocupação com o sentimento generalizado que sentimos, a partir do fechamento educacional durante a pandemia do coronavírus, demonstrada pela necessidade na aquisição de equipamentos mais potentes e funcionais, seja pela atualização de conhecimentos necessários ao manuseio, seja para evitar uma perda de tempo educacional.

Muitos dos recursos voltados as TDICs adentram as nossas casas e as unidades educacionais, o processo ensino-aprendizagem, no sentido amplo da expressão encontra-se impactado, e este impacto precisa ser discutido. Silus *et al.* (2020), apontam alguns aspectos como, o uso excessivo das TDICs; dificuldades de docentes e discentes em seu manuseio; a criação além, da expectativa prática de seu uso para a eliminação do ensino presencial; dificuldades socioeconômicas para aquisição dos componentes; horizontalidade da relação professor – aluno – professor e o letramento digital.

A TDICs não foram criadas exclusivamente para o ensino – aprendizagem, mas para resolução de inúmeros problemas de informação. São componentes como o computador, o telefone celular, televisão, entre outros, entretanto, não estão disponíveis a todos e a todo momento. Conceição; Santos (2022), colocam que as TDICs são consequência da

quarta revolução industrial, que a ideia de pensarmos que vivemos em um mundo digital e tecnológico é perigosa, já que a realidade é o oposto.

No Brasil, 39% dos alunos que frequentam o ensino público não têm computador em casa, mas 98,6% dos brasileiros possuem ao menos um telefone celular, 46,2% possuem um computador e 31,9% possuem uma televisão. (IBGE, 2019).

Neste trabalho, partimos do princípio de que as formas de uso da linguagem e os meios de aquisição, através dos quais a linguagem circula nos diferentes contextos, influencia os processos de ensinar e de aprender. Consequentemente, as grandes mudanças que ocorrem nos meios, através dos quais a linguagem circula, suscita debates teóricos que reelaboraram conceitos como o de alfabetização, letramento, letramento digital e multiletramentos. (IMPERADOR, 2021).

Os conceitos acima mencionados são fundamentos importantíssimos nos processos que contemplam o ensinar e o aprender, isto porque a linguagem, em suas diferentes formas – oral, escrita, de sinais, imagética, multimodal – é o mecanismo fundamental e necessário para dar forma ao pensamento, torná-lo compartilhável. (GRANDE, 2021).

A linguagem é o instrumento pelo qual os demais conhecimentos se tornam acessíveis e compartilháveis, daí sua relevância no processo ensino-aprendizagem. É ela também, é um objeto de estudos.

## 2 | OS MULTIMEIOS DIGITAIS E O MULTILETRAMENTO

Se, como afirma Pierre Lévy (1993), a estabilidade das instituições, dos dispositivos de comunicação, das formas de fazer, das relações com o meio ambiente natural e das técnicas em geral, se deve a algumas formas de ver e agir compartilhadas por grandes populações durante certo período de tempo, então o surgimento de novos dispositivos e novas formas de fazer desestruturam esta estabilidade.

Quando uma circunstância como uma mudança técnica desestabiliza o antigo equilíbrio das forças e das representações, estratégias inéditas e alianças inusitadas tornam-se possíveis. Uma infinidade heterogênea de agentes sociais exploram as novas possibilidades em proveito próprio (e em detrimento de outros agentes) até que uma nova situação se estabilize provisoriamente, com seus valores, suas morais e sua cultura locais. Neste sentido, a mudança técnica é uma das principais forças que intervêm na dinâmica da ecologia transcendental. A técnica não é sinônimo de esquecimento do ser ou de deserto simbólico, é, ao contrário, uma cornucópia de abundância axiológica, ou uma caixa de pandora metafísica. (Lévy, 1993. p 16).

O desenvolvimento constante de TDICs vem transformando os modos de elaborar e compartilhar mensagens, textos e informações de modo geral. (BARTOLOMÉ *et al.*, 2021). O fato pode ser considerado como o surgimento de uma nova técnica, no sentido em que esta é concebida por Lévy. Lembramos, porém, que esta nova técnica não surgiu em decorrência de uma necessidade do setor educacional.

Nem os aparelhos através dos quais as informações circulam, nem os recursos utilizados na elaboração e no compartilhamento das informações, foram desenvolvidas com a finalidade de atender a uma demanda do setor educacional. A grande maioria dos recursos digitais foram desenvolvidos com a finalidade de atender ao mercado e ao público consumidor de uma forma geral, e é, desta forma, explorados pelos diferentes agentes sociais, em detrimento de todos aqueles que, por uma ou outra questão, se encontram impossibilitados de acompanhar as tendências que são implantadas em função da disponibilidade dos novos meios. (ALVES; FERRETE; SANTOS, 2021).

Entretanto, como uma parte dos recursos aos quais nos referimos veio para modificar tanto a forma de produção de mensagens, textos, informações em geral, quanto os meios de circulação deste conteúdo, estes recursos se fazem presentes no contexto e ambiente educacional, e o transformam significativamente.

Podemos considerar o uso das TDIC no setor educacional uma aliança, no sentido atribuído ao termo por Lévy, mas esta aliança não é tão inusitada, certamente. A produção técnica e a tecnologia estão intrinsecamente ligadas pelos agenciamentos societários e aos projetos políticos. As TDIC, como técnica de comunicação e artefatos tecnológicos, devem servir a sociedade pautada em princípios éticos, entretanto assistimos a dinâmica capitalista em todos os campos. (MARFIM; PESCE, 2019).

O objetivo da escola é ensinar o aluno a ler o mundo, como defendia Paulo Freire (1974), então todos os eventos de letramento são objeto de estudo, inclusive o letramento digital. Da mesma forma, todos os recursos disponíveis podem se tornar meios para atingir este objetivo. E é neste interstício entre o que se ensina na escola e o que é imprescindível aprender que o conceito de letramento se desdobra e se ramifica.

Desta forma, podemos considerar que, em um processo de apropriação de conhecimentos, a alfabetização e os multiletramentos são processos interdependentes e complementares quando o assunto é a linguagem contemporânea. A funcionalidade das mídias digitais e a necessidade de domínio de seus recursos em função de seu uso prático em atividades cotidianas tais como ir ao caixa eletrônico, mandar mensagens de voz ou de vídeo, acessar serviços disponibilizados através de aplicativos como aqueles prestados pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INSS), Departamento de Trânsito (DETRAN), acompanhar ou ministrar aulas *online*, realizar compras, agendar consultas, entre tantas outras situações.

Portanto, torna-se necessário um tipo de conhecimento que já não cabe no contexto escolar, mas que mesmo assim precisa fazer parte dele, sob pena de marginalizar pela ignorância àqueles que não tem outra forma de acesso aos meios digitais. (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

## 2.1 Letramento digital

As habilidades e competências requeridas pelo usuário das tecnologias digitais

voltadas à comunicação são diferentes daquelas utilizadas anteriormente, quando o uso da linguagem se dava através da fala/escuta, leitura/escrita. As multiformas da comunicação atual requerem um conjunto de recursos multifuncionais cuja aplicação nos processos de ensino e aprendizagem não havia sido anteriormente discutida, no campo teórico, através dos conceitos de alfabetização e/ou letramentos.

Desta forma, entre os teóricos que debatem o tema, surge o conceito de letramento digital. O tema, ainda, carece de uma definição mais precisa acerca de sua abrangência e aplicabilidade prática. Embora, o eixo central quase sempre seja o mesmo, podemos encontrar variações significativas entre os teóricos.

Para Marfim; Pesce (2019), o letramento se encontra ligado à cultura digital, a integração das TDIC ao processo de ensino – aprendizagem, devemos fracionar e estabelecer claramente os conceitos de alfabetização, letramento e desenvolvimento intelectual.

O letramento pode assumir o conceito de domínio digital e capacidade intelectual de mídias, assim sugere-se que,

O letramento digital significa o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo possuidor de letramento digital necessita de habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras que se conectam a outros textos, por meio de hipertextos, *links e hiperlinks*; elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais). Ele precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais. (AQUINO, 2003, p. 1-2).

Em sentido mais restrito, o termo costuma ser utilizado para fazer referência às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, refere-se à escrita e leitura de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares, *e-reader* e *tablets*, ou em plataformas como as que dão suporte aos e-mails ou para as redes sociais na *web*. Nos últimos anos, vem aumentando a leitura *online* ou a utilização de leitura em dispositivos de telas em suas diferentes formas, totalizando 23% de busca por livros em leitura virtual e 43% em livraria física. Vale lembrar, que 52% dos brasileiros são leitores, 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro físico. (RODRIGUES, 2016; CENPEK, 2020; GEEK, 2022).

Neste sentido, podemos considerar letrado digital o indivíduo que sabe se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. Mas, se considerarmos as práticas comunicativas ambivalentes dos ambientes virtuais, então ser letrado digital também, implica em tornar-se habilidoso na interação através dos aplicativos de *software* de videoconferência, o que por sua vez implica em dominar técnicas de comunicação virtual e apresentações *online*. (FRANCISCO *et al.*, 2019). Estas, por sua vez, podem requerer a produção de vídeos e outros audiovisuais, o

que pode levar a necessidade da criação de *sites*, *blogs* e assim por diante.

Na vida prática, ser letrado digital pressupõe desenvolver a habilidade de dominar os recursos tecnológicos necessários para realizar as operações bancárias, compras *on-line*, serviços de transporte, etc. Requer, portanto, aprendizagem contínua e, mesmo assim, esta provavelmente será sempre insuficiente. Isto porque, tanto os suportes materiais que os comportam, quanto os avanços tecnológicos dos recursos de comunicação que se valem das tecnologias digitais estão sempre em constante atualização. (ALMEIDA *et al.*, 2021).

Desta forma, o conceito de letramento digital ultrapassa os umbrais das instituições escolares e já não está mais restrito a um público específico. Todo aquele que faz uso da tecnologia digital é um aprendiz, e poucos possuem as competências de fazer uso de todas as possibilidades que as mesmas nos oferecem.

No que diz respeito às competências da escola no letramento digital, podemos dizer que a alfabetização e o letramento são conceitos que permanecem diretamente relacionados ao processo ensino-aprendizagem que, presumidamente, continua sendo de responsabilidade da escola. (ALMEIDA *et al.*, 2021). O letramento digital, como se pode perceber, está mais diretamente relacionado ao uso das TDIC, por isso que atinge a todos, estejamos ligados de alguma forma ao processo educacional ou não.

O que é inegável, no contexto atual, é que o uso da linguagem através das TDIC nos coloca impreterivelmente diante da necessidade de empregar novas práticas de letramentos. O processo de virtualização, potencializado pela *internet*, concede nova forma aos fragmentos de escrita em circulação atualmente.

O nosso cotidiano é composto de um abundante universo sógnico, que cresce exponencialmente na era virtual. Já não vivemos em um mundo no qual a comunicação se dá prioritariamente através da palavra falada, escrita ou impressa. (PASSINHO, 2018). Percebe-se facilmente a presença cada vez mais impactante das imagens em todas as formas de interação que se dá através de códigos binários. Consequentemente, os estudos da linguagem, que antes tratavam da oralidade, da leitura e da escrita, se deparam com uma variedade em constante mutação de formas de produção, veiculação e apropriação de conteúdo da mensagem.

## 2.2 Multiletramento

O novo papel de “usuários” das TDIC nos exige habilidades diferenciadas e mutáveis, que necessitam adequar-se a cada nova atualização. E foi a percepção desta mutabilidade acelerada e constante das formas de comunicação que fez o *New London Group* (GNL), forjar o termo multiletramentos, em 1996, conforme informações de Rojo & Moura (2019). Se as tecnologias digitais estão em constante atualização, e se estas tecnologias adentram definitivamente nosso cotidiano, então estamos todos diante da necessidade premente de dominar,

[...] um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. (LÉVY, 1999, p. 17).

O conjunto de técnicas e práticas a que se refere Lévy (1999), está relacionado ao uso que fazemos da rede mundial de computadores, e a necessidade de nos familiarizarmos com seus recursos caminha *pari passu* com a informatização de serviços essenciais. Uma vez que os aplicativos são utilizados para atender as necessidades básicas como o provimento de uma refeição, a solicitação de transporte, tele entrega de medicamentos, transações bancárias, emissão de documentos, entre tantas outras possibilidades, já não temos escolha a não ser a apropriação satisfatória destes recursos. Não se trata apenas das novas formas de comunicação, mas de um novo estilo de humanidade.

O sistema monetário chinês, que caminha aceleradamente rumo à transição que substituirá a moeda, os cartões de crédito e débito, enfim, todas as formas de representação de valor monetário precedente, em dinheiro digital. Um exemplo, para um chinês fazer pagamentos de qualquer natureza, basta escanear um código de barras (QR). Por ser prático e eficiente, o sistema rapidamente caiu na preferência dos usuários, e a moeda digital já substituiu o dinheiro vivo e os cartões magnéticos, que caem em desuso. (NINIO, 2010).

Os mais tecnológicos comemoram, mas é fácil perceber que o novo sistema cria um problema para aqueles que não tem acesso ou que não estão familiarizados com as tecnologias. (ALVES *et al.*, 2021). Grupos sociais como os idosos e os menos favorecidos, todo aquele que por uma ou outra razão não possua um *smartphone* com acesso à rede, ou os que simplesmente não se adaptam a esta forma de gerenciar a vida financeira, passam a ter limitações de acesso a certas transações. E aparentemente não há nada a ser feito. Mais cedo ou mais tarde a modalidade se alastra, ganha o mundo, avança, à revelia de quem possa preferir o sistema antigo.

No Brasil, o exemplo mais próximo e recente disso é o Pix. Criado pelo Banco Central, o sistema de pagamentos eletrônicos do Brasil foi lançado oficialmente no dia 05 de outubro de 2020 e teve o início de seu funcionamento integral em outubro do mesmo ano. Prático, ágil e eficiente e com um argumento imbatível: não cobra taxas para realizar a operação, a ferramenta caiu no gosto do público. Segundo estatísticas do Banco Central, em março de 2021 o sistema contou com 200.000.000 de chaves cadastradas e um volume de 400.000.000 transações realizadas. (BCB, 2022).

A explanação anterior tem o objetivo de evidenciar que, na vida prática, o conceito de multiletramento já não pode tratar apenas das linguagens e suas funcionalidades. Ao indivíduo contemporâneo é exigido ler, ouvir, assistir e elaborar textos, utilizando elementos diversos semióticos e bases de valores políticos, sociais, morais, culturais, entre outros. (SOUSA, 2019). É indispensável que abranja todo um contexto que envolve as múltiplas

relações que se estabelecem e se movimentam em torno da rede mundial de computadores.

Se antes da era digital o alfabeto capitaneava o processo de interação humana, experienciamos na contemporaneidade o reinado da imagem. É cada vez maior a necessidade de lermos os ícones na área de trabalho dos aparelhos eletrônicos, e os *emoticons* que concorrem com as simplificações da escrita nas mensagens.

Estamos diante de um fenômeno de comunicação, cujas regras se ditam mais pelo entendimento da mensagem e da agilidade com que pode ser compartilhada do que pela correção gramatical da mesma, daí a proliferação de símbolos que substituem frases inteiras, de imagens que pretendem expressar emoções, ações e reações humanas, da imensidão de cores e bandeiras que representam os mais variados grupos. Cada uma destas imagens é de uma simbologia que merece estudo à parte, mas elas entram soberanas na linguagem do dia a dia e, a nosso modo, todos parecemos realizar satisfatoriamente o processo cognitivo de atribuição de significado.

Para Souza (2019), as práticas sociais fomentaram as relações no âmbito da *internet*, a necessidade de interagir leva os indivíduos a buscar os seus iguais ou os seus grupos/iguais, através de um “texto” próprio. Trata-se de um novo sistema de escrita, ou melhor, é o surgimento de uma nova estratégia ou de uma técnica de comunicação, que surge em resposta às transformações provocadas pela tecnologia em nosso modo de vida anterior.

A esta pluralidade de linguagens que circula em multimeios, como *blog*, *Facebook*, *Twitter*, *entre outros*, os teóricos respondem com um conceito tão amplo e expansivo quanto o próprio contexto que o origina. Reunidos em Nova Londres (EUA), em 1996, um grupo de pesquisadores americanos e australianos, conhecidos como o *New London Group* (GNL) cunha o conceito de multiletramentos.

Os pesquisadores do GNL ressaltavam que os textos, em parte devido ao impacto das novas mídias digitais, estavam mudando e já não eram mais essencialmente escritos, mas se compunham de uma pluralidade de linguagens que eles denominaram multimodalidade. Para eles, o mundo estava mudando aceleradamente na globalização: explosão das mídias, diversidade étnica das populações em trânsito, multiculturalidade. Isso tinha impacto não somente nos textos, que se tornavam cada vez mais multimodais, mas também na diversidade cultural e linguística das populações, o que implicaria mudanças necessárias na educação para o que chamariam de multiletramentos. (ROJO; MOURA, 2019, p. 19-20).

É inegável que o GNL fez uma leitura pertinente acerca das modificações da linguagem através da sua circulação pelos multimeios. Chamamos a atenção, no entanto, para o fato de que o surgimento de novas técnicas não significa que as anteriores se tornam obsoletas e que não são mais necessárias.

O termo alfabetização continua a ser usado em referência ao processo que inicia o aluno no universo letrado. (LUSTOSA; SOUSA, 2018). O código da escrita, composto pelas letras, se confunde com o conceito porque as letras estão na base da linguagem e sua utilização é necessária, se não na elaboração de uma mensagem – visto que a tecnologia

nos oferece os multimeios – pelo menos na sua leitura. Ou seja, tanto o conceito quanto a prática resistem ao novo. Mais do que isso, fazem parte dele.

Embora a linguagem contemporânea esteja adaptada aos meios tecnológicos que requer a agilidade adquirida na substituição das letras anteriormente empregues pelo uso de ícones, símbolos, *emoticons* e toda sorte de recursos que podem ser utilizados na elaboração de uma mensagem, a leitura da mensagem e sua relação com o contexto ainda deve ser realizada com base no código escrito, ou seja, o alfabeto.

No interessante diálogo, mediado pela jornalista e ensaísta Jean Philippe de Tonnac, entre o escritor e filósofo Umberto Eco e escritor, roteirista e diretor Jean-Claude Carrière que originou o livro *Não Contem com o Fim do Livro*, em 2010, os dois consideram que o universo das imagens ilustra a questão da aceleração exponencial das técnicas e nos coloca no século em que, pela primeira vez na História, se inventam novas linguagens. (PEREIRA, 2010). No entanto, os intelectuais advertem para o fato de que,

Sempre que surge uma nova técnica, ela quer demonstrar que revogará as regras e coerções que presidiram o nascimento de todas as outras invenções do passado. Ela se pretende orgulhosa e única. Como se a nova técnica carresse com ela, automaticamente, para seus novos usuários, uma propensão a fazer economia de qualquer aprendizagem. Como se ela propiciasse por si mesma um novo talento. Como se se preparasse para varrer tudo que a precedeu, ao mesmo tempo transformando em analfabetos e retardados todos aqueles que ousassem repeli-la. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 39).

Nesta personificação da técnica, Carrière adverte para o deslumbramento que a era digital tem suscitado. Se comparada à invenção da escrita ou da imprensa, a linguagem digital surpreende pela rapidez com que esta invadi as nossas vidas, e pela versatilidade com que se adapta aos aspectos práticos da vida cotidiana. (ECO; CARRIÈRE, 2010). Sentir-se inapto diante deste aparato acontece com a maioria de nós, uma vez que a infinidade de recursos disponíveis exige adaptação e aprendizado.

Para Carrière, não há motivo para tal deslumbramento, uma vez que cada nova técnica exige uma longa iniciação em uma nova linguagem. (ECO; CARRIÈRE, 2010). E esta será ainda mais longa na medida em que o nosso espírito estiver formatado pelas linguagens que precedem o nascimento da recém-chegada. Para os nativos digitais, a relação da linguagem com os multimeios é naturalizada pelo seu uso. Para os demais, é aprendizagem.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio do uso da linguagem e os meios de aquisição são próprios do ser humano, o letramento está intrínseco na alfabetização com o uso das letras no ler e escrever, circulando em diferentes contextos do mundo escolar. As mudanças advindas com a introdução do termo multiletramento no universo contemporâneo, causa mudanças,

mas atividades como a alfabetização e o letramento permanecem, conseqüentemente se insere outras como letramento digital e multiletramento.

Como todo processo em andamento, as implicações decorrentes do uso das TDIC se fazem sentir ao longo do percurso. No que diz respeito ao ensinar e ao aprender, até o momento, convivemos com a coexistência de métodos e de meios.

O termo alfabetização ainda pode ser encontrado em documentos oficiais da área da educação elaborados recentemente. Em documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o uso da TDIC merece destaque, e a recomendação para que o professor trabalhe competências e habilidades necessárias ao seu uso é reiterada nos diferentes níveis de ensino. Embora a precariedade de condições oferecidas por grande parte das escolas, ainda torne o letramento digital uma utopia, não podemos nos omitir diante do fato consumado. As TDIC invadem o cotidiano da maioria das pessoas e avançam conforme evoluem os mecanismos de acesso como *e-books*, *tablets*, celulares, entre outros, e isso inclui também os alunos.

Ensinar, no contexto tecnológico digital, é um processo que se dilata pela rede. Ainda é necessário alfabetizar, letrar e auxiliar o aprendiz para que ele alcance o domínio de recursos básicos como as formas de expressão através da linguagem e das operações matemáticas, mas precisamos ir muito além, as exigências do mundo tecnológico estão em constante evolução.

O conhecimento sempre foi estratégia de sobrevivência e, mais do que nunca, ele se torna crucial. Neste contexto em que as informações são multiplicadas ao infinito, em que os recursos de acesso através das quais estas informações chegam até nós se atualizam constantemente, e em que o nosso próprio fazer cotidiano se torna altamente condicionado ao digital e tecnológico, só nos resta ensinar a aprender. Dotar o aprendiz de recursos dos quais ele poderá se valer diante dos desafios que a vida lhe apresentar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. V.; CANTUÁRIA, L. L. C.; GOULART, J. C. Os avanços tecnológicos no século XXI: desafios para os professores na sala de aula. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)**, v. 7, n. 2, p. 296-322, 2021. Disponível em: <https://revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/11738>. Acesso em: 13 ago. 2022.

ALVES, M. M. S.; FERRETE, A. A. S. S.; SANTOS, W. L. Reflexões acerca do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na formação inicial docente de uma turma de licenciatura em EaD. **Scientia Plena**, v. 17, n. 01, 2021. Disponível em: <https://scientiaplena.emnuvens.com.br/sp/article/view/5859>. Acesso em: 15 set. 2022.

AQUINO, R. **Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD**. 3 fev. 2003. Fundação Universia- Coluna Atualidades. Disponível em: <https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/01/28/490613/usa-bilidade-e-chave-aprendizado-em-ead.html>. Acesso em: 13 ago. 2022.

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BCB. Estatísticas do Pix. **bcbr**, Brasília, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/estatisticaspix?> Acesso em: 10 set. 2022.

BARTOLOMÉ, A.; ESPÍNDOLA, M. B.; LEONEL, A. A.; LIMA, I. N. R. Educação na cultura digital: novas ambiências de aprendizagem e implicações para a formação de professores. **Perspectiva**, v. 39, n. 3, p. 1-22, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Andre-Ary-Leonel/publication/355385051\\_Educacao\\_na\\_cultura\\_digital\\_novas\\_ambiencias\\_de\\_aprendizagem\\_e\\_implicacoes\\_para\\_a\\_formacao\\_de\\_professores/links/617c3f98eef53e51e1063638/Educacao-na-cultura-digital-novas-ambiencias-de-aprendizagem-e-implicacoes-para-a-formacao-de-professores.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Andre-Ary-Leonel/publication/355385051_Educacao_na_cultura_digital_novas_ambiencias_de_aprendizagem_e_implicacoes_para_a_formacao_de_professores/links/617c3f98eef53e51e1063638/Educacao-na-cultura-digital-novas-ambiencias-de-aprendizagem-e-implicacoes-para-a-formacao-de-professores.pdf). Acesso em: 23 ago. 2022.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E CULTURA - CENPEC. Retratos da leitura no Brasil: porque estamos perdendo leitores. **Cenpec**, São Paulo, 26 set. 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores>. Acesso em: 16 ago. 2022.

CONCEIÇÃO, L. E. G.; SANTOS, T. A. Letramento digital: um estudo do componente curricular de língua inglesa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Communitas**, v. 6, n. 14, p. 48-63, 2022.

ECO, U.; CARRIÈRE, J.-C. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro. Record, 2010.

FRANCISCO, E.; FERREIRA, H. M.; GOULART, I. C. V. Letramento digital: do uso das tecnologias digitais à formação dos professores de língua portuguesa, o que se discute sobre isso? **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 12, n. 3, p. 109-127, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5771/577163983009/577163983009.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GEEK300. Melhores e-readers e leitores digitais. **geek360**, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://geek360.com.br/melhor-e-reader/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GRANDE, G. C. Multimodalidade, sinestesia e multiletramentos: subjetividades para formação de professores de língua inglesa. **The ESPECIALIST**, v. 42, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/52767> Acesso em: 13 ago. 2022.

IBGE. **Censos 2019**: uso de internet, televisão e celular no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

IMPERADOR, C. **Conhecimento científico e divulgação científica**: uma aproximação produtiva em busca do empoderamento e da emancipação. 2021. Dissertação (mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo São Paulo, 2021.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUSTOSA, M. C.; SOUSA, M. S. R. Alfabetização e letramento: englobando a prática atualizada. In: BIÉ, E. F.; SILVA, M. S.; CUNHA JUNIOR, H.; SANTOS, F. S. C.; BIÉ, S. L.; SILVA, E. B. O.; SANTOS M. M.; BILBIANO, F. A. (org.). **Fazer educativo: ensino e aprendizagem – desenvolvimento intelectual e as relações afetivas em sala de aula.** v. 5. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 147-180.

MARFIM, L.; PESCE, L. Trabalho, formação de professores, e integração das TDIC às práticas educativas: Para além da racionalidade tecnológica. **Education Policy Analysis Archives**, v. 27, p. 89-89, 2019. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/4168/2283>. Acesso em: 18 ago. 2022.

NINIO, M. Os chineses estão cada vez mais ricos, mas sem dinheiro no bolso: o celular basta. **oglobo**, São Paulo, 16 out. 2010. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/marcelo-ninio/post/chineses-estao-mais-ricos-mas-sem-dinheiro-no-bolso-o-celular-basta.html>. Acesso em: 3 set. 2022.

OLIVEIRA, S. S.; SILVA, O. S. F.; SILVA, M. J. O. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9239>. Acesso em: 3 set. 2022.

PASSINHO, J. S. **Argumentação e formação do senso crítico**: proposta de trabalho com o gênero anúncio. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: [http://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/12296/1/Dissertacao\\_ArgumentacaoFormacaoSenso.pdf](http://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/12296/1/Dissertacao_ArgumentacaoFormacaoSenso.pdf). Acesso em: 13 set. 2022.

PEREIRA, M. M. Contem com o fim do livro de Umberto Eco; Jean-Claude Carrierère: Rio de Janeiro: Record, 2010. **Dialogia**, v. 9, n. 1, p. 129-130, 2010.

RODRIGUES, M. F. 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa: retratos da leitura. **cultura.estadao**, São Paulo, 18 maio 2016. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>. Acesso em: 5 set. 2022.

ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

SILUS, A.; FONSECA, A. L. C.; JESUS, D. L. N. Desafios do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia da COVID-19: repensando a prática docente. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5336-e5336, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5336>. Acesso em: 3 set. 2022.

SOUSA, L. D. Letramento e multiletramento. **Revista e-escrita**, v. 10, n. 2, p. 62-72, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268394946.pdf>. Acesso em: 3 set. 2022.

# UMA REFLEXÃO EM TORNO DOS LIMITES DO CONHECIMENTO

*Data de aceite: 01/03/2023*

### **Dyana Batista de Lima**

Especialista em Governança de Tecnologia da Informação pela PUC Minas (2016) e Graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Estácio de Sá (2009). Cursa mestrado em Governança, Tecnologia e Inovação, na Universidade Católica de Brasília. Atualmente é assistente militar no Centro de Comunicação Social da Marinha  
<http://lattes.cnpq.br/1204353745700515>

### **Edwaldo Costa**

Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutor em Comunicação pela PUC-SP. Cursa pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da UnB e na Daphne Cockwell School of Nursing Toronto Metropolitan University  
<http://lattes.cnpq.br/3950553227038648>  
<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

**RESUMO:** Que é e como se produz o conhecimento? O que é a Teoria do Conhecimento ou Epistemologia? Qual é a sua aplicabilidade prática? Partindo dessas interrogações, busca-se apresentar neste artigo as diferentes concepções teóricas que

ofereçam uma visão de conhecimento, de história, de homem e de mundo. Enquanto estudo do conhecimento, a epistemologia interessasse pelas seguintes questões: quais são as condições necessárias e suficientes do conhecimento? Quais são suas fontes? Qual é sua estrutura e quais são seus limites? Enquanto estudo da crença justificada, a epistemologia pretende responder questões como estas: como iremos entender o conceito de justificação? O que torna justificada uma crença? A justificação é interna ou externa à mente de alguém? Já num sentido mais amplo, a epistemologia trata de questões relacionadas com a criação e a disseminação do conhecimento em áreas particulares de investigação. Esse artigo proporcionará um panorama sistemático dos problemas que as questões colocadas acima geram e abordará, com alguma profundidade, questões relativas à estrutura e aos limites do conhecimento e da justificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia. Conhecimento. Investigação.

### **A REFLECTION ON THE LIMITS OF KNOWLEDGE**

**ABSTRACT:** What is knowledge and how is it produced? What is Theory of Knowledge or

Epistemology? What is its practical applicability? Based on these questions, this article seeks to present the different theoretical conceptions that offer a vision of knowledge, history, man and the world. As a study of knowledge, epistemology is interested in the following questions: what are the necessary and sufficient conditions of knowledge? What are your sources? What is its structure and what are its limits? As a study of justified belief, epistemology aims to answer questions like these: How are we to understand the concept of justification? What makes a belief justified? Is justification internal or external to one's mind? In a broader sense, epistemology deals with issues related to the creation and dissemination of knowledge in particular areas of investigation. This article will provide a systematic overview of the problems that the questions posed above generate and will address, in some depth, issues related to the structure and limits of knowledge and justification.

**KEYWORDS:** Epistemology. Knowledge. Investigation.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Epistemologia ou Teoria do Conhecimento é uma das áreas da filosofia que estuda o conhecimento. A epistemologia estuda a formação do conhecimento, a diferença entre ciência e senso comum, a validade do saber científico, dentre outras questões.

Assim como a ética se ocupa das questões morais e a política trata do funcionamento da sociedade, a epistemologia se ocupa do saber. *Epistem* – vem do grego e significa conhecimento e *Logia* – estudo. Assim, a epistemologia é o estudo do conhecimento, suas fontes e como ocorre sua aquisição.

Para Cid e Segundo (2020 p.16) “a epistemologia, ou teoria do conhecimento, é comumente caracterizada como o estudo filosófico da natureza, da estrutura, das fontes, dos limites do conhecimento e de fenômenos correlatos”. Esses fenômenos correlatos envolvem, segundo os autores, aspectos relacionamentos ao entendimento, evidência, confirmação, além de propriedades epistêmicas importantes como justificação, racionalidade, dentre outras.

Já para Souza e Gamboa (2011, p.2) a Epistemologia nada mais é do que:

“[...] pesquisa sobre a pesquisa, se impõe, também, como importante campo de produção de conhecimento, pois amplia a possibilidade de identificação de problemas, tendências e perspectivas da produção científica.”

A reflexão epistemológica costuma ter início com a busca de uma definição do que vem a ser conhecimento, uma vez que, de acordo com Oliva (2011 p. 6), “esse é o procedimento padrão porque se não se sabe o que é conhecimento e não se tem como saber onde e como procurá-lo.”

Para o filósofo Bertrand Russel, como citado por (Silva e Arcanjo, 2021 p.150-1), “a epistemologia foi definida, então, como o trabalho de análise da natureza do conhecimento, a partir de métodos formais, discutindo as noções de justificação, evidência, certeza, dúvida etc.”

A racionalidade e a historicidade como características do homem podem ser compreendidas a partir do conhecimento. O ato de conhecer é uma ação humana através da qual podemos perceber que o homem é – ao mesmo tempo – racional e histórico (racionalidade e historicidade). O ato de conhecer é compreendido como o processo pelo qual o homem compreende o mundo, bem como, o conhecimento é definido como o conjunto de enunciados sobre o mundo. O conhecimento, portanto, é justificado pela racionalidade ao ponto que constitui uma “ação e um produto racional” (BOMBASSARO, 1992, p. 17). Constitui uma ação e um produto na medida em que o homem produz enunciados (compreensões) sobre o mundo, constantemente utilizados para a construção do conhecimento. Contudo, estes enunciados e, portanto, o conhecimento, é dotado de sentido, de significações construídas pelo homem, o que caracteriza o conhecimento como racional. Por fim, a racionalidade não consiste, simplesmente, na produção de enunciados pelo homem, mas dos argumentos e justificativas que dão forma ao conhecimento.

Conforme Bombassaro ( 1992, p.18) “ao tratar da questão do conhecimento, deve-se ter presente, em primeiro lugar, que ele é uma atividade intelectual na qual o homem procura compreender e explicar o mundo que o constitui e o cerca”.

Vimos à dimensão racional do conhecimento, contudo, a partir da frase de Bombassaro, devemos salientar outra dimensão do conhecimento, a historicidade. Por ser uma atividade intelectual, o conhecimento não pode ser entendido pela simples ação mental do homem, mas o resultado, o conjunto de enunciados produzido, sistematizado e partilhado como condição para a existência e perpetuação humana. Desta forma, o conhecimento não consiste apenas na percepção da existência e do mundo, mas uma ação que se vincula ao coletivo e que é sistematizado e partilhado na convivência social. Esta justificativa caracteriza o conhecimento pela sua historicidade contemplando as duas categorias explicativas: a racionalidade e a historicidade.

## **2 I COMPÊNDIO DE EPISTEMOLOGIA**

Nesse sentido, uma vez que, de modo geral, a epistemologia refere-se à teoria do conhecimento, faz necessário, portanto, explorar as diferentes ideias e questões pertencentes a esse domínio.

A autora Linda Zagzebski, em *Compêndio de Epistemologia* busca analisar o objeto e os componentes do conhecimento. No decorrer de sua análise, fica latente para a autora a percepção de que é difícil determinar uma definição real ou não do que é o conhecimento.

Se, de acordo com algumas teorias, em especial aquelas de viés mais tradicional, a definição de conhecimento pode ser considerada limitada, para outras, voltadas às correntes contemporâneas, esse conceito pode ser visto com maior amplitude e flexibilidade.

De acordo com Linda Zagzebski, em sua pesquisa do do que vem a ser o conhecimento, percebe-se que ele pode ser identificado por determinada habilidade ou

prática, por exemplo: eu sei cozinhar. Trata-se do *como*. Eu sei como cozinhar, como andar de bicicleta, entre outros.

Por outro lado, temos o conhecimento por familiaridade, no qual o sujeito está em contato, pela experiência, com algo ou alguém. Por exemplo: eu conheço *o* Vicente.

E por fim, o conhecimento proposicional, aquele em que afirmo: eu sei *que* Vicente é um filósofo, que trata sobre o conhecimento proposicional, na qual a análise de Linda Zagzebski busca de fato se aprofundar.

Para a autora é reconhecido que tal assunto não se trata da mesma forma de outros conceitos com tipos naturais e isolados, como o que é a água ou o ouro, mas, talvez, de algo que dependa de certo tipo de complementação, pois seu significado está fora da sua essência, não havendo, portanto, um entendimento único.

A autora sugere que, alguns critérios comuns para uma boa definição do que é conhecimento devem ser observados: “não deve ser circular, não deve ser obscura, não deve ser negativa quando pode ser positiva, deve ser breve e por fim, não pode ser *ad hoc*, ou seja, não podemos estar sempre alterando a definição para que ela se ajuste aos problemas, circunstâncias ou situações que buscamos resolver.”

Vale destacar a importância desse debate, sobretudo, no que se refere a concepção de que o conhecimento, por se tratar de algo altamente valorizado, é visto inclusive como uma virtude moral. Ademais, compreende-se que, o conhecimento por ser tratar de um estado cognitivo de uma pessoa com a realidade é relevante não somente sobre a investigação e interesse sobre o mundo que nos cerca, mas, de igual maneira, sobre o conhecimento de si mesmo.

No livro *Um Discurso sobre as Ciências* (2002), Boaventura de Sousa Santos analisa as soluções que o paradigma moderno buscou para responder aos problemas sociais, argumentando que estavam, cada vez mais, ineficazes e indicando que estaríamos em uma transição da modernidade para a pós-modernidade. No entanto, em entrevista a Manoel Tavares, anos depois da publicação do livro acima citado, responde que, posteriormente a esta publicação, resolveu abandonar a designação de paradigma pós-moderno. Tentou trazer um novo termo, o que ele chamou de paradigma pósmoderno de oposição, mas, ao ver que não conseguiria mudar tal concepção na sociedade, achou melhor a abandonar.

O pós-modernismo foi abandonado pelo fato de ser utilizado e caracterizar diversos temas, trazendo consigo possíveis confusões no seu entendimento. A partir disso, Boaventura de Sousa Santos conclui que há mais mudanças no paradigma moderno (atual e dominante), do que necessariamente existe uma nova postura paradigmática. Não estamos entrando em um paradigma pós-moderno e sim estamos vendo e vivendo as transformações da modernidade. No entanto, a visão de um novo paradigma reflete-se, na verdade, por meio de um conjunto de paradigmas e mostra a pluralidade de epistemologias que não podem e nem são simplificadas em uma única epistemologia geral e global.

Na mesma entrevista a Manuel Tavares, Boaventura de Sousa Santos, quando

questionado sobre como o positivismo influenciou e influencia nas pesquisas das ciências sociais, coloca o positivismo como uma epistemologia “estreita” que não dá conta de todos os detalhes das pesquisas científicas. Assim, para se ter um avanço epistemológico de conhecimento, seria necessário avançar nas lutas sociais contra o sofrimento causado pela dominação colonialista da epistemologia dominante.

Como proposta epistemológica, Boaventura de Sousa Santos traz as epistemologias do sul, entendendo por “Epistemologia do Sul a metáfora do sofrimento humano, sistematicamente causado pelo capitalismo” (2007, p. 4). A produção de conhecimento passa por outras formas e busca alternativas contra as armadilhas de exclusão do capitalismo. Contra um etnocentrismo epistemológico, busca-se, dentro das pesquisas, não sobrepor umas sobre as outras, mas propor que os saberes consigam fazer trocas de seus conhecimentos, sem se anularem, criando uma ecologia dos Saberes:

Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. Isto implica renunciar a qualquer epistemologia geral. (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, 2007, p. 23)

Para esclarecer o pensamento pós-abissal, temos que redimensionar a divisão das linhas geográficas abissais que dividiram o mundo em hemisférios Sul e Norte também no âmbito do conhecimento. A sobreposição do Norte sobre o Sul parece muitas vezes invisível, como as linhas cartográficas, mas sabemos das desigualdades entre os lados. Boaventura nomeia de epistemicídio quando acontece essa sobreposição de saberes.

Estas propostas, apresentadas pelo autor, muitas vezes podem ser confundidas com um relativismo epistemológico, entretanto, ele mesmo aponta que a teoria crítica não aceita o relativismo. Ressalta um pluralismo epistemológico evidenciado na ecologia dos saberes que não desperdiça nem anula os conhecimentos do Sul, pois possibilita que os conhecimentos, até então silenciados, sejam trazidos para acontecer uma reconstrução epistemológica. Reconhecer o Sul significa ir além de uma simples justiça global, conforme Boaventura, só acontece quando há justiça cognitiva global.

Passar por todas essas etapas do desenvolvimento da epistemologia leva-nos a poder contextualizá-la conforme seus tempos e ver como hoje ela continua sendo importante para o desenvolvimento social. Embora durante muitos anos se tenha excluído alguns saberes do estudo epistemológico, hoje podemos dizer que houve uma transformação neste pensar que se reflete na valorização das diferenças do conhecimento. Para que tenhamos uma democracia além de programas governamentais, temos, também, que trabalhar com o reconhecimento das diferenças, reforçando a ideia de uma ecologia dos saberes. Sem deixar de lado as lutas e os movimentos sociais, a epistemologia do Sul possibilita pensar alternativas para a realidade social, mas o “cuidado” indicado por Boaventura é que essas - alternativas - não se tornem “silenciamentos alternativos”. O papel da epistemologia na

atualidade vai além do estudo dos conhecimentos científicos e alcança, também, a justiça cognitiva global.

### 3 | AS FONTES DO CONHECIMENTO

Considerada a complexidade do que vem a ser entendido por conhecimento, surgem, portanto, questões de quais seriam as fontes do conhecimento.

Segundo Moser, Mulder e Trout (2008, p. 6), epistemologia é o estudo filosófico da natureza, das fontes e dos limites do conhecimento. A epistemologia é uma disciplina normativa que visa distinguir o conhecimento verdadeiro do conhecimento ilusório e empreende esta tarefa para melhorar os meios pelos quais as pessoas podem adquirir conhecimentos cientificamente válidos, levando-se em conta o conhecedor e o conhecido.

Tradicionalmente a epistemologia formulou diversos postulados sobre as fontes do conhecimento, das quais podemos pontuá-las genericamente sobre dois polos opostos: o polo racionalista (que enfoca os conhecimentos ditos inatos e universais) e o polo empirista (enfoca os fenômenos observáveis). Cada um dos polos tem uma perspectiva própria da relação conhecedor-conhecido-conhecimento.

Embora para alguns filósofos a epistemologia seja um campo mais amplo e que engloba (ou que deveria englobar) todos os domínios científicos, para outros é possível desenvolver uma epistemologia restrita a um único domínio a fim de definir sua categoria de conhecimento específica.

Essa perspectiva se apoia principalmente nos efeitos causados pelas contribuições de Wittgenstein que nega a “existência de uma única noção geral de conhecimento que esteja por trás de vários domínios epistêmicos potenciais” (MOSER; MULDER; TROUT, 2008, p. 30).

Num sentido aplicado à BCI, Hjørland e Albrechtsen (1995) consideram que as perspectivas sociológicas e filosóficas são fundamentais para os estudos da informação em domínios. A análise de domínio não centra sua atenção sobre a informação ou no conhecimento, mas antes, na produção destes. Assim, seu foco é sobre as comunidades discursivas, as quais são compostas por saberes, práticas, objetos, sujeitos e instituições sociais em constante interação tecem redes de signos e semânticas articulados em documentos.

Corroborando, Moser afirma que os filósofos adotaram ao longo dos anos duas grandes correntes de pensamento: o racionalismo e o empirismo. O primeiro, tem por base que toda fonte de conhecimento é a razão não empírica, dando-se ênfase ao papel da razão. Segundo os racionalistas todo acontecimento tem uma causa e creem que seria possível, inclusive, provar, por esse viés, a existência de Deus.

Ao analisar as fontes do conhecimento pelos aspectos tradicionais discutidos por racionalistas e empiristas, bem como por meio do estudo da percepção, memória, intuição

e unificação de todos esses anteriores, os empiristas sublinham que a fonte de todo conhecimento se dá pela experiência sensorial. A corrente dominante do empirismo afirma que todos os nossos conhecimentos não tautológicos nascem da experiência sensorial. Segundo Hume, grande defensor dessa corrente, o sentido de conceitos que não tem base na experiência e nas sensações são questionáveis e não teria sentido algum.

Os argumentos epistemológicos, ou seja, aqueles voltados a compreensão do conhecimento, normalmente se iniciam com que o é chamado pelos filósofos de intuição. Para o autor, as intuições podem ser concebidas como palpites teóricos, que são aqueles cujas crenças são relativamente não espontâneas e não refinadas.

O autor pontua que, quando fazemos afirmações intuitivas elas são quase que relatos pessoais, estando intrinsicamente relacionadas a nossas experiências próprias de modo quase autobiográfico. Nesse caso, quando o objeto do conhecimento é a própria pessoa se trata de recurso aceitável, porém quando o objeto é impessoal a intuição não corresponde de fato a nenhum indicio significativo de prova ou argumento.

Considera-se relevante o estudo da memória dado que a sua perda tem como consequência a perda também do conhecimento. A memória parece ser de fato um privilégio em primeira pessoa, uma vez que quase nunca colocamos em cheque a lembrança de algo que nos tenha acontecido. Entretanto, estudos comprovam a sua fragilidade, uma vez que todas as lembranças possuem um sujeito e um objeto, ambos factíveis de erros e distorções.

O autor destaca também a importância da unificação teórica dentro desse estudo da fonte do conhecimento e defende que para resguardar nossa responsabilidade epistemológica precisamos confiar nos outros. Um especialista pode ser confiável na sua área, mas não será mais confiável que um novato em outra. Enfim, temos que ter consciência que, por mais que tenhamos conhecimento sobre determinado assunto, somos ignorantes em tantos outros. Nesse sentido, as crenças as quais se chega por um número maior de métodos independentes são, em geral, mais confiáveis do que aquelas as quais se chega por um único método.

Um panorama apresentado no estudo das fontes do conhecimento nos mostra o quão vasto e instigante é esse assunto. Devemos buscar conhecer verdades importantes e evitar erros, afinal, somos nós individualmente responsáveis pelo conjunto de conhecimento que adquirimos, tanto quanto aqueles que compartilhamos.

## **4 | POR QUE A FILOSOFIA DA CIÊNCIA**

A filosofia da ciência é um assunto difícil de se definir por ser a própria filosofia de difícil definição. De todo modo, a filosofia da ciência deve ser uma preocupação central não apenas dos filósofos, mas também dos cientistas. O autor busca explorar as questões em que a filosofia lida com questões que a ciência, até o momento, não consegue responder

ou até mesmo nunca poderá ser capaz de explicar.

Sabemos que todas as disciplinas derivam da filosofia. A matemática lida com números, mas é incapaz de explicar o que é um número. A física, segundo a lei de Newton nos prova que força é igual a massa vezes aceleração, e a aceleração se define por meio da fórmula:  $dv/dt$ , onde a primeira é derivada da velocidade em relação ao tempo, mas não temos a explicação do que é o tempo.

Apesar das tentativas de representar o tempo por meio horas, minutos e segundos, trata-se tudo isso de uma maneira de representação por meio de unidades, e permanece a questão do que é tempo sem resposta.

O fato é que todas as ciências, em especial as qualitativas, confiam piamente no raciocínio lógico e nos argumentos dedutivamente válidos, além de confiar nos argumentos indutivos, que são aqueles que partem de um conjunto de dados para teorias gerais. A lógica, de modo geral, seria o estudo das formas válidas do raciocínio.

As ciências são descritivas, ou como se diz às vezes, positivas e não normativas, as ciências sociais ou naturais, não contestam ou defendem as visões normativas que devemos sustentar, cabendo a filosofia essa tarefa. Como dito, a filosofia é uma disciplina complexa de se definir com precisão, principalmente por tratar de questões que a ciência não pode responder.

A ciência como fonte de conhecimento objetivo desperta questões sobre o modo com que ela, a ciência, assegura o conhecimento e sobre fontes alternativas ou outros meios de assegurá-lo. Considerando o seu fornecimento de descrição da realidade, a ciência tem sido, segundo o autor, ao longo dos anos, a força mais influente na configuração dos problemas filosóficos mais relevantes.

Segundo alguns pesquisadores, como a ciência é de fato a única característica distintiva da civilização ocidental adotada ao redor do mundo, compreendê-la é fundamentalmente importante. A filosofia provocada por questões que a ciência, mesmo que amparada por diferentes disciplinas não consegue explicar, tem a autorização e sobretudo a responsabilidade de buscar tais respostas, mesmo que não as encontre.

Na contemporaneidade é comum observarmos a relação de epistemologia e teoria do conhecimento como sinônimo. Contudo, Stein (1988) afirma que há uma diferença essencial.

“A teoria do conhecimento estuda os processos internos e como se constitui o conhecimento na mente; e a teoria da ciência estuda a validade dos processos objetivos que produzem o universo cognitivo pela ciência (STEIN, 1988, p.106)”.

Como vimos, diversos autores discutem a compreensão e distinção entre a teoria do conhecimento e a teoria da ciência ou epistemologia. Kant, Heidegger, Hegel são alguns dos pensadores que problematizaram esta discussão salientando a relação entre a teoria e a prática no processo de construção do conhecimento.

Neste sentido, observa-se, na história da epistemologia, duas vertentes que

problematizam esta relação: o racionalismo, que deposita no pensamento, na razão, a fonte do conhecimento, o qual deve ser logicamente necessário e universalmente válido; e o empirismo, que propõem a experiência como única fonte de conhecimento. Esta última posição metodológica ignora a razão humana. Posições que problematizam a teoria do conhecimento no sentido de desvendar este processo focado na relação do sujeito. Podemos identificar, ainda, a discussão existente quanto à teoria da ciência, a qual problematiza a primazia da teoria ou da prática.

A tendência fundamental da epistemologia reproduz o pensamento de Kant, segundo o qual existem formas anteriores ao entendimento que produzem a inteligibilidade. Já, na dialética hegeliana, este problema tenta ser superado pela primazia da prática. Contudo, Heidegger tenta resolver esta relação quando propôs analisar o homem como ser no mundo, compreendo que a inteligibilidade está diretamente relacionada ao nosso modo de agir no mundo.

A epistemologia na contemporaneidade vem buscando superar a dualidade que, por muito tempo, permeia as discussões epistemológicas e da teoria do conhecimento: a dualidade racionalidade e historicidade.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do conhecimento pode ser compreendida como um processo diverso onde o conhecimento empírico, o senso comum e o saber científico como modalidades diversas de abordagem do objeto, vão provocar um processo de aprendizagem ou de “construção” no sujeito. A compreensão da gênese e do processo histórico que constitui a ciência e explica seu estatuto de cientificidade é construído pelo seu próprio aprendizado.

Diante dessas reflexões, é possível concluir que o pesquisador a partir da sua constituição, precisa encontrar sentidos no campo do conhecimento que desenvolve. Em que a ciência seja contextualizada e percebida desde uma perspectiva multidimensional, criando interligações entre os diferentes saberes, no entendimento de que os elementos que fazem parte do mundo real não podem ser compreendidos isoladamente, nem entendidas como um simples ato de um espelhamento ou de um reflexo fiel da realidade porque estes apresentam-se na sua complexidade.

Com isto, se clama para que no desenvolvimento contemporâneo, precisa-se pensar cientificamente segundo os pressupostos do pensamento complexo, isto exige nos envolver, participar e questionar do seu fundamento ara intervir no mundo. Não é suficiente que a ciência forneça objetos úteis para as pessoas, é necessário que a ciência faça parte da forma de pensar das pessoas para que possa tomar decisões em assuntos de interesses sociais relacionados com ciência e a tecnologia.

Conclui-se que é necessário sempre refletir sobre as concepções epistemológicas acerca da natureza da ciência em que se desenvolve a construção do conhecimento e,

consequentemente, refletir sobre os saberes que produz, para que visando pressupostos transforme o desenvolvimento pessoal e profissional.

Espera-se que este artigo possa contribuir com pesquisadores e interessados no assunto auxiliando-os a refletir sobre a natureza do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALSTON, William. Epistemic Justification. Essays in the Theory of Knowledge. Ithaca: Cornell University Press. 1989.

\_\_\_\_\_. Perceiving God. The Epistemology of Religious Experience. Ithaca: Cornell University Press. 1991.

AUSTIN, John L. Outras mentes. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores). A VOLTA da Filosofia. Paróquia de São Sebastião. 2010.

CARNAP, Rudolf. Testabilidade e significado. Trad. Pablo Rubem Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. Empirismo, semântica e ontologia. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CHISHOLM, Roderick. Teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1980.

CONTE, Jaimir. David Hume. [200?]. Disponível em: . Acesso em: 29 ago. 2011.

DELEUZE, Gilles. A filosofia crítica de Kant. Lisboa: Edições 70, 1990.

DESCARTES, René. As paixões da alma. Trad. Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. Discurso do método. Trad. Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. Meditações de filosofia. Trad. Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Huemer, Michael. Skepticism and the Veil of Perception. New York: Rowman and Littlefield. 2000.

RENÉ Descartes Biography. Encyclopedia of World Biography. 2011.

SEGUNDO, Luiz Helvécio Marques; CID, Rodrigo Reis Lastra. Textos selecionados de epistemologia e filosofia da ciência. Pelotas: NEPFIL Online, 2020.

STEMMULLER, Wolfgang. História da filosofia contemporânea. São Paulo: EPU/EDUSP, 1878.

TEIXEIRA, João de Fernandes. Filosofia da mente e comportamento. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

**EDWALDO COSTA** - Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília e especialista em Informática na Educação, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF e atua como jornalista no Centro de Comunicação Social da Marinha, em Brasília.

**CARLOS AUGUSTO TAVARES JUNIOR** - Pós-doutorando no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação, ambos pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Comunicação Social - habilitação em Radialismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (1999), com especialização em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos sobre Cultura e Comunicação (CELACC-USP, 2010).

**A**

Administração pública 64, 65, 66, 67, 73, 74

Alfabetização 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

Análise do discurso 54, 58, 91, 97

Aprendizagem 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 100, 101, 102, 104, 105, 108, 110, 111, 120

Artivismo 86, 87, 88, 93, 96, 98, 99

**B**

Blog 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 38, 49, 107

Blogueiros 1, 6, 10, 12, 13, 14, 16, 20

**C**

Comunicação 4, 9, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 30, 34, 35, 36, 37, 41, 42, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 88, 91, 92, 93, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 112, 122

Comunicação organizacional 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75

Conhecimento 18, 19, 52, 53, 55, 56, 60, 61, 62, 64, 66, 70, 71, 78, 80, 83, 89, 92, 100, 101, 103, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

**D**

Detento 76, 80, 84

Diálogo 53, 72, 108

**E**

EAD 77, 78, 79, 81, 83, 109

Editorial 12, 21, 24, 36, 37, 41, 42, 45, 48, 61, 99

Educação 25, 28, 37, 39, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 91, 92, 93, 99, 100, 107, 109, 110, 111, 122

Ensino superior 57, 76, 83, 84, 85, 111

Estudantes 31, 57

**G**

Grupo de pesquisa 36, 51, 52, 53, 56, 58, 60, 100

**I**

Inclusão 76

Instituto Superior de Administração Pública 64, 65, 66, 67, 73

Integração 27, 78, 104, 111

Intercom 51, 52, 53, 60, 62, 73

## J

Jornalismo 14, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34, 35, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 73, 74, 112, 122

Jornalismo periférico 22, 26, 27, 33

Jornalismo popular 22, 23, 24, 25, 26, 33, 34

## L

Letramento 89, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111

Letramento digital 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 110

Linguagem jornalística 22, 23, 27, 28, 35

## M

Mídia 1, 2, 3, 4, 5, 9, 28, 34, 37, 38, 41, 49, 50, 53, 60, 61, 62, 63, 76, 89, 122

Mídia impressa 1

Multiletramento 100, 102, 105, 106, 108, 109, 111

## O

Organização 18, 19, 60, 64, 65, 66, 72, 73, 75, 90, 94

## P

Periferia em movimento 22, 23, 24, 28, 29, 30, 32

## Q

Queer 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

## R

Rap 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Reflexão 6, 23, 52, 77, 83, 86, 88, 112, 113

Ressocialização 76, 77, 83

Revista TV Guide 36, 45

## S

Sala de aula 31, 91, 99, 109, 111

Segmentação editorial 36, 41

Sociolinguística 86, 87, 91, 92, 99

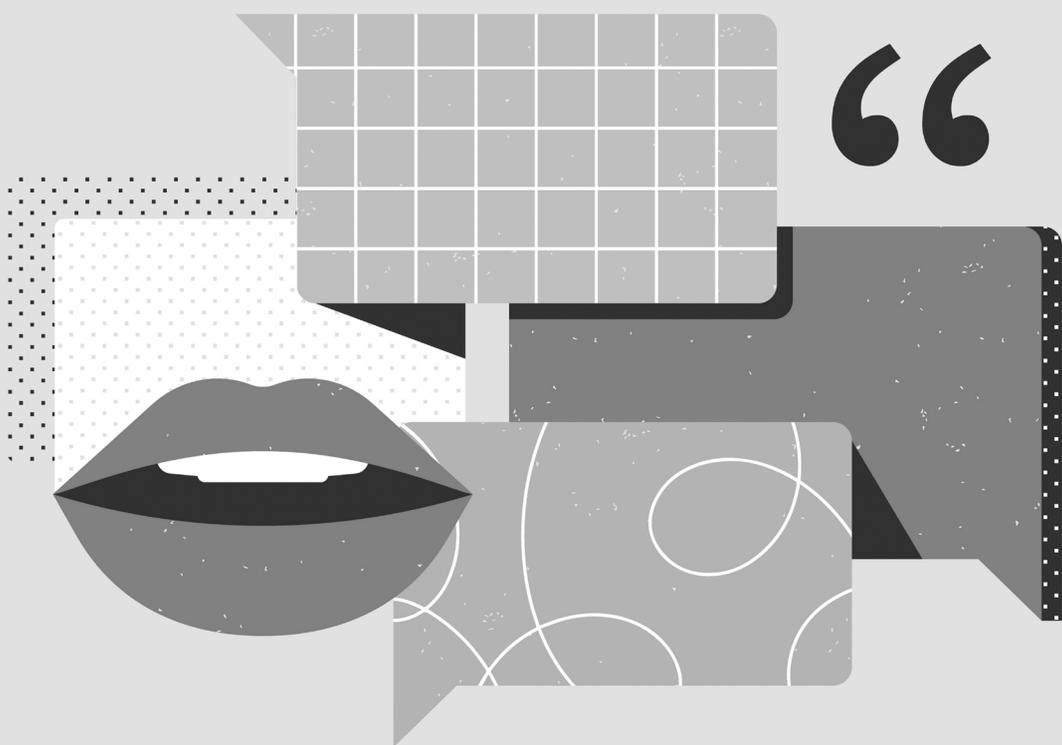
## T

Tecnologia 3, 4, 17, 40, 76, 77, 78, 81, 103, 105, 107, 110, 112, 120

Teorias do jornalismo 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 63

Triangle Publications 36, 37, 41, 48

# A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS



# A COMUNICAÇÃO E OS CONTEXTOS COMUNICATIVOS

